

A BICHERIA

Os saberes tradicionais associados
à nossa fauna silvestre



Ramiro Barros Justo



Terra de
Cotobade **5**



Carreando o esterco à veigas. Cerague (Aguas Santas).
Fonte: <https://festasdeaguasantas.blogspot.com>



Malha do centeo na casa de Alberto. O Campo, Travaço (Carvalhede).
Fonte: <https://www.verpueblos.com>



Apanha das patacas nas Vessada, o Igrejão (Loureiro).
Fonte: Manuel Anxo Méndez - Facebook Cotobade (Pontevedra).



Rematando o palheiro da erva curada.
Fonte: Sindo Penelas - Facebook Cotobade (Pontevedra).



O aguardenteiro na casa de Bouças. A Portela (Almofrei).
Fonte: Recolha de fotos da paróquia - Ana Casal.



Debulhando os garraños no Quinteirinho, Vila de Riba (Sacos).



A Sra. Dominga Gómez volvendo da erva.
O Igrejão (Loureiro). Fonte: M. Anxo Méndez.



A Sra. Maruja amassando a enformada
na casa da Portelinha (Rebordelo).



A Sra. Isabel da Condeira dispoñendo os chouriços
para afumar. <https://www.vimeo.com> - CEIP Tanoiro

(sega) realizava-se polo mês de xullo. A palha do cereal, convenientemente atada en *monlhos*, levava-se até a eira da casa onde se dispunha nuna *meda* que, chegados os calores de agosto, era desfeita para realizar a *malha*, o traballo máis duro do ciclo anual. Tradicionalmente as *malhas* eran feitas con axuda duns longos paus chamados *malhos*, mas a partir da década de 1920 comezaron a chegar as *malhadoras*, as primeiras máquinas agrícolas que irromperon nas nosas aldeas. A *malha* era sempre feita colectivamente, con axuda recíproca dos vizinhos, o que a convertía na faíña con maior dimensión festiva, pois quase todas elas acababan en banquete e farra.

Os prados. Chamados, segundo as freguesías, *folgadas* ou *pouleiras*, acháanse xeralmente localizados nas empinadas ribeiras dos regatos máis inaccesibles, o que lles permite dispoñer de rega a maior parte do ano. A erva destes prados serve xeralmente de pasto para o gado vacum durante os meses primaverais e estivais, no período en que as lavradas se acham sementadas de millo. Contudo, parte destas *folgadas* deixaban de ser aproveitadas durante varios meses para permitir o crecemento da erva que sería ceifada nos finais do mes de xullo. Os prados de sega eran moito máis frecuentes nas terras altas, onde os *cambotes* (segadores da Terra de Camba) ofrecían os seus servizos ás casas fortes. A erva era carrejada até as eiras das casas, onde se elaboraban enormes *palheiros* que servirían para alimentar o gado estabulado durante os días máis crus do inverno. Alén do máis, existían os chamados *segueiros*, prados aos que nunca se levaban as vacas e cuxa erva verde se ía ceifando ao longo do ano segundo a necesidade.

O vinhedo. As tradicionais parreiras con latada de varas e canas existían sómente nas freguesías de Tanoiro e Almofrei, as únicas en que o consumo do vinho non se restringía ás festas, *malhas* ou *esfolgadas*. Nelas as vinhas situábanse nos arredores das casas, en *pátios* sobre os camiños e nas pobres terras asocadas orientadas ao sul ou o poente. Por debaixo das *parras* sementábanse as batacas de cedo e ao pé delas dispunha-se sempre algunha *canaveira* que permitise a provisión de material para renovar bianualmente as latadas. As vinhas podábanse e atábanse polos meses de xaneiro, eran *esfolhadas* e *enxufadas* un par de veces e finalmente vendimadas en outubro. Nas casas fortes de Almofrei e Tanoiro existían bós *lagares* de pedra que eran a miúdo empréstados aos vizinhos con menos produción vitícola. No resto das freguesías do vale do Lerez era habitual a existencia de cepas a medrarem polas *cardeiras* acima, mas o seu fruto raramente era aproveitado para facer o vinho pois, como já se apuntou, en Viascom, Sam Jorge e Sacos, o tradicional era o consumo da sidra de *maçans* e peras.

As masas arbóreas.

O Cotobade da primeira metade do s.XX era un territorio fortemente desflorestado, onde as limitadas masas de árbores se concentraban preferentemente sobre terrenos particulares.

Bosques de ribeira. A maioría das margens fluviais achábanse orladas por unha masa lineal de *abeneiros*, a miúdo intercalada con *salgueiros* e *vidons* e, en moita menor medida, tamén *freixos* e *sanguinhos*. Só nas cabeceiras destes ríos, o mesmo que nos torrentes de montaña, os bosques ribeirinhos cedem o protagonismo aos *vidons* ou torna-se directamente inexistente. Estas orlas vegetais formaban o chamado *ressio do río*, unha faixa de usos comunitario que representava o principal reservatorio de madeiras diferentes das de *carvalho*, as cales eran principalmente empregadas na fabricación de alfaias agrícolas e outros utensilios domésticos.

Soutos. A nosa toponimia reflicte a pretérita existencia de grandes bosques de *castiñeiros* nos espazos máis ladeiros das nosas aldeas, mas a praga de tinta do s.XVIII reduciría a presenza desta árbore a pequenas matas ou exemplares isolados nas margens dos camiños. Porén, nas empinadas ribeiras do Lerez situadas ao noroeste da paróquia de Sacos, sobreviviu o chamado souto da Vila de Baixo, a derradeira grande masa desta produtiva especie que acabou sucumbindo ao longo da pós-Guerra ao machado dos ferreiros locais ávidos de carvão vegetal.

Carvalleiras. Os paços e casas fortes eran realmente os únicos detentores de roboredos, os cales se situaban naquelas parcelas muradas cuxa umbría ou pobreza do solo tomaba imposible outros cultivos. Os vellos carvallos eran ciclicamente *derramados* polo mes de xaneiro, cada dez ou máis anos, para o seu proveito como lenha. Por súa vez, as casas pobres contaban con exemplares no baldío convenientemente assinalados con unha marca familiar. As carvalleiras do comunal próximas das aldeas eran ademais aproveitadas para levar a elas os porcos durante o outono para se alimentarem das nutritivas *landras*. Alíás, en quase todas as freguesías existían aínda as chamadas *devesas*, zonas marginais do baldío onde medraban grande cantidade de *tropeceiros*, renovos de carvalho que as familias máis humildes cortaban ciclicamente para obterem algo de lenha miúda. Fora do seu uso como combustible, a madeira de carvalho era moito apreciada na elaboración de alfaias (carro, arado, grade...), móbiles (arcas, *uchas*, camas...), portas, cancelas, etc. e a súa casca aproveitada pola industria local dos curtidos.

Pinheirais. O pinheiro comezou a súa expansión por Cotobade nas últimas décadas do s.XIX como económico substituto a cada vez máis escasa madeira de carvalho. O facto de permitir cortas de vinte en vinte anos converteunos nunha fonte de ingresos monetarios para moitas familias, nomeadamente nas terras do vale do Lerez, as mellor comunicadas con os emergentes centros urbanos. En Almofrei e Tanoiro a maioría das

3.5. Apreciações etárias e outras

A hora de designar os filhotes ou exemplares imaturos da maioria dos animais silvestres empregam-se locuções do tipo «*cria de*» ou «*filho de*», para além dos muito proveitosos diminutivos «*-inha/o*» ou «*-zinho/o*» (*aranhinha*, *furonzinho*, *grilinho*, *salmonzinho*, *rancinha*, *raposinho*, *teiguinho*...). Em concreto para os passeriformes usa-se mais «*paxarinho de*» e para as aves de maior porte «*pichom/pito de*». Mas realmente os únicos animais com nomes específicos para os espécimes juvenis são por um lado o *côenho* (*gaçapo*) e a *perdiz* (*perdigom*), principais espécies cinegéticas, e por outro uma série de peixes comestíveis cujos imaturos resultam tão ou mais apreciados que os próprios adultos: *cavala* (*rincha*), *escacho* (*praiolo*) *olho-mol* (*pancho*), *pescada* (*carrioca*), *tróita* (*biscailho*) *salmon* (*pinto*) e *sardinha* (*xouba*). Menção à parte merece o *xorelo*, o peixe marinho mais consumido ao longo de todo o ano, para o qual se recolheram até três nomes diferentes para os exemplares não adultos: mediano (*chicharro*), pequeno (*chincho*) e diminuto (*manuelinho*).

Outra minoria de apelativos agem como sinónimos de tipo disfenístico (*abade* e *pilha-galinhas* para se referir informalmente ao *raposo*) ou apreciativos culinários (*arenga* para designar a *sardinha* inteira após a sua secagem e salgadura).

Finalmente, até nove das nossas criaturas recebem um nome próprio, pois no imaginário popular contam apenas com um único exemplar: *Bicho da Casa da Portela*, *Bichoca*, *Cabeçalhas*, *Culebrom da Cham das Latas*, *Ave da Morte*, *Cocom*, *Garrulo*, *Raposa de Morraço* e *Zarronco*. Os cinco primeiros de biótopo mais ou menos localizado e os restantes dotados de um carácter mais místico e etéreo, capazes de interagir de modo especialmente fácil no espaço e no tempo. No caso concreto da *Ave da Morte*, só uma pequena parte dos informantes o consideram uma criatura criptica, pois para a maioria este *paxaro* corresponde-se, segundo o caso, com a *curuja*, o *moucho*, o *paxaro-cabra* ou a *noitebrã*. Realmente o único animal da nossa criptofauna que conta com multidão de indivíduos da sua espécie é o popular *biorbardo*, tantos que costuma ser objeto de quiméricas caçadas.

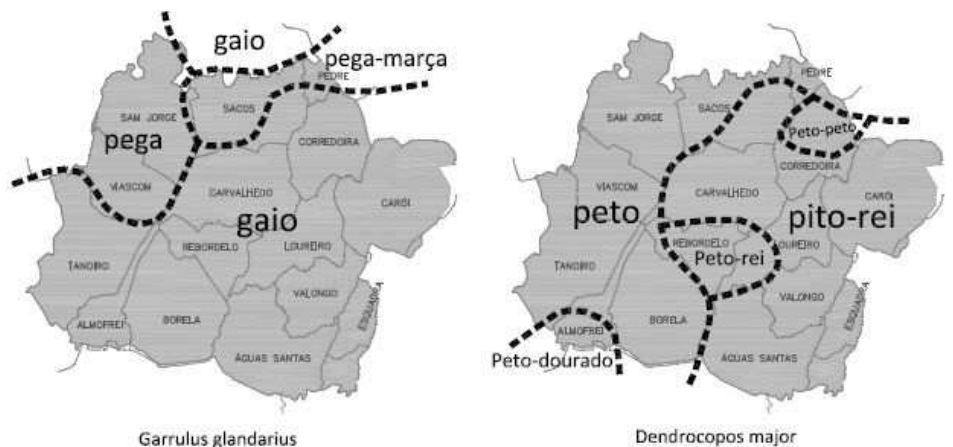
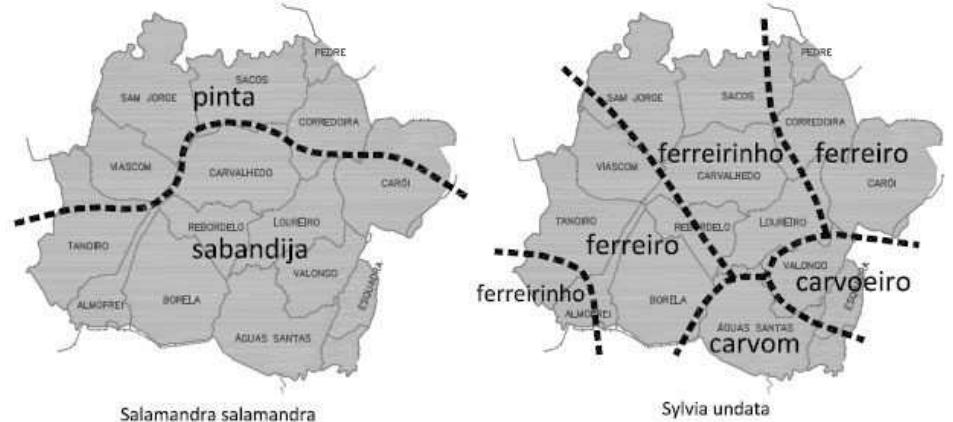
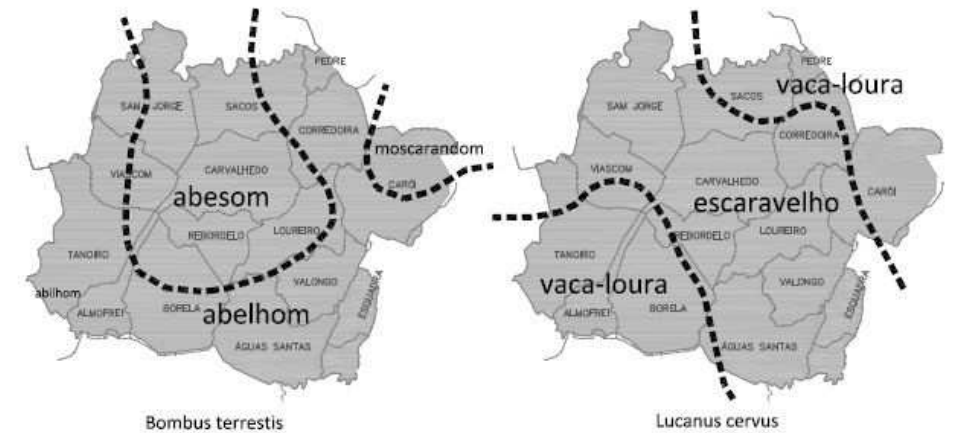
Menção à parte merecem os exemplares concretos de certas espécies que em função do seu protagonismo local chegam a receber um nome próprio, tal é o caso da *Fanada* ou o *Covo*, espécimes solitários de lobo que nos anos da pós-Guerra sementaram o medo nalgumas das nossas freguesias. Também o *Culebrom da Cham das Latas*, uma serpente de proporções desmesuradas que nos meados do s.XX deambulava pelo *baldo* da paróquia de Carvalhede.

3.6. A distribuição diatópica

Na imensa maioria dos casos os distintos sinónimos e variantes —os quais designam um 35% dos nossos etnotaxones— são de distribuição diatópica e não conhecidos fora da sua mais ou menos restrita área de uso. De facto, alheios a esta lógica ficam quase em exclusivo os escassos nomes castelhanizados de introdução relativamente recente. No que atinge à forma em que as variantes se distribuem territorialmente, uma minoria desenha claras isoglossas sobre o território (*abelhom/abesom*, *ferreiro/ferreirinho/carvom/carvoeiro*, *gaio/pega/pega-marça*, *peto/pito-rei/peto-rei*, *sabandija/pinta*, *vaca-loura/escaravelho*, etc.), as quais costumam mesmo ajustar-se aos limites das freguesias —principais unidades identitárias da nossa sociedade tradicional. De facto, resulta bem curioso observar como criaturas tão significativas como a *vaca-loura* ou a *sabandija* recebem nos lugares de Parada (Tanoiro) e Fráguas (Carói) diferentes nome que no resto da paróquia, mas coincidentes, respetivamente, com os utilizados nas vizinhas freguesias de Viascom e Loureiro às quais pertenceram até o s.XIX. Na verdade, estas isoglossas raramente se sobrepõem a acidentes geográficos como o rio Lérez ou os montes Castelo e Cabeiro, pois apesar da sua magnitude, nunca supuseram barreira para o relacionamento socio-cultural entre os habitantes da sua contorna.

Contudo, o mais habitual, sobretudo em etnotaxones com especial diversidade de nomes (*cantarinha*, *joaninha-de-diós*, *melro-troiteiro*, *paxaro-da-água*, *biche-lo-crego*, etc.), é que estes mostrem uma distribuição muito mais intrincada, por vezes nem ajustável ao restrito âmbito do *lugar* (conjunto de pequenas aldeias ou casarais). Deste modo, no povoado da Anta (Corredoira) recolhemos os nomes *pito-rei* e *paxaro-da-água*, para os mesmos pássaros que no Casal —a só 1.3km— chamam *peto-peto* e *cavalinho-do-roque*; nos Carvalhinhos (Paços de Borela) dizem *melro*, enquanto que no Agro —a 700m— se ouve *merlo*; no Quinteiro de Arriba (Parada de Tanoiro) a *Mantis religiosa* chamam-lhe *cavalo-do-demo*, a mesma que no Quinteiro de Abaixo —a 750m— batizam como *santa-teresa*.

Mas dentro deste tipo de variacionismo com distribuição de base geográfica tampouco é estranha a convivência de dous ou mais sinónimos numa mesma zona, resultando quase sempre uma delas a mais empregada. Deste modo, nas áreas onde utilizam habitualmente variantes minoritárias como *isca*, *costureira* *escaravelho* ou *muinha*, todos conhecem as suas equivalentes mais estendidas: *minhoca*, *joaninha*, *vaca-loura* e *mosca-do-milho*, cujo uso relegam para se comunicarem com falantes estranhos. Ocasionalmente as zonas de transição entre um e outro sinónimo atingem aldeias ou lugares inteiros, onde todos os falantes conhecem e empregam indistintamente as duas formas, ainda que são perfeitamente conscientes da distribuição de cada uma





O bicho-da-nacida é feio com um demônio: negro como o azabache e com algo de riscal pelo lombo.



O lagarto-de-regueiro distingue-se bem por tê-la-cabeça da color do sulfato de cobre.



O cem-pés é com 'umha lagarta pero negra e toda com anilhas.



A lavandeira hai-nar 'de duas clãs: umha que é parda e outra mais averdogada.



Hai umha raça de cobra que é toda negra e com corbata blanca, essa corre po'riba de água o mirminho que pola terra.



O saltom é um bicho que colhe o color do sitio onde pausa; hai-nos que vam à verdura e ponhem-se verdes e os que andam polo médio da erva seca ponhem-se pardos.



O lobo distingue-se bem do cam porque é riscado de negro polo lombo e pola cara, pardo pola barriga e clarinho polo cu.



Melros hai-chor 'de duas cores: está o negro de piteiro marelo, e o que lhe chamam melro-fris, de color acastanhado.

de cavalo-do-rei, grilo-rei, peto-rei-real, pito-rei, pimpim-rei e pato-real referem igualmente que se trata de animais de vivas cores quando comparadas com as espécies aparentadas desprovidas deste régio sobrenome.

-O macho do pato-real é bonito como el sólo: co'a cabeça color verde -um verde avinhado- e umha corbata blanca; a fêmia nom, a fêmia é toda ela parda.

-O grilo-rei leva a letra erre [R] no lombo, e de por parte tem algo de encarnado polo pescoço.

Por sua vez os pássaros, por serem considerados uma das mais bonitas criações do todo-poderoso, contam com um bom número de narrações que explicam a causa do seu cromatismo:

-Cando Cristo estava na cruz foro-no visitar(e) moitos paxarinhos, -daquela todos eram blancos- consolava-no e levavam-lhe água no bico; e por ali passou a bubela, passou a rula, o xilgaro, a maceirinha, o pito-rei e tal que sei eu(e); pero a pega andava por ai a abanar(e) e cando chegou ô Calvário já Cristo morrera; e ô corvo nim polo sentido lhe passou ir; e foi todo por esto que Dior 'lhe dou bonitos colores ôs primeiros, à pega pujo-a d'alívio, e ô corvo condenou-no a andar de luto para sempre.

-As andurinha'som santas, porque lhe tiráram a Cristo a corona d'espínhas, e por esso lhe quedou o papo encarnado, quedou-lhe manchado da sangre do Salvador(e).

As cores ou sinais próprios do corpo de certos animais são ademais incorporados às expressões idiomáticas e outros materiais de tradição oral:

-Pinta da troita. Pequena mancha cutânea pigmentada que se acentua após exposição ao sol: sarda.

-Negra/o com 'um corvo. De cor totalmente preta/o. Ex: Anda co 'as inhar 'negras coma corvos.

-Negra/o com 'umha toupeira. De cor muito escura. Ex: Sólo viste roupa negra, negra com 'umha toupeira.

-Nom é frade nim é crego e viste sempre de negro. // O corvo. Adivinha.

-Nom hai pega sem pinta negra. Provérbio. Alude à inexistência de perfeição.

5.2.6. Formosura e fealdade. À hora de descrever o físico das criaturas silvestre a classificação estética através do dualismo «feio / bonito» acha-se presente em pelo menos 46% dos nossos etnotaxones, o que o converte num dos valores categorizadores de primeira ordem. Em geral as criaturas consideradas feias são obra do Demo, enquanto que as bonitas o são de Diós. polo que esta classificação costuma corresponder-se com a de cariz ético que cataloga os bichos de «malos / bós».

A avaliação de determinado animal como feio vem principalmente dada pola sua morfologia, ao considerá-la particularmente estranha ou pouco ortodoxa quando comparada com a dos seus semelhantes. É o caso de insetos como o alacrâm (Grylotalpa) e a pita-cega, de peixes como a lamprea e a rabada, de aves como a curuja e a canilonga, ou de mamíferos como o morcego e a toupeira. E daí que mais da metade das criaturas qualificadas de feias polos nossos informantes resultem ser invertebrados, os animais cuja morfologia se torna mais estranha aos olhos do ser humano. Aliás, nesta categorização pesam também outros fatores como a coloração totalmente escura (carroucha, cabeçote, corvo, lêrmia, saturninho...), a presença de pele áspera ou rugosa (escarpote, sapo, ranhote...), o seu caráter perigoso (aranha, tãvam, víbora...) ou a sua condição noctâmbula (aguaneiro, curuja, moucho...).

AVALIAÇÃO FÍSICA	Etnotaxones compreendidos = 119 (46,30 %)
Feios 58 22,56 %	Aguaneiro, alacrâm (Grylotalpa), alacrâm (lagarta), alacrâm-da-vinha, anguia, aranha, areixa, Ave-da-morte, barbada, besbelho, bicho-da-ampola, boi, cabeçote, canilonga, cantarilha, carroucha, centola, choco, cobra, corvo, corvo-carnaçal, curuja, escacho, escarpote, escaravelho, escaravelho-da-bosta, gaval, lagarta, lagarta-da-verdura, lagarta-do-milho, lamprea, leirrom, lêrmia, lorcho, lura, mosca-do-cavalo, morcego, mocca, mosca-da-vaca, moucho, miço, nesperom, nespra, parejo, pita-cega, pote, pulpo, rabada, ramizca, ranhote, sanigüela, saturninho, tãvam, toupeira, verrago, víbora, xibia e Zarranco.
Bonitos 62 24,12 %	abelhom, alegaria, andurinha, ardilha, ave, ave-fria, avelãinha, biorbardo, bubela, calandra, canário, cavala, cavalo-do-demo, chasca, chiz, cômilio, denozinha, feizâm, firom-bravo, gato, gaitero, gardinha, gato-bravo, gavilâm, joaninha-de-diós, lagarto, lagarto-arnal, lagarto-cirrio, lavandeira, lebre, linca, londra, luzencu, maceirinha, maragota, marta, martim-pescador, melro-noiteiro, papo-rívio, pardilho, pato-do-rio, paxaro-da-água, perdiz, peto, pimpim, ram-verde, raposo, rato-do-monte, rato-rabilongo, riscadora, rula-do-paiz, seixugo, torcaza, tordo, troita, verderolo, viche-lo-crego, vizem, voaninha, xilgaro e xirim.

Quanta maior concorrência de fatores agravantes, maior grau de fealdade; tal é o caso das cobras ou lêrmias negras, consideradas mais feias e polo tanto mais malignas que as de cores mais claras. Contudo, espécies de vistoso cromatismo como o lagarto-arnal ou a nespra, são conceituadas igualmente de feias em função do seu temperamento manifestamente agressivo. Aliás, em criaturas como o abelhom ou a denozinha, tidas igualmente por perigosas, mas de caráter mais fugidio, prima sobretudo a sua agradável aparência.

-Alguns tiram mais ô negro [os besbelhos], outros ô marelo ou tamém ô verde; e depois tem uns olhos como de sapo e trêr galinhôr no cu; ser é um bicho nada bonito, nom ô!

-O escarpom é um becho feio com um corno: por diante todo som dentes e unhas e no cu leva um aguilhom que mete medo.



Os alacrãs, olhinho co' eles, que che som todo veneno.



Ar' vacas inchavam porque comiam o bicho-da-nacida.



Ar' lagartar-da-verdura ô ermaga-las botam um zume verde que cheira qu' apertena.



Or' zapateiros se che vai um na verdura do caldo pom-lhe sustancia amarga.



O sapo à parte de feio é ruim por duas cousas: tem peçonha -umha burrada dela- e de por parte tamém bota aire.



Eu tenho pisado algumha carroucha sem querer e botam fora um leite blanco qu' aquelo é veneno puro.



Já o di o refrã: Sete nesperons matam um home.



Do gaio hasta diziam qu' era o único paxaro que comia o escaravelho-da-pataca, pero nom é verdã, têm-che moito veneno.

- Pero despois é um bicho [da-ampola] que nom tem peçonha, nim tampouco pica como a alacrã, o veneno garda-o el dentro do corpo.
- Ai, o bicho-da-nacida nom ch'era broma nigumha! Contodo esse bicho debu d'ir a menos, porque no tempo de minha nai seica era terrible, seica morriam vacas a eito, morriam inchadas e sangrando pola boca e nom se lhe podia nim aporveitã-la-carne; mira ti o veneno que tem que ter esse cagalhere no corpo.
- Ar' vacas inchavam porque comiam o bicho-da-nacida. Eu colhia e picava-lh'a vena de debaixo da lèngua, picava-lha diar 'vezes hasta que lhe corress' o sangue, hasta fazer-lho circular'e; e se a vaca era moi brava era mair' facil picã-la debaixo do rabo. Despois botava-se-lhe na frida umha amassada de formento, cebola e sai pa que lhe parasse de sangrar(e).
- Or' zapateiros ô colhê-lor' na mam deixam-ch' um fedor que nom sale nim com xabom. Têm tanto veneno que ni' os paxaro-los-comem.
- Or' zapateiros hai-nos acastanhados e verdes e vam moito na verdura, por isso cômpe lavã-la moi bem polo dreito e polo revê; si che vai um no caldo pom-lhe sustancia amarga.
- Daquela nom havia cartos pô sulfato e mandavam o' rapazes a apanhã-los [os escaravelhos-da-pataca], e por moito xabom que botaras quedava-ch' um cheiro nas mans que nom che passava numha zomana.
- Do gaio hasta diziam qu' era o único paxaro que comia o escaravelho-da-pataca, pero esso nom é verdã; porqu' esses escarabagos têm-che moito veneno.
- Ar' lagartar-da-verdura ô ermagalar' botam um zume verde que cheira qu' apertena, no'as comem ni' ar' galinhas polo veneno que temhem; se as apanhas co'a mam nom che marcha aquêl fedor numha chea de dias.

No que concerne aos bichos providos de **toxicidade ativa**, estes são considerados uma criação do demo, cheios de malevolência, pois costumam ocultar-se à espera de poderem magoar as pessoas. Na maior parte dos casos a sua morfologia (feios), cor (escura ou extravagante), hábitos (noturnos ou subterrâneos) e conduta agressiva, não fazem senão advertir da sua perigosidade. Em concreto os **venenosos** e **peçonhentos** costumam alimentar-se de cogumelos ou lesmas negras para acrescentar no possível a toxicidade que lhes é própria. O forte simbolismo cultural dos animais tóxicos faz com que, contraditoriamente, alguns deles (*cobra*, *lêrmita*, *aranha*, *leiron*, *toupeira* e *londra*) sejam empregados na etnomedicina local e os seus corpos usados como amuletos curativos ou da sorte e empregados em rituais mágicos ou para exorcizar as bruxas.

- As cõbregar' nom nadem c' o venenô, de pequenar' nom têm peligro, va-nô tomando de comer nesses pás-de-cõbrega que se dam polas carvalheiras.
- Estando nós umha vez: ô tojo ai na beira do rio, no médio dumha pavea sentimos fungar(e): «E que será esso?»; e apareceu-nos umha bicha [serpente] que metia medo. O senhor Inácio qu' estava onda nós castigou-na um pouco cum pau i ela já emprendia pô rio, pero arrimou-lh' um dedo ô pé do aguilhom pa tratar d' arrancar-lho -dis- que traia boa suerte leva-lo canda um(he)-; pero como nom lho dava pilhado acabou por matã-la pa lhe quitã-los-untos.
- Aqui habia umha -dis-que tinha um olho pinto- que morcego que pilhava, morcego que clavava na porta do curral; e a verdã é que metia medo passar por ali diante e mirar aquêl bicho ali c' or dentes todos arreganhados; qu' hasta Dom Guillermo [o pároco] lhe fora um dia chamã-la-atencioni(he). Era aquelas cõsar d' antes contra ar' bruxas, o mirno qu' outros che ponhem umha ferradura.

Para se proteger destes bichos das trevas correm entre o povo inúmeras advertências e precauções, entre as que sobressaem os provérbios. Tal é o caso dos *alacrãs* / *escorpions* (*Gryllotalpa gryllotalpa* ou processionária) e a *denozinha*, bichos aparentemente inocentes, mas dotados de um toxicidade semelhante à das *cobras* e *nesperons*, as únicas criaturas venenosas consideradas realmente mortíferas para o ser humano:

- O que mata um *escarpom* tem cem ânor' de perdom. Alm1.
- O que mate c' or' dentes um *escarpom* tem cem ânor' de perdom(he). Tan1.
- Se te morde o *alacrã*, busca pam que manhã t' enterrará. Figueroa (Vilar).
- Se te morde o *alacrã*, garda vinho e garda pam, que manhã te enterrará. Lou1 (Fraguas MPG).
- Se te morde o *alacrã*, pide vinho e pide pam, que manhã t' enterrará. Agu5.
- Se te morde o *alacrã*, se no' morres hoje, môrter' manhã. Caro1.
- Se te morde o *alacrã*, vai buscando vinho e pam, e se te morde o *ascorpom*, colhe a sacha e o legom. S.I. Montes (Parada).
- Se te morde o *escorpom*, vai onda Miguel [enterrador de Pedre] que che dêa o legom. Pedre.
- Se te morde um *alacrã*, busca camisa e pam que prã terra te levarã. Forcarei (Gaxim).
- Se te morde um *alacrã*, busca vinho e busca pam, que manhã te enterrará. Cerdedo (Lourido).
- Se te morde um *alacrã*, nom comerás mats pam. Lou1 (Fraguas MPG).
- Se te morde um *alacrã*, vai ô vinho e coze pam. Sac4.
- Se te pica o *alacrã*, compra vinho e coze pam que manhã te enterrará. Agu3.
- Se te pica o *alacrã*, quenta o forno e coze pam. Tan3.
- Se te pica um *alacrã*, pide vinho e pide pam que o teu enterro será manhã. Aziveiro (Forno).
- Se te pica o *alacrã*, quenta o forno e coze pam. Parada (Porta Várzea).
- Se te pica o *alacrã*, vai ô muinho e coze pam. Tan3.

- Se te pica o escarponi, chama à cura e trai o catxim. **Bor3.**
- Se morde a denozinha, reza-lh'á santinha; se morde o escorpiom, pouco mais tem que rezas que nom. **Sac2.**
- Se te morde a denozinha nom comerás mais farinha. **Lou1** (Fraguas MPG).
- Se te morde a donizela, busca camisa prà terra. **Caro1.**
- Se morde a donizela fai a cama e vai-te a ela. **Parada** (Porta Várzea).

Outra das fórmulas orais de defesa são os desconjuros (esconjuros), recitativos que se profere a modo de exorcismo no momento em que são avistadas ou enquanto se procede a lhes dar morte. Para além dos animais tóxicos, este tipo de orações mágicas são igualmente utilizadas para adjurar as aves noturnas, aquelas consideradas de mau agouro.

- Cobras, lagartos, sapos e pintas fora dar 'minhar'vistas. **Jor1.**
- Denozinha rabixota, cara de abesom, se te colho viva, dou-che c'o legom. **Carv1** Diz-se para esconjurar o doninha quando vista num caminho.
- Denozinha borralhenta, boca negra, rabisqueira, si te chegas a mim, saco-ch'á figadeira. **Jor1.**
- Raposo tnhoso, rabo sarnoso, cara de laganhoso, raposo tnhoso, boca de ravisoso. **Jor1.**

Aliás, os esconjuros contra as espécies tóxicas eram ademais empregados no ritual de bençom dar 'veigas realizado durante a semana-santa, no qual se procedia ao espargimento de água benta sobre a terra pronta para a colheita. Tenha-se em conta que muitas destas criaturas peçonhentas se ocultavam no subsolo e costumavam sair à tona ao lavar ou cavar os campos.

- A água bendita traia-s' o domingo de Pascoa pà casa -na caldareta do leite- e usava-se depois pa bendizi-las-colheitas. Eu de rapazota fui algum ano todo pôlar 'veigar' da casa, ia domingo à tarde co'a caldareta e um ramalho d'oliva dizindo: «Sapos, bruxas e meigas fora dar 'nóssar' veigas»; e botava-se-lh' a água. **Alm1.**
- Cobras e sapos, bruxas e ratos, roupas e meigas, fora das minhas veigas. **Tan1** (Núñez 1986).
- Dior 'nor' garde do pedrisco e a tronada, da cobra, do lobo, e dar 'malas olhadas. **Alm1.**

E ainda localizamos referências à fauna com mordedura mórbida numa das habituais fórmulas adjuradoras que se recitava após a clausura do forno de cozer o pão. proferida enquanto se passava o dedo pola cruz gravada na sua porta de pedra:

- Que Dior 'nor' garde da sarávia, do bicho e da rãvia, do lobo, da loba e máir' do trono, pra enchê-lo-nosso forno. **Jor4.**

Mas o principal sistema de defesa articulado contra estas criaturas era a erradicação sistemática por meio de inclementes métodos, pois a sua assombrosa resistência resultava mais uma prova da condição maquiavélica. Porém, o extermínio achava-se muito limitado pela inacessibilidade aos seus ninhos e madrigueiras, os quais se encontram debaixo da terra, em locais inatingíveis para os cristãos.

- Minha tia, sabandija que topava, sabandija que enterrava.
- A pinta por aqui espetava-nas num chuço e o cabo de duas semanas inda nom morreram; dis-que sólo morrem enterrando-as co'a barriga pa riba.
- O sapos de todo Vila Nova juntavam-se polo mër' d'abril no poço do Pedregal. O rapazes ivam p'ali c'os tira-pedras e matavam umha chea deles pero nom dêrom acabado co'a raça, som-che filhor' del demônio.
- E depois qu'os pilhavam [os sapos] pois pintavam co' eles a canicoirva: ou lho punham os cans, ou lhe guindavam pedras e levava-nos por ai colgados ou d'arrasto hasta qu'acabavam por morrer(e).
- Eu moitas colebras tenho matado: c'umha galha, cum chuço ou que tuvera à mam(he); pisava-lh'o pescoço c'umha vara e co'a mirma tratava de lhe engaravelhá-la-cabeça; e ar'máir'grandes arrepunham-se que nim Diós!; enroscavam-se no pau, abriam a boca e botava o aguilhom pa fora -caralhinho pa elas!-; ai, inda che tenho passado algumha cagana.
- Eu moitas [cobras] che tenho pilhado no monte e tamém por ai abaixo polo 'Sobreiraes. Já andava sempre c'umha boa vara e tam pronto me salia umha -bumba!- beixava-lh'um paulaço que lhe partia o espinhaço; pero com esso sólo nom morriam, enroscavam-se num sarilho e escondiam a cabeça, porque pa que morriam hai qu'lh'espichá-la cabeça bem espichada.
- Sendo eu pequena hasta acordo ver um morcego clavado na porta do canastro dor'do Eido, e perguntei-lh'á minha nai e dixo-me qu'era o milhor qu'havia pa escorrentá-lar-bruxas.
- A noitinha vinham or'morcegos à luz da taberna e c'umha chaqueta botavam um abaixo e ponhia-no ali estarricado no cham -qu'umha pedra em cada ala- e metiam-lh'um pitilho antr'or dentes e aquilo inchava o peito que com um toro. Pero claro, fumava com tanta ansia qu'o pouco ja morria.
- Eu dumha vez topei umha [alegaria] denin' da corte dar'vacas e queria-na espichar c'umha espavegedeira, pero pa nom estragá-la-piel botámon-lh'umha manta po'riba e afogamo-la numha tina.
- A londa acabárom co'ela or'furtivos; porqu'as envenenavam moito com sênica.

Dos animais providos de picadela (picada) tóxica cumpre distinguir os dotados de aguilhom (ferrão) no cu (abelhom, alacrám [Gryllotalpa], nesperom, nespra, tavám e zarronco) e os que o portam no interior da boca (aranha, cobra, mosca-do-cavalo, mosca-da-vaca, tavám e vibora). Embora, no caso do alacrám, o suposto órgão injetor de veneno corresponde realmente a um cerco e no das cobras/viboras à igualmente inócua língua.



A água bendita traia-s' o Domingo de Pascoa prà casa e usava-se para bendizi-las-colheitas e mai-las-peçonhas.



O aire da pinta sólo passa cando s'espicha num chuço hasta que quede seca, e conforme vai secando vai-lhe passando o aire à persona.



Na casa dor'da Gaitreira (Gesteira - Almofores) tinham um licórno, qu'era a cabeça dumha colebra e um corno no fucinho e a gente iva ali pa bendizi-las-peçonas e o aire.



A erva-cabeira havia-a sólo na Ponte Borela e servia pa tirá-lo-aire; pero tinha-ch'um encanto: o lhe botá-la-mam fazia-se culebras, por esso havia que a segar antes.



Sapo, sapom, culebra, culebrom, aranha, aranhom, sabandija, sabandijom, mal de toda naciom, que nom aviveça, creça e esto desapareça e segue como este riçom. Esconjuro contra o mal do aire.



Pa lhe quitá-lo aire levavam moito o rapazes enfermos à i glêsia. Havia que botar nom sei canto rezos diante da porta e por cada rezo guindar umha pedra por cada contado e depois dentro avazeia-lo cor'mateles.



Quando precisavam da milagrosa pedra da peçonha, os vizinhos de Caroi acudiam à casa da Sra Segunda da Laja, soada remedieira.



O aire de colebra era o pior de tirar(e), havia que fazer fumaços de ruda, trovisco e nom sei que outra erva.

despois faziam o capulho e dali acabava salindo um mariposom blanco como feito d'algodom; e pa nós aquilo era o mirmo qu'a mágua.

Ademais, também neste campo, encontramos casos onde a observação própria do indivíduo trata de contradizer –mais ou menos acertadamente– o discurso cultural dominante.

-Também havia quem dizia qu'essas [sabandijas-da-água] eram a cria da sabandija venenosa; pero isso nom é verdá, porqu'eu tenho mirado sabandijar bem pequerrechinhas e já tenhem as pintas amarelas.

-Esse [Certhia brachydactyla] nom é raça; eu creio qu'esse som as criar do peto, porque che tenhem or'mirmos procederes qu'os petos –como ch'eu dixem antes: vam a gapear polos pinos ô mirmo tempo que dam a volta; e tamém entram e sam nor'burator dos carvalhos.

5.4.2. Habitat. Fora de um punhado de criaturas muito adaptáveis (aranha, escaravelho, formiga, mosca, gorriom, rato, etc.) a maioria dos nossos etnotáxones desenvolvem preferentemente a sua atividade em determinados ambientes ou áreas de características mais ou menos uniformes.

De facto, o estreito vínculo de algumas espécies com o biótopo em que prosperam fai com que este se converta no seu objeto nominativo: *aguaneiro*, *grilo-da-cozinha*, *loda*, *minhoca-dar-vranheiras*, *minhoca-do-mar*, *pedreiro*, *rato-do-monte*, *rato-do-muinho*, *lamisca*, etc.

AMBIENTE PREFERENTE			AMBIENTE PREFERENTE		
GERAL	ESPECÍFICO	N.º de etnotáxo.	GERAL	ESPECÍFICO	N.º de etnotáxo.
aquático 99 38,52 %	águas marinhas	61	áreas fortemente humanizadas 26 10,11 %	casarios	7
	ribeiras fluviais	16		interior vivendas	6
	águas fluviais	15		caminhos	4
	águas de manancial	3		muros	2
	águas empoçadas	2		sotos / adegas	2
	ribeiras marinhas	1		armazéns de cereal	2
campos de cultura 57 22,17 %	superfície águas	1		moinhos de água	1
	hortas	16		colchões das camas	1
	campos de cereal	14		roupa guarda	1
	ervaçais	11		madeiras velhas	1
	sub-solo	7		pontos de luz	1
	tona da terra	5		esterqueiras	1
	milharais	1		colmeias	1
	centeais	1	hospedeiros 10 3,89 %	corpo dos mamíferos	4
	vinhas	1		ao redor do gado	3
	batatais	1		corpo humano	1
baldios 29 11,28 %	monte ralo	28		corpo do gado	1
	zonas rochosas	1		carnes curadas	1
matas 18 7,00 %	arvoredos mistos	7	habitats muito heterogêneos		12
	carvalheiras	6	além-mundo		2
	matas arbustivas	4			
	pinheirais	1			

À hora de falar dos habitats próprios de cada animal os nossos informante empregam expressões do tipo: *dam-se em*, *criam em*, *miram-se em*, *hai-nos em*, *acurvilham em*, *gusta-lh'andar por*, *andam mair'bem por*, *ali é um viveiro/criadouro/ninho deles*, etc.

-As aranhas cada sítio tem a'luas; nom som o mirmo ar'da casa, qu'ar'do muinho, qu'as que criam no tojo do monte.

-Or'luzencus miravam-se de noite ô pé dor'muros e todo polos caminhos adiante e tamém no monte polo médio da erva.

-E tamém havia or'grilor-da-cozinha: êsses gustava-lh'a calor o mirmo qu'as personas; arrimavam-se de noite à lareira e andavam por ali a rebulir por debaixo do escanhil.

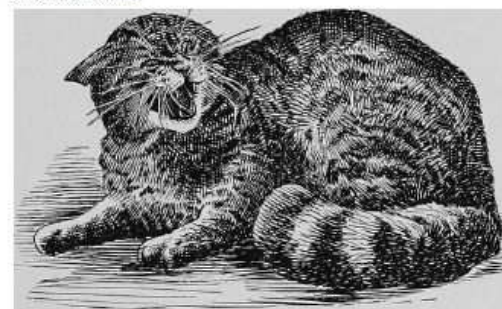
-Or'lagartos criam todo polos buracor dor'muros, maiormente por cerca das casas, porque lhe gusta a companhia da gente.



As anguila é o revér da troita, ela quere-se em água toldada, dá-se hasta enterrada na lama.



As chinchas criavam nos colchons de lam e mair' nas uchar da roupa.



O gato-bravo tamém escapava da gente, via-se mair' bem pelas carvalheiras e o sítios apartados.



Essas entre nós chamam-se lodas porque andam no lodo dar fontes; limpavam-s'as piar dar fontes e desapareciam.



Or'grilor-da-cozinha êsses gustava-lh'a calor o mirmo qu'as personas; arrimavam-se de noite à lareira e andavam por debaixo do escanhil.



Or'maceiros gusta-lhe muito andar por antr'ar'fôlhar dor'limeiros e dor'laranjeiros; bule p'acá e bule p'ala.



A víbora anda pola sombra, por onde hai água; a colebra nom, a colebra vê-se tamém polo monte e vai-se banhar nas piar dos outeiros.



Or'luzencus miravam-se de noite ô pé dor'muros e todo polos caminhos adiante e tamém no monte polo médio da erva.

Entre os animais que devem o seu nome à estacionalidade da sua presença ou à época do ano em que são consumidos, temos: *paxaro-da-neve*, *ave-fria*, *manoelinho* e *sam-martinho*.

E também em referência ao tema, achamos os seguintes materiais linguísticos e de tradição oral:

- Agrileiro** s.m. [Tan3, Lézre] Salmão precoço que remonta o rio Lézre já desde meados de fevereiro. Ex: *Os agrileiros nom pesam máir de cinco quilos*.
- Umha mosca sola nom fai vram** [Alm1] - **Quatro môscar nom fam vram** [Val1] Diz-se à vista de quantidade ou assistência insuficientes.
- Em janeiro, sete a sete o carneiro**. Cot. Provérbio (Fraguas, 1945). Refere a abundância de lobos no 1º mês do ano.
- Maio grileiro, outono cativero**. Tan3. Provérbio. Alude à inconveniência das altas temperaturas durante a sementeira do milho.
- O vram passou e quem grilar, grilou**. Jor1. Provérbio. Refere o absurdo do arrependimento.
- Sam Fernando abre-lhe as portas às moscas do gando**. Lou. Provérbio (Vidal, 1994). Anuncia a chegada das moscas a partir dos finais de maio.
- Preguntou-me minha nai(e), que todo quiere saber(e), onde vai a andurinha, cando se deixa de ver(e)**. Carv1 Cantiga.

5.4.6. Alimentação. A procura do sustento diário é percebida como a principal ânsia dos seres irracionais, a qual ocupa a maior parte da sua atividade. Mas esta avidez costuma entrar em conflito como os próprios interesses do ser humano, pelo que o conhecimento dos hábitos alimentícios de cada uma das criaturas se torna fundamental à hora de poder combatê-las ou, de ser o caso, ignorá-las.

Entre os animais que devem o nome à sua principal fonte de alimentação ou às técnicas empregadas para obter o sustento, temos: *corvo-canaçal*, *escaravelho-da-bosta*, *escaravelho-da-pataca*, *lagarteiro*, *lagarta-da-verdura*, *maceirinha*, *martim-pescador*, *meiro-trotteiro*, *mosca-do-milho*, *mosquito-do-vinho*, *papa-moscas*, *pilha-galinhas* (nome matafórico do raposo) e *trilha*.

Em referência ao tema, na tradição local achamos ademais os seguintes recursos linguísticos e literários:

- Abocadar** v. Comer avidamente aos grandes bocados. Ex: *Aqueles animalinhos abocadavam co'a fome*.
- Carniceira**, ro adj. Carnívora/o. Ex: *A ave é um paxaro carniceiro que tem umha vista macanuda*.
- Engulir** v. Devorar sem mastigar; engolir. Ex: *Engulia naquela galinha com 'um lobo afamado*.
- Erfameada**, do adj./s. [Cor1, Jor1, Jor2, Reb2, Via2, Sac3] Sinónimo expressivo de farenta (que sente muita fome). VAR. *afamada* [Agu3, Alm1, Sac3]. Ex: *O raposo erfameado volve-s'um mundo atrevido*.
- Trabalhar** v. Rebuscarem os animais selvagens o seu alimento. Ex: *Os cõenlhos com chivria nom trabalham*.
- Lapar** v. Engolir veementemente, ao jeito dos cães. Ex: *Um fato de lobos lapam-vos um porco em média hora*.
- Solver** /ê/ v. Dissolver. Ex: *As cobras engolem ratos e despoi solve-nor'na barriga*.
- Rilhar** v. Triturar com os dentes. Ex: *Aparçerom as espigas toda rilhadar' do ratos*.
- Roer** v. Sinónimo pouco freq. de *rilhar* (triturar com os dentes). Ex: *Co'a fame rom hasta or'güesos*.
- A avessa**. Sinónimo menos freq. de 'à espreita' (olhando atenta e continuamente). Ex: *A ave pousa num pau da luz e queda ali à avessa*.
- À espreita**. Olhando atenta e continuamente. Ex: *O minhoto el caça máir bem à espreita*.
- Ter rato** (alguém). [Jor1] Ter apetite. Ex: *Já empeço a ter rato*.
- O raposo nom sabe cântar** (ou cando ar) *galinhar dormem fora*. Diz-se à vista de imprudência que inexplicavelmente não teve consequências negativas.
- Cando a raposa anda ôr'gilos, mal pola nai e pior polor filhos**. Geral. Provérbio. Quando os espertos padecem, o que será do resto.
- O que há de comê-lo-rato da-se-lh'o gato pa que cace o rato**. Jor1 Provérbio. Aconselha gastar em medidas preventivas.
- Em fevereiro sete lobos ô carneiro**. Cor1. Provérbio. Em referência à fome padecida no inverno por estes animais selvagens.
- Prô raposo nom hai pito raloso**. Via1 Quando a necessidade obriga, qualquer recurso é bom.
- Por detrás desses outeiros vejo andar umhas orelhas, nom sei si será o lobo que ronda ar'minhas ovelhas**. Jor1 Cantiga.
- Chamaches-me pito caivo porque nacin em janeiro; se me o raposo nom come, inda hei de tr ô teu poleiro**. Cot. Cantiga (Fraguas, 1995).

Especialmente farto resulta o número de fábulas que referem a ânsia dos animais pela comida, sobretudo aquelas onde se enganam entre eles para tratarem de ficar com o melhor *talhada*.

- O raposo, o corvo e o lagarto**. O lagarto convence o corvo para que deixe caçar ao raposo.
- O cuco a esperar na maceira**. O cuco engana-se à hora de procurar o seu sustento.
- O meiro que foi ô formigueiro**. A formiga foi previsora e guardou alimento para passar o inverno.
- O escaravelho e a formiga**. O escaravelho foi pedir comida à formiga ao chegar o inverno.
- Ar'bôdar'na Ceo**. A ave engana o raposo convidando-o a jantar.
- A colheita do lobo e o raposo**. O raposo burla-se do lobo no reparto das suas colheitas de *centeo* e *patacas*.



Eu lagartos hasta cheguei a amanzar algum. Houvo um ano que vinha um à porta da carpinteria e acabou comendo pola minha mam o mirmo qu'um canzinho.



Or' melros quando já nom hai fruto andam polas pouleiras ar' minhocas; sintonas debaixo da terra.



A denozinha ela mata ar' galinhas sô pa lhe chupá-lo-sangre; aparecem mortas e c'umha travadela no pescoço.



Os pescadores tinham-lhe moita judieira à londra porque come que nim Diós. Vai à troita grande que hai nos poços.



Os torços vinham muito às hortas à rebusca dos caracoles; levava-nos pô alto dum muro e ali escavava-nos contra umha pedra.



O ouriço-cacho no tempo dar' maçãs carga-nas ô lombo; isso mirei-no eu como se deitava por'riba dumha moreinha de maçãs caídas e marchava com elas espichadas.



O gaio é o paxaro máir lambom que hai; nada lhe chega. Dumha vez mirei um a comer landras e o lapa-códias enguliu hasta dez.



O martim-pescador nom fondea tanto como o meiro-trotteiro; entra na-i-água com 'uma flecha e ô pouco já pula pa fora.

-**Bicheria** s.f. [Alm1, Bor2, Carv1, Jor1, Jor3, Lou1, Sac3] Pejorativamente, conjunto de animais; especialmente quando daninhos ou incomodativos. VAR. *bicharada* [Carv1, Cor2]. Ex: *Agora o monte voltou-se um ninho de bicheria*.

-**Descastar** v. Erradicar prejuízo propagado, nomeadamente plantas ou animais daninhos ou invasivos. Ex: *Os piolhos já eram umha peste que nom se dava descastado*.

-**Desinçar** v. Simônimo menos frequente de *descastar* (erradicar). Ex: *O lobo nom se dá desinçado*.

-**Inçada, do** adj. Infestada/o. Ex: *Temo-la-barra inçada de ratos*.

-**Inçar** v. Multiplicar-se ou propagar-se uma espécie animal ou vegetal, sobretudo quando nociva. Ex: *Com tanto bozque nom é milagre inçar toda essa bicheria*.

-**Ince** s.m. Ato ou efeito de inçar (propagar-se). Ex: *Esta nossa cozinha é sempre um ince de moscas*.

-**Inçoso, so** /o/ adj. Diz-se de animal nocivo que se propaga com facilidade. Ex: *O rato é moi inçoso*.

-**Paxarada** s.f. O conjunto dos paxaros (pássaros). Ex: *Agora a paxarada nom deixa umha zrejja*.

-**Pecúnia** s.f. [Jor1] Grande quantidade de animais daninhos; praga. Ex: *Esta pecúnia acaba-me co'a roseiras (pulgão)*; *Aquelo era umha pecúnia de piolhos*.

-**Piolhada** s.f. 1. Conjunto de piolhos. Ex: *Matavamo-la-piolhada c'o gár'dos candiles*. Obs: É menos freq. a variante *piolheira*. 2. [Carv1] Aglomeração de pulgões sobre o caule de uma planta. VAR. *piolhage* [Carv1]. Ex: *Esta piolhada acaba-me co'a judias*.

-**Pedra da trilha**. Pedra de cânfora que se comprava para colocar dentro das uchas e armários.

-**Botá-lo-milho prós paxaros**. [Lou2] Esforçar-se em vão.

-**Farinha do ratos**. [Agu2, Bor1, Lou2] O mesmo que *foula* (poeira do moinho).

-**Fazer** (alguém) *como o rato ô fol*. Petiscar comida antes de ser servida.

-**O rato na artesa nom rilha madeira**. [Vial1] Diz-se à vista de escolha inteligente ou esperável.

-*Canta o merlo na cerdeira, vai-lhe ponhendo a esquetra*. Jor1. Provérbio. Aconselha guiar-se pelos indícios.

-*Milho com gurgulho, fame no bandulho*. Cor1. Provérbio.

-Cobras e sapos, bruxas e ratos, toupas e meigas, fora das minhas veigas. Tan1 (Núñez 1986). Fórmula para esconjurar uma possível peçonha.

-*Pica mosca, pica bem, três no rabo e três na cem, pra que a vaca corra bem*. Cot. Fórmula infantil (Fraguas MPG). Diziam-lhe à vaca moscada para que corra.

-*Chamache-me piolhoso, eu piolhos nunca os vim, sólo se mos ti pegache cando contigo durmim*. Cot. Cantiga.

-*Vai-se de aí piolhoso, andas cheio de piolhos, e vem o aire de riba podes-nos encher a todos*. Cot. Cantiga.

-*Velai vem o «senhor» a atravessá-los-Estanques, vem de correr co'a laverca que lhe acaba c'os guisantes*. Tan. Cantiga de uma comediada (Sanmartín, 1996). Nota: Omite-se nome da pessoa aludida.

5.4.7. Controlo de espécies daninhas. Para tratar de manter afastadas as populações das criaturas especialmente prejudiciais, nomeadamente as consideradas como *plaga*, o povo utiliza todo o tipo de práticas e artes, tanto dentro das vivendas como nos campos e os baldios. Contudo, a natureza prolífica, obstinada e resistente que caracteriza estas espécies converte o almejado objetivo do *descastado* (erradicação) numa verdadeira quimera.

Todas estas técnicas de controlo não fazem realmente parte dos conhecimentos biológicos dos animais propriamente ditos, mas foram inseridos neste item por acharem-se intrinsecamente vinculados aos hábitos alimentícios da fauna tratados no ponto anterior.

Entre os sistemas mais efetivos e que requerem um menor esforço acham-se os de **controlo passivo**, integrados principalmente pelos métodos diassuasivos, os venenos e as *trampas* (armadilhas). No âmbito dos primeiros sobressaem pela sua extravagância os *espantalhos* –bonecos ou qualquer outro chamariz colocado nos plantios para repelir as aves daninhas, principais inimigos dos agros, hortas e fruteiras.

Alm1 (M.84, 2013) *Espantalhos daquela havia quem lhos punha, mais que nada nar'veigar'do cedo –as qu'eram mai'secas. Acordo um pau c'umha camisa e um sombreiro velho –estrágado– na Paradela de Riba, que o espetara a Sra Dina. Nós tamém punhamos um, pero sólo nas patácar' do Rego da Cal*.

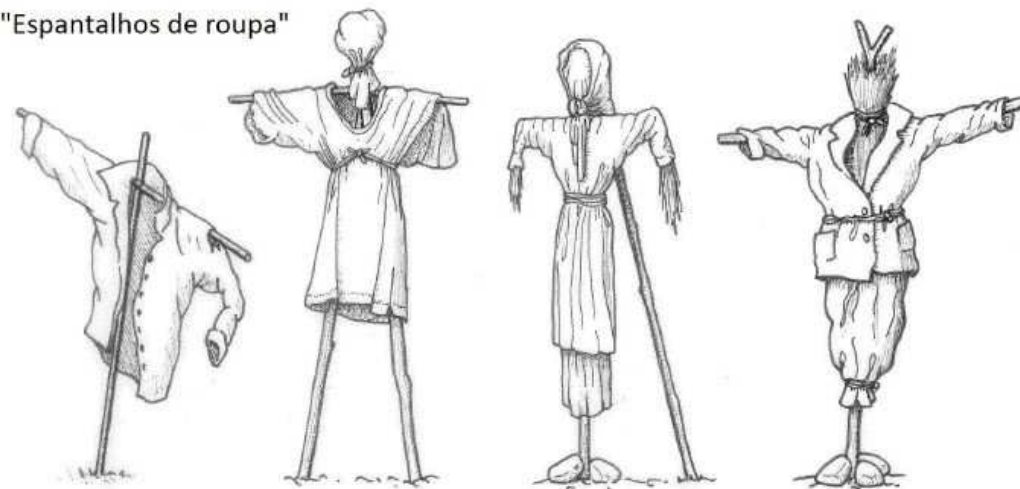
Caro2 (M.76, 2000) *Aí no horta toda esta paxarada qu'há agora no'me deixa nadinha; eu ponho-lhe cintas do'radio casés, ponho-lhe bolsas e borêlhar'de plástico, tamém espelhos colgados, pero nada!, sólo lhe fai o primeiro e o segundo dia, ô terceiro já andam por ali tam perenes*.

Caro3 (M.75, 2001) *D'espantalhos eu já nom sei o qu'hei d'inventar(e); porque mira, este vram passado hasta or'melos me fôrom desenterrar mitá dos pèr'de tomate; iva-or'regar eu á manham cedo e ô acabar vinham êsser' demónios e punham-s'ali a escaravellar na terra molhada pa buscar minhocas; vou ter que fazer como fijo aqui um vizinho numha veiga de milho, pór-lh'ô arrádio a tocar(e)!. O milhor espantalho –já o dim or'filhos– é nom botar nada, porque trabaillar pòs paxaror'nom é jeito nim maneira*.

Carv3 (H.76, 2002) *Ante-los-espantalhos namais que se faziam pa pór no alto dumha zrejteira ou dumha figueira, porqu'os paxaror'nom é coma hoje, tinham muito onde comer(e). Fazia-s'um espantalho c'umha cruz de pau, com catro mônhor'de centeo e umha chaqueta e mais umha gorra velhas e colgava-se no mais alto do árvol cando estava c'o fruto, mais que nada si se mirava andar algum bando d'estorminhos, qu'esses si que che podiam acabar com todo em ménor dumha hora*.

Cor1 (M.92, 2000) *Eu aqui ô milho nom acordo de lhe pór espantalho –agora nas cano veigas que se botam, agora si que lhos ponhem–; daquela botava-se tanto milho que dava pa mantê-los-paxaros todos e máir'nom havia*

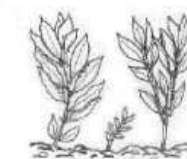
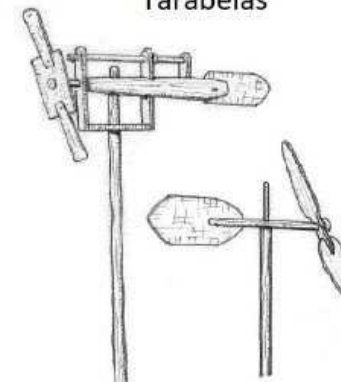
"Espantalhos de roupa"



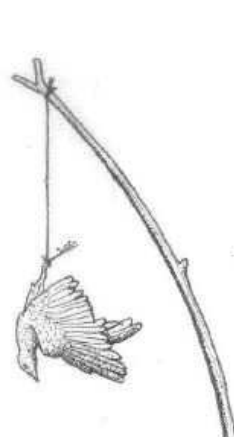
"Espantalhos de colmo"



"Tarabelas"



"ramos de loureiro"



"pataca com plumas"



"paxaros mortos"

- A ver quem entende isso de qu'estes cabrons [os gavalis] esteam protegidos, que nom se lhe poida disparar; pero boeno!, os que o botárom sabiam bem o que faziam, e-ch'assi o mundo moderno, hasta qu'or'gavalis nos comam a nós dentro das casas, esse dia acabou o trabalho deles.
- Que nada! Que che digo eu que s'acaba a caça! Nom hai rapaz novo que dea conta de tanto gasto e tanta leria, or'domingos sale-lhe mais à conta ir pa um bar mirá-lo-fubol; pero e-ch'o que quer'a Junta, que crie bem toda canta bicheira que botou todos estes anos, que criem or'gavalis, or'lobos, os corços, pa que corram os catro velhos que quedamos por estas aldeas.
- A caça querem acabar tamém co'ela e levam bó caminho, já poucos chavales colhem a aficiom. A ti parece-che normal que deixem andar livremente polo monte à gente dar'ciudás?; que vás um dia de batida e topas um grupo desses ecologistas a passear pelas pistas e sim querer inda s'escapa um tiro; pero parecem que é o que querem, qu'haja umha boa desgraça pa proibi-la-caça de vez.
- Com que nom autorizem máir'batidas éssar'fieras [gavalis] acabam co'as aldeas, pero boeno, isso já é o que querem os políticos a mai-los-ecologistas.
- Antes ivamos ós conexos e sempre che saíia algum raposo e já lhe disparavas; agora pobre de quem!, grava-te calquera ecologista e vár'dreito pó caldeiro.
- Tenhem p'acá passa-lo-fim de semana os catro do Pueblo que comprárom casa por aqui e colhem e boram-lhe bem de comer no jardim a toda esta paxarada; e depois, marcham, cerram as casas, e qu'or'melros se mantenham pôlar'veigar'dor'vezinhos. Mala centelha os coma! Esta gente nom che tem respeito por nada, chegam aqui e já querem saber éler'mais ca nós; e se lhe dis algo inda te deninciam por colocar um panelro ou por ter um cam preso. Porqu'agora é-vos assi, tenhem máir'dreito or'bichos qu'a própria gente da aldeia.
- Derde qu'argalhárom por aqui a ruta esta do senderismo inda nom pode andar um bem ó gusto; porque che passa umha tropa de gente polo caminho chëor'de câmarar'de fotos e o mirmo lhe tiram umha foto umha erva, a um paxaro que cha tiram a ti a sachar na horta. Eu mecache em tal! Com c'um dia s'atrevam comigo inda lh'arrebolo a sacha e hai umha boa dirgracia.

Aliás, as próprias administrações —às quais os paisanos culpabilizam da propositada agonia do mundo rural— não costumam acometer iniciativas de salvaguarda dos saberes orais, focalizando as suas ações patrimoniais na reabilitação de elementos arquitetónicos (lavadoiros, moinhos, pontes...), a promoção de um estandardizado folclore musical ou a publicação de monografias locais de caráter fundamentalmente histórico. Porém, pontualmente, têm surgido iniciativas como a da Casa do Lobo —infelizmente paralizada—, promovida pela Mancomidade de Montes e a associação ambiental Cañón de Pau, na qual se pretendia criar um centro temático interpretativo na reitoria de Loureiro com especial ênfase na tradição oral e a interação histórica entre o lobo e a população local.

Por outro lado, esta falta de transmissão e promoção dos saberes tradicionais torna-se especialmente grave no atual contexto de acelerada perda da própria biodiversidade faunística pois, em muitos casos, só os relatos do passado nos permitem saber da existência e os hábitos de certas espécies já ausentes.

Comportamento	Etnotaxones cujas populações flutuaram nas últimas décadas = 146 (56,80 %)
Minguados	aguaneiro, alcrique, alegaria, andurinha, anguila, avelainha, badejo, bertorelha, bezelho, bicho-da-ampola, bubela, cabeçote [anfíbio], cabeçote [molusco], camilonga, cavalo-do-demo, chiz, cöenlho, corvo, corroula, cuco, curucheira, curuja, curujo, demozinha, escritenta, ferreiro, gato, gatteiro, garça, gardunha, grilo, grilo-rei, joaninha-de-diós, lagartixa, lagarto, lagarto-arnal, laverca, loda, londra, luzencu, maceirinha, maceirinha-rabilonga, marta, martin-pescador, maruca, melro, mero, minhoca-dar-vranheiras, minhoca-doadá, morcego, nezperom, nezpra, pardilho, paxaro-cabra, paxaro-da-água, pedreiro, pega, perdiz, pinto, raia, ram, ram-peguena, ram-verde, rato-do-monte, reo, riscadora, rodavalho, rula-do-pais, sabandija, sable, sam-martinho, zangüela, zarne, saturninho, zabelinha, tavám, reixugo, tordo, troita, troita-bical, troita-sapa, vaca-loura, verdeloto, voaninha, xibia, xilgaro e xirim (87) 33,85 %
Desaparecidos	anguiacho, ave-fria, barbada, berbericho, Bicho-da-casa-da-portela, calandria, canário, canguerejo, canazubia, chincha, corvo-camaçal, cotovia, escaravelho-da-bosta, espadim, formiga-rivira, fura-folhas, galinhola, garrapato, gato-bravo, gavilam, grilo-da-lareira, lagarteiro, lagarto-cirrio, lamprea, langosta, lebre, melro-noiteiro, noitebra, papa-moscas, paspalhaz, pato-do-rio, peixe-pau, peto, raçalhira, ranhote, rato-rabilongo, reizenhor, salmom, sapo-cuncho, vencilho, verrago e viche-lo-crego (43) 16,73 %
Aumentados	ave, escale, gorriom, gueivota, leirom, lobo, lubicam, torcaza e toupeira (9) 3,50 %
Introduzidos	ardilha, corço, feizom, gavalis, rula-de-fora, varroa e vizom (7) 2,72 %

Nota: Dados referidos aproximadamente ao período compreendido entre 1960 e 2000.

Na tabela anterior podemos observar como apenas 43% das nossas criaturas silvestres mantiveram mais ou menos estáveis as suas populações ao longo do último meio século, o que nos oferece um ideia das brutais alterações que deveriam impelir uma mudança tão significativa. Realmente o quadro reflete as observações dos nossos informantes, polo que é preciso ponderar que algumas das espécies dadas por desaparecidas não o são *stricto sensu*, só que as suas populações se acham muito minguadas. Tal é o caso do lobo ou a londra, considerados falsamente extintos na década de 1970 e voltos a ver com assiduidade vinte anos depois de



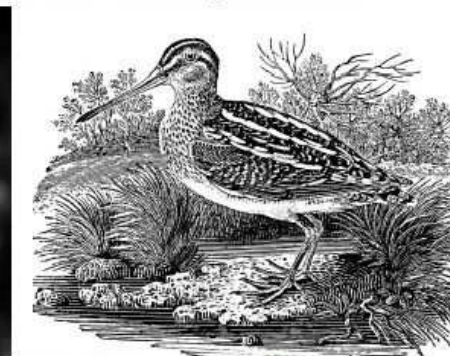
As ave-frias essas tamém outras que nom se volvérom ver mais, tamém polo câmbio do clima; agora já nom venhem aqueles invernos.



Havia umha raça de corvos grandes coma galos (Corvus Corax), desses eu sólo os tenho visto polo alto do Castelo.



Os escaraveíhor-da-bosta agora nos prados já nom se miram -di ti que já nim vacas hai.



Aqui no monte da Arcela havia umha raça de paxaro (Scolopax rusticola) grande com 'um conexo que desapareceu redondo.



Canguerejos havia-or'no meu tempo, depois já nom se volvérom ver mais. Eu hasta desconho que fóram o carallo dar'londras.



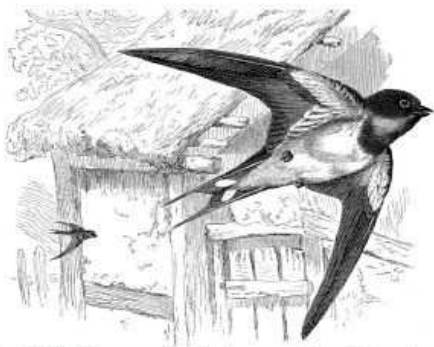
O melriam, zi ó!, outro que desapareceu(e), pero daquela via-se moito no rio Grande, sobretudo da Fábrica pa riba.



A morte das calambricas foi falá-lar-vacas, ou a ferram, nom che sei!; pero ser eram paveras.



Havia umha raça de ratos (Elionys quercinus) moi chistosos, gordinhos e co'as orêlhas grandes, que se viam pelas carvalheiras ó lh'ir varré-la-folha.



A andorinha diz que cando or'judios perseguiam a Cristo pô matar(e), ela iva arrar' del barranto-lh' as picadas pa que n' o toparam.



A lavandeira é também chamada a Ave de Nosa Senhora. O que mate uma, morre-lhe um familiar ou um animal da corte.



O pimplim era outro paxaro bem querido, era pecado andar-lhe no ninho, por aquilo de qu'ajudar a Cristo a escapar do judios.



O papo-rinto é paxaro que se lhe tem estima, porque leva o papo encarnado de lh'ajudar a Cristo a tira-la-corona d'espínhas.



Mi madrinha querida matar umha joaninha-de-diós! Isso vinha-che certinho umha disgrácia.



Or' lucencu estavam ali quietinhos e mda que lhe botara-la-mam nom escapavam. Som bichichor' de Diós, um mundo calmadós.



Cando Cristo estava na cruz foro-no vizitar moitos paxarinos: a rula, a macetinha, o silgaro... e levavam-lhe água no bico.



A joaninha com outro bichinho de Diós, tampouco se matavam porqu' era muito pecado.

- Or' lucencu estavam ali quietinhos e inda que lhe botara-la-mam nom escapavam; som bichichor' de Diós, um mundo calmadós.
- O lucencu é um bichinho de Diós, punha-se na beira dos caminhos pa guiar a quem andava de noite.
- O pimplim era outro paxaro bem querido, era pecado andar-lhe no ninho, por aquilo de qu'ajudara a Cristo a escapar dor'judios.
- O pimplim caía muito nos pantelros, sobre todo cando se lhe punha ô centeo, e havia que no enjaulava polo bem que cantava, pero a mãir da gente soltava-os porque som paxaror' de Nostro Senhor(e).
- O papo-rinto aninhou-nor' dumha vez dentro dum buço que tinhamos colgado ai na parede do cuberto; e claro, fazianor' falta pa lhe passá-la-sachadeira ô milho, pero mãir já dixo que nom se lhe chicava, qu'era um paxarinho santo, e foi-lhe pedir um buço a umha vezinha.
- A lavandeira é tamén chamada a Ave de Nosa Señora. O que mate umha, morrelle umha pessoa da familia ou un animal da corte. [Fraguas MPG].

- Essas avelainhas tamén nom tram boa cousa pa dentro das casas, por esso nom convém abri-lar-ventanas co'a luz prendida, entram or' cinifes e tamén essas avelainhar' do demo.
- A pinta é um bicho que nom morre fácil, nim que lhe passe um carro po'riba; sólo queimando-ar' numha boa fogueira; pero dis-que metem um cheiro ô xufre qu'aquele apertena a calquera cristiano.
- O morcego já diz qu' é obra do demo, que quito arremedar a Diós cando mirou que creava os paxaros.
- A colebra é bicho do inferno, pero inda hai gente neste mundo que tem mãir veneno ca elas.
- Eu moitas culebras tenho matado: c'umha galha, cum chugo ou que tivera à mam'he; pisava-lh' o pescoço c'umha vara e co'a mirma tratava de lhe ergaravê-la-cabeça; e ar' mãir grandes arrepunham-se que nim Diós!; enroscavam-se no pau, abriam a boca e botava o aguilhon pa fora -caralhinho pa elas!-; ai; inda che tenho passado alguma cagana.
- Eu já andava sempre c'umha boa vara e tam pronto me salia umha colebra -bumba!- beixava-lh' um paulaço que lhe partia o espínhaço; pero com esso sólo nom morriam, enroscavam-se num sarilho i escondiam a cabeça, porque pa que morram hai qu' lh' espichá-la cabeça bem espichada.
- Ante-lo-sapo saliam por calquera sitio, hasta nas cortes ou debaixo dar' moreas do esterco; eu tenho espichado hasta catro juntos nor' galhor' dumha picanha.
- Esser' bichor' do inferno [morcegos] eu n' os podo ver diante. A nós entram-nor' diário na cozinha velha onde temo-lor-jamons; som tolinhos pola carne.
- Naqueles tempos pa escorrentá-lor-morcegos havia quem espichava um polo lado de dentro da porta do canastro.
- O rapazes vareavam-lor-morcegos c'umha cana verde. Algum já caía morto, pero o que nom morria colhiam-lo co' a gorra e faziamor-lhe umha chea de perradas antes de matá-los.
- O rapazes ô chasco guindavam-lhe c' o tira-pedras, pisavam-lh' or' ninhos ou afogavam-lh' os paxarinhos; e todo por aquelas cósar' dantes qu' a gente pensava que punha na biblia e se cadra nim certo é.
- A demuzinha mala a chispa a coma! Ela é filha do demo; aqui a umha nossa vizinha matou-lhe numha noite metá dar' galinhas; matou-lh' as e hasta lhe rebanou a cabeça a alguma; e a manham aquilo metia medo.
- Pero nom hai maneira, nom hai quem poida c' o gaval; e inda se pode botar a um estando ferido, nom é umha conha esse bicho do demo.
- Pero despois tamén [o Bicho da Casa da Portela] que..., que nom era gente, qu' ali o que se via era um bicho grande ou umha peste negra, umha cousa do demo, que se metia ali a durmir(e).

Mas sem chegarem a atingir estes altos graus de implicação sagrada, são muitas outras as criaturas que de alguma maneira se vinculam a elementos hieráticos.

- As avelainhas [Cossus cossus] som alminhas que vêm dar senhales.
- Iva ô muinho sentavam-n' ali fora a esperar i entretinha-m' a mirar pôs cavalinhos-do-demo; e a mim hasta se mi figurava qu' eram alminhas que vinham traer algum recado.
- Mótar' veze-lo-rapazes queriamos escorrentá-lar-lavandeiras e o enterrador sempre nor'dizia que nom, qu' eram as almas que vinham recibi-lo-defimto -essas cósar' d' antes!
- A maria [Mantis religiosa] é essa que reza, si home si, chamam-lh' assi porque lhe reza à Virgem.
- Em San Jorge iva-nas pescar co' a francada -umha lança de catro galhos- e faziam empanadar' de lamprea pa comer pola festa do patrom(he).
- Ivam or' moços às anguilhas -ivam nos primêiro' de setembro- pa fazer empanadar' de milho e tr' de romeria or' Milágrer' d' Amil.
- Hasta diz qu' indo pô San' Andrê' de Teixido nom se deve matar lagarto nim outro bicho pequeno, porque som as alminhas que vam caminho do santuário, as almar' dos que nom fôrom ala de vivos.
- A gente de todas estas aldeas subiam ô Setxo cando era pola festa da Santa Marinha, porque diziam que a quem oia a missa da Santa Marinha nom lhe picava umha colebra em todo esse ano.
- A finada de mãir Purifica -que foi por três vezes a andar ô San' Andrê' de Teixido- sempre contava que nom se podia matar bichinho ningum polo caminho, qu' eram as alminhas em pena dos que morreram sem tr' ala.
- O dour' de freveiro é a Candelória -fam-lhe festa or' de Fentans na campilha de Lixó-, é o dia que se casam os paxarinhos e normalmente está sempre bô tempo.

ALGUNS DOS NOSSOS ZOOTOPONIMOS.



A soada Fonte do Lagarto, ao sul de Parada de Tanoiro. Foto: Javier Pereira; Facebook: Cotobade.



O rochedo denominado a "Pena do Gato", sobre as ruínas das casas de Fráguas (Caró). 2013.



Petróglifos do Outeiro do Morcego, no lado norte de Fentáns (San Jorge). Fonte: <http://megalitica.blogspot.com>



A "Laje do Cuco", petróglifo localizado a poucos metros da estrada que baixa à soada carvalheira de San Justo (S. Jorge de Sacos). Fonte: Pablo Eirín.



Morfometria da "Laje dos Zebros", o nosso petróglifo com maior número de cervídeos representados. Fentáns (S. Jorge de Sacos).



O chamado "Outeiro da Garça, um penedo isolado nas áreas ribeirinhas da freguesia de Tanoiro.

No Anexo II da presente obra expõe-se a listagem completa de zootopónimos recolhidos por nós e outros autores locais como Germán Fortes (Caroianos, 2008).

6.13. A FAUNA NA ICONOGRAFIA LOCAL

Analisaremos a seguir as representações dos animais silvestres em imagens gravadas, pintadas, esculpidas ou talhadas sobre pedra e madeira, como elementos artísticos que oferecem testemunho da relevância cultural de determinadas espécies ao longo da história.

Na arte rupestre. Como já se comentou, os petróglifos prehistóricos, realizados entre a Idade do Cobre e a do Bronze (III e II milénio a.C.), constituem no nosso caso as mais antigas representações faunísticas. Trata-se de um série de gravados que aparecem sobre rochas graníticas situadas em baldios de altitude baixa e média. Para muitos autores os petróglifos do SO galego contituem um fenómeno de carácter autóctone, o que significaria a existência dum sistema de crenças próprio, pouco ou nada influenciado por fatores externos. Por mais que a sua função não foi ainda decifrada, a maior parte dos estudos os interpretam-nos como um sistema visual de intercâmbio de informação sobre o mundo social e natural; todo isto sem descartar uma função delimitadora —como marcadores territoriais— e a possibilidade de serem realizados em rituais mágicos sob estados alterados da consciência.

Os únicos zoomorfos presentes nas nossas gravuras rupestres são os cervídeos, os cavalos e as serpentes, todos eles representados dum jeito muito esquemático. Os veados são sem dúvida os elementos figurativos mais repetidos nos petróglifos galegos, representados tanto em movimento como estáticos, de maneira isolada ou em rebanhos. A miúdo associados a combinações circulares mas também a fazerem parte de cenas de caça ou do seu ciclo vital (cópula e brama). Sabe-se que os cervos fizeram parte das crenças religiosas dos povos metalúrgicos europeus como animal provavelmente vinculado ao culto ao sol e/ou aos mortos. Esta sacralidade é bem plausível que se deva à sua nobreza, combatividade ou aos chamativos berros que emitem durante o cio outonoal, interpretados como anúncio do solstício invernal. Todo isto sem esquecer a preponderância da sua caça ao longo da prehistória, como uma das espécies mais abundantes, velozes e de melhor carne.

De muito mais difícil interpretação são as figuradas que representam pegadas de ungulados (maiormente cervídeos) em grupo, conhecidas popularmente como *ferraduras* e que na tradição oral são atribuídas às pisadas do cavalo do apóstolo Santiago. Entre elas sobressaem as gravadas sobre a popular Pedra das Ferraduras, no baldio de Fentáns (S. Jorge), um dos petróglifo galegos mais citados.

Por sua vez os serpentiformes resultam de certo escassos, sendo curiosamente os mais conhecidos aqueles localizados nos castros galaicos de Baldoeiro, Tronha, Tegra e Penalva. Este último, o povoado da Idade do Ferro melhor estudado do vale do rio Lérez, sito no contorno da sobranceira capela de Santo Antoninho de Penalva (Campo Lameiro), conta no seu topo com a chamada Pedra da Serpe. Trata-se de um penedo em cuja cara mais vertical aparecem duas figuras serpentiformes paralelas de uns dous metros de longo. Foi tradicionalmente uma pedra empregada pelos casais sem descendência que acodiam de noite a este alto para copularem contra o "fertilizante" penhasco. A realidade é que a serpente como mulher deusa, associada à imortalidade, a resurreição, a fertilidade ou a cura, aparece já representada em cavernas europeias ocupadas durante o paleolítico superior. Este culto bem poderia ter uma origem biológica, baseada nas eminentes capacidades dos ofídios a respeito dos demais seres (potente veneno, ivernação, muda de pele, resistência à fome, penetrante mirada, locomoção reptante, etc.). Seja como for, a reverência e temor polas cobras sobreviveu até a atualidade, pois —como já se apontou no item dedicado ao vínculo de gênero— na nossa cultura tradicional a figura mítica da *moira* (deusa cósmica) adquire a forma de uma serpente que é preciso desencantar para obter os tesouros que guarda debaixo da terra. Por outra parte, estudos recentes querem ver populares espirais e labirintos, tão presentes nos petróglifos galegos, as figuras basilares de ofídios enroscados, o qual abre uma nova dimensão interpretativa à nossa pródiga arte rupestre.

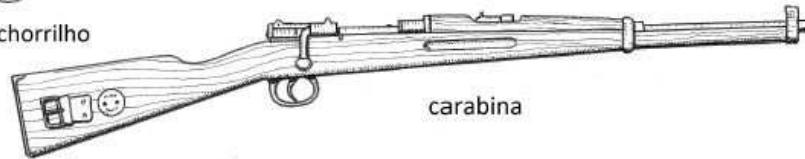
Na heráldica. Outro dos elementos artísticos onde é frequente acharmos animais —reais ou lendários— são os escudos nobiliários que brasonam as torres e portais de muitos dos nossos paços, reitorias e casas fortes. Estas figuras zoomórficas constituem o denominado besteiário heráldico, através do qual se representam as distintas virtudes e paixões humanas. Segundo alguns estudos a presença de animais na heráldica ibérica supera 35% das temáticas. A maioria das figuras foram estabelecidas e estandarizadas na Idade Média, inspiradas nos bestiários postos na moda em toda a Europa. Porém, nos emblemas pétreos cotobadenses só damos conta da existência de três espécies selvagens (águia, lobo e leão), presentes nos escudos do paço do Eirado (S. Jorge), da corte do Covelo (Vila de Riba - Sacos) e da Casa Grande de Cerague (Águas Santas).

A águia aparece em brasões desde o tempo das cruzadas, proveniente da água romana que simbolizava o império e, portanto, o poder supremo. Acha-se bem presente nas armas do centro e leste da Europa e muito menos nas regiões ocidentais onde triunfou o leão. À parte de nos *cubos* do paço do Eirado, encontramos águias nos frontispícios de vários *patios* dos campos-santos de Tanoiro e Loureiro e ainda uma última sobre o formoso relógio de sol que enfeita o telhado da casa do Demo (Esquadra).

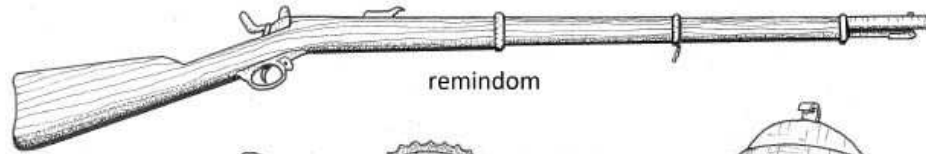
A CAÇA DE MAMÍFEROS



cachorrilho



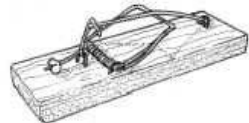
carabina



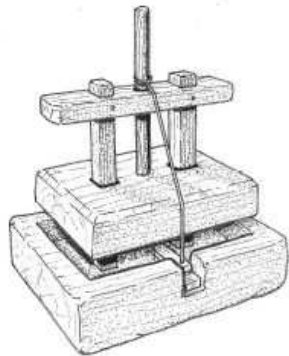
remindom



garmelos ou argadelos



rateira (moderna)



rateira (antiga)

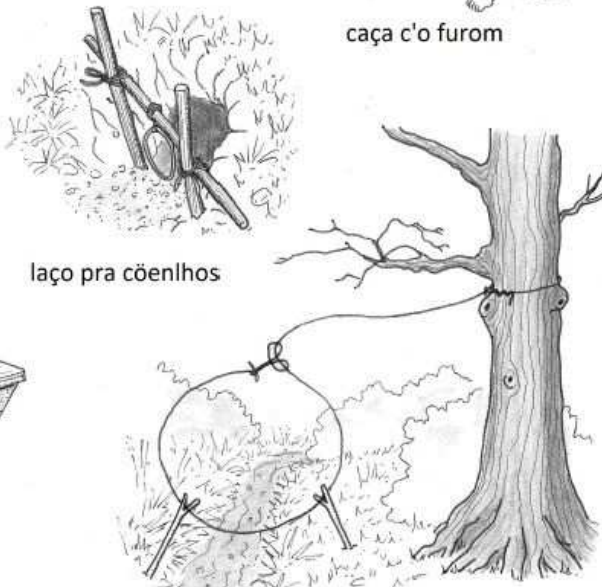
chuço



trampa pra leirons



caça c'o furom



laço pra cöenlhos

laço pra raposos

andava-s'a roçar(e), andava-s'à lenha, c'o gando, e clavo, era perigoso andar por aí a pegar tiros, à gente nom che lhe chistava nada. Este nosso monte tinha daquela lebres e algunha vez vinha a elas com escopeta o Bataneiro de Vichocuntim, e já se sabia qu'andava por aqui porque se sentiam os tiros às tãntar'da manhã ou assi tamém já à noitinha; com dia grande n'o mirarias andar(e).

Lou. - Hasta hai medio século habia bastante caza de lebres, coenllos, perdices, pasallós na sua época, palomas bravas (torcaces). Foi minguando de tal xeito que xa ó parecer non hai lebres, foron alevosamente esterminadas cautivandoas coas luces projectadas polos faros dos coches, dende as carreiteiras. Quedan mui poucos coenllos por culpa do aumento de cazadores, a queima do monte e o aumento de raposos. Tamén quedan moi poucas perdices porque tamén o lume abrasou niñadas completas. Fai uns anos tivemos ocasión de presenciar a trishura de unha perdiz apionando en continua carreira, de un lado para outro, por encima do capeado de un muro. Nunca ain un clamor tan triste, tan forte e tan seguido de unha perdiz chamando polos perdigóns, que niste caso non puideron escapar do lume porque lle cortou a retirada. Nos bos tempos, a fins do século pasado, cazábanse con escopete e con ichó, feito con unha tabuiña con bisagras que ó pasar a perdiz polo carreiro e pisar o ichó abria para baixo e a paerdiz caía no burato. || Os coenllos cazábanse con escopeta e en alguns casos con bos cans. Houbo o emprego do furón que foi o primeiro gran nemigo da caza. || Para cazar paxaro ouseuse moito o pantelro que é unha cestiña de forma piramidal con catro caras todas feitas de palitroques. Armase erguendo de unha bando e apoiando a parte alta de xeito que se solte ó remover os grans que se pon de cebo para atraguer os paxariños, melros, gaios, tordos na sua época, cregos marelos, rulas e palomas bravas. Non sendo as palomas bravas, as outras aves eram buscadas pra enxaular. Alguns rapaces pillaban os pardillos con visgo, e tamén utilizando como pantelro unha cestiña pequena deixada de servicio. || A caza do lobo foi durante moito tempo fieta nos foxos, logo persigueuse con cebos venenosos, escopeta e os garmelos. A comenzo de século habiase conseguido a total desaparición das terras de Cotobade e habia sido un veciño de Loureiro o que habia logado desinzalos, pero coa guerra Civil desapareceron as escopetas e chegaron de novo os lobos. Hay agora abundancia de raposos, teixugos e garduñas. Tanto o lobo como o raposo, inda non hai tantos anos, cando se lograba matar algún, os rapaces do lugar peseaban pola parroquia pra que lle deran algun carto ou carne e ovos pola liberación dos danos que o animal abatido facia. Tanto o raposo como o teixugo aproveitábase a piel por ser mui estimada pola muller como adorno do seu vestir. Polos lobos daban en Pontevedra unha cantidade pequena de cartos, para protección da casa e dos animais caseiros. (FRAGUAS MPG).

A restante dez mamíferos objeto de caza utilitaria conforma-no o grupo das chamadas especies peleiteiras, muito mais escasas e de hábitos noturnos, as quais eram cobiçadas por un reducido número de *trampeiros* locais que vendiam as peles —ao peso e já curtidas— aos conhecidos como *viajantes* (intermediários ambulantes). Para a sua captura, vivos ou mortos, empregavam-se mormente *garmelos* (armadilhas dentadas) e *laços corredios* —modernamente também *jaulas*— que se dispunham nas imediações das madrigueiras ou interpostas nos *carreiros* que costumavam transitar. Todas estas especies predadoras, assaltantes de rebanhos e galinheiros, eram ademais objeto de caza exterminativa para o qual se empregavam *chuços* (lanças de ponta de ferro) que permitiam guardar uma distância prudencial com a fera, mas que costumavam estragar o prezado pelame.

Alm1 (M.80, 2010) Nesta casa entrava-nos moito o raposo no galinheiro —un galinheiro de pedra que tinhamos aqui fora arrimado à porta da cozinha— e pojo-se-lh'ali na entrada unha trampa qu'era com'umha caixa de madeira c'umha portinha e um buraco por onde entrá-lo-raposo, e dentro tinha um cepo. E cando caía um raposo levava-no Gosé e Hermínio polas portas de toda a Aldea a pedir um aguinaldo. A genta dava-lhe güevos e o que padia algum carto.

Jor1 (H.77, 2008) O defunto do senhor Ángel [do Fontám] devia de ter na casa hasta dez argadelos, cada um de seu tamanho. Esse home era moita a lideira que tinha co'a bicheria. Marchava à noitinha pra Farons e pôlar'veigas todas d'a pé Rio [Lêrez] a armar ali e acolá c'o farolinho preso na punta dum pau. Tinha pra casa pôlar'doze e na alva de manhã já botava fora outra vez, e ó cabo d'umha hora via-lo volver c'o saco dos apetrechos ao lombo e a roupa toda arvalhadinha. Nunca o colhêrom, e vendia os peles de marta, de raposo, de londra.. Cando pilhava algo já vinha assubiando polo caminho e o rapazes andavamos tolos arredor del pra que nos ensinara o que colhia e despois havia quen'o arremedava: Caiiches carallo! Cabrooom! Caiiches c'or'dentes arreganhados! Nai que te botoou(e)!

Tan3 (H.85,2002) Aqui na casa havia vário'r'desser'garmelos, dous pequenos e outro mair'grande, porque já o meu sogro os usava pa lh'armar à londra no rio, pero eu já era mais amigo dor'laços, porque nom som tam perigrosos. O carallo dor'garmelos —se nom quierar'levar um susto— tinha que os armar com noite e levantar-te cedo p'os ir mirar(e). Daquela rifavam moito or'vezinhos polo fandango dor'garmelos, porque já nom era o primeiro cam que caía neles; e c'or'laços nom passava tanto, porque se lhe punham na porta dos tobos ou assi naqueles carreiros que faziam or'bichos; e nada qu'entenderas um pouco já conocias aqueles passadeiros e asseguir miraras por ali pelos ou cagalhetas já sabias s'eram de raposo, de teixugo, de marta ou do que fosse; porque cada um deles tem a sua alura à que ponher-lh'o laço. E tamém se mirava s'havia passadas frescas pa saber de que lado lhe tocava vir de volta. Naqueles tempos o rio nom dava sólo pesca, esta'rbeiras todas eram um ninho de bicheria e a gente inda cho agradecia porqu'eram umha plaga par'galinhas, pös cöenlhos e o teixugo hasta se botava ó millo.

Vall (H.75, 1998) A gardunha, o teixugo, o raposo e todos essa bicheria têm cagadoiros po'rriba dar'lajes e dos outeiros; marcam assi o território deles e normalmente passam cada dous ou três dias polo mirmo sino; e desta

maneira os que lh'armavam sabiam dêstar lajes e dos carreiros todos por onde eles andavam. Armavam-lh'assi, laços por debaixo das gesteiras ou presos ô canhoto dumha urze, todo por aquêlar matoguêirar do monte ond' eles s'agachavam. E or'cepos armavam-lhos mair'bem no alto dum outeiro ou mirmo na pôla dum carvalho, sempre por onde nom pizasse gente. Or'cepos untava-nos com sebo de carneiro pa que nom lhe chestrassem à persona e de cebo punham-lh'umha talhada de toucinho ou um anaco de chourço, que botam muito recendo. Eu na taberna da Várzia do Setxo mirei dumha vez um cepo mair'grande qu'essa banqueta —era p'armar-lh'ô lobo—, pero os que se lhe punham por aqui à gardunha e ô raposo eram mair'bem pequeneiros, c'umha cadea bem larga, que lhos compravam ô ferreiro de Cartel na feira de Caldelas.

Via3 (H.83, 2003) Por aqui inda nom hai tantos anos que vinha trampear pola beira do rio o Campaneiro da Fraga; foi o último de todos. Esse armava-lhe maiormente ô raposo, porque já ultimamente era a única piel que se pagava polo legal.

Lêrez - Outeiro (H.74, 2000) Estas alimhanhas havia quen'as pillava com laço ou tamém com redes, pero o que tinha bôs cepos, esses davam-che milhor resultado. O que caíam no cepo, logo si, eu botava-lh'um laço ô peçoço p'agamá-los sim escaralhá-la-piel; pero com muito tino, porque si che botavam or'dentes podiam-che pegá-la-rávia. || Pero a lei de caça do ano satenta já proibeu totalmente or'cepos e sólo permitia caçá-los a disparos, e assi nom havia maneira, porque todas estas alimhanhas namais que anda de noite. E despois ô pouco já nada, nim teixugo, nim marta, nim londra, quedárom todos protegidos; sólo permitiem caçá-lo-raposo co'a escopeta, pero as pieles com perdigonços já nom se pagam. || Estes últimos anos —que já nim venenos se usam— toda esta bichéria foi a mais, já volvem rondar pôlor galinheiros, pero si t'atreves a matar um na tua casa, tem boa conta que nom cho separam o caralho dos ecologista, porque che plantam umha demincia que te deixam a temblar(e).

A caça de aves.

Como já se viu, a captura de todo o tipo de aves, vivas ou mortas, era um dos principais entretenimentos das crianças ao longo do ano, mas realmente as espécies de uso propriamente cinegético, com destino à alimentação, eram a perdiz, o paspalhês, a torcaza e, em muito menos medida, a rula, o saturninho e o pato-do-rio. Nos últimas décadas do s.XX fizeram-se nos baldios alguns repovoamentos com feisám, resultando todos eles infrutíferos. Realmente, fora da estimada perdiz —cujas populações se viram seriamente minguadas com o abandono do cultivo do centeo— a caça do resto das espécies, muito menos numerosas, era vista de facto como um passatempo próprio de rapazes ou homens ociosos.

Ademais das já referidas paxareiras (escopetas de um só cano que apenas uns poucos possuíam) as principais técnicas de caça eram os pantelros e gaiolas, pequenas jaulas que permitiam a captura de peças vivas. A fim de apanhar perdizes empregava-se sobretudo o ichó, uma portinhola de tábuas oscilantes dispostas sobre um buraco escavado no chão. Para não causar morte usava-se igualmente o visgo, uma substância pegajosa que se colocava nos ramos das árvores. Por sua vez, entre os métodos letais, achavam-se os tira-pedras (fiskas), os garamilhos (ratoeiras para pássaros), as lousas/lajotes/lastras (pedras planas colocadas em falso equilíbrio sobre um cebo) e mais raramente a fonda (tira de couro para arremessar pedras).

Agu2 (H.78, 2001) Antes havia umhas escopetas singelas, que sólo tinham um canho, chamavam-lhe paxareiras, pero nom tinham nada que ver co'ar de balins —eram de cartuchos— e por aqui havia algum home que as tinha p'andar às perdizes. Ar de balins já foi umha cousa moderna; esso foi a partir do ano satenta e pico. O pai qu'era caçador comprava-lha ô filho pa que fosse praticando. Pero daquela já foi a morte dos paxaros todos, andavam ôrapazes loquinhos. Eu inda lhe tenho berrado aqui a uns, porque todo lhe valia, o mirmo umha pega, c'umha turcaza, c'um papo-rívio, nom respeitavam nim o tempo da cria, i eso nom era maneira. Agora já nim rapazes hai e os paxaros parece que repugêrom algo.

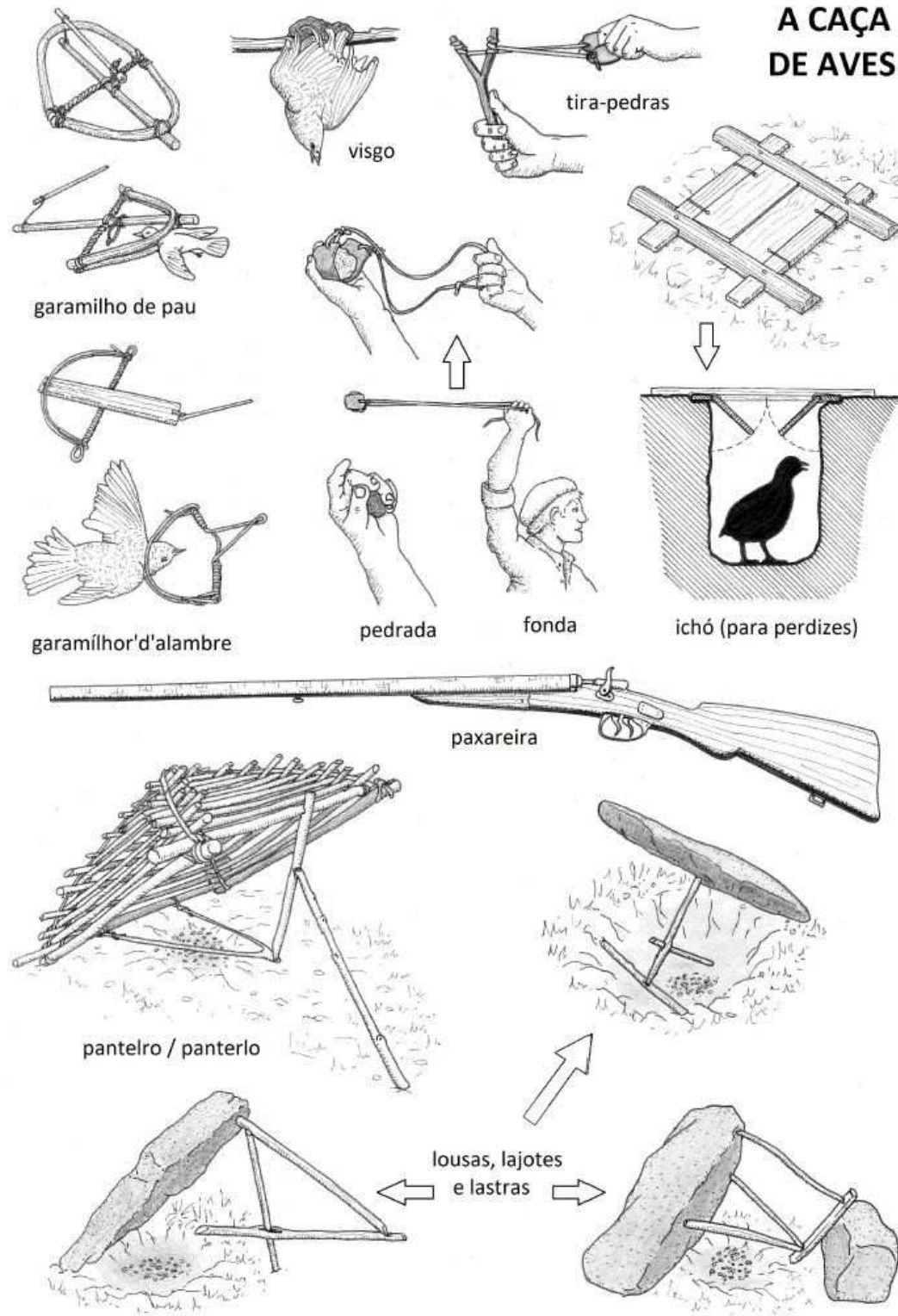
Agu5 (H.75, 2001) O sanguinho é de madeira ruim, aqui sólo se usava pra fazer pantelros por ser de guias dreitínhas. Pa pantelros inda eram milhores o vimbio verde e o salgueiro, pero o vimbietiro por aqui n'o havia e o salgueiro andava moi apanhado pra cestos. Os pantelros punham-se polas hortas e pôlar veigas pa pillhar gaios, turcazas e outros paxaror damnhinhos pa agricultura.

Alm1 (M.50, 2016) Sendo eu rapaza na escola unitária d'Almofrei os rapazes faziam pantelros enormes pa caçar trocazas e rulas polas veigas, e despois tinham tanto garbo com eles que os vinham ensinar à escuela.

Caro3 (H.75, 1998) Na minha rapazada calquera pau ou calquera pedra nor'valia de joguete. Ivamos pô monte co'a rolda das ovelhas e alá enredávamos a caçar corvos, pegas e lagartos às pedradas; ou inda milhor c'o tira-pedras, qu'or fazíamos c'um galhinho de pau de tojo e umha tira de neumático velho; c'o tirapedras apuntavamor-lhe maiormente ôs chascos e às perdizes. Ai, havia-ch'algum que tinha umha punteria que nim Diós. Meu irmám figera um tira-pedras grande e com esse chegou a matar umha lebre: certou-lhe no médio e médio do peito e caeu coma chumbo; e cando s'abureu do tira-pedras, co'a mirma goma e umha vara de salgueiro armou um arco —um arco como o dos índios— e com esse caçou tamém algumha paloma-brava.

Cor1 (H.87, 2009) Co'essa tal fonda vim eu matar umha perdiz a un'rapázer da Várzia. Foi alá numha cham do monte que lhe chamam a Portela da Cruz, no caminho à feira de Doade. Era um couro atado a uns cordeles e co'ela podiam-s'arrebolar pedras a moita distância, pedras coma punhos. Por aqui ôrapazes tamém matavamos muitos paxaros c'o tira-pedras, pero sólo valia pa tirar pedregulhinhos.

A CAÇA DE AVES



Castelo), com 7; Cangas de Narcea (Astúrias), com 7; Allande (Astúrias), com 6; Veiga de Espiñaredo (Lião), com 5; Illano (Astúrias), com 4; Candim (Lião), com 4; e Berberana (Burgos), com 4.

A causa da habitual concentração de *fojos* em determinadas áreas de território distantes entre si, não pode na maior parte dos casos ser justificada em base a uma especial presença de lobos ou gado associados a grandes baldios, e estaria mais relacionada com a existência de determinadas diretrizes ditadas pelas autoridades comarcais, tal é o caso das referidas “Ordenanzas de la tierra de Cotovad” que permaneceram em vigor ao longo de todo o Antigo Regime. Os três *fojos* cotobadenses localizam-se num raio de pouco mais de 7km, apenas distantes outros tantos do chamado Fojinho Velho, situado no vizinho concelho de Ponte Caldelas a só 700m da estrema meridional do nosso município. Fora destes, os restantes *fojos* conservados da província de Ponte Vedra acham-se na vasta serra do Suido: o da Gesta (Lama), o de Cotodeira (Fornelos de Montes), o do Campo (Covelo), e o de Gargamala (Mondariz), este último —o mais distante— uns 30km ao sul da Terra de Cotobade.

As nossas três armadilhas lobeiras compartilham realmente bastantes características. A sua localização de média ladeira, acompanhando as leves inclinações descendentes de abertas depressões conformadas por pequenos regueiros, em baldios afastados perto dos lindes paroquiais. No que atinge às dimensões dos seus poços, os diâmetros são quase idênticos em três deles (4,90m), o mesmo que a cantaria dos grossos muros de *cachoteria*, fábrica onde predominam as pedras irregulares de tamanho pequeno ou mediano. Pelo contrário, diferem consideravelmente na abertura, cumprimento e o desenho em planta das suas *sebes*, muito regulares e simétricas no fojo das Vranheiras, mais estreitas e trucas no da Anta e definitivamente abertas e arqueadas no da Coelhosa.

Realmente só no da Anta, o melhor conservado, fica memória do seu uso (até finais do s.XX), o que nos leva a pensar que os restantes foram abandonados com bastante antelaboração. Após o seu desuso foram objeto dum acelerado espólio da sua pedra, pois todos eles se achavam acessíveis para os carros do país. No imaginário popular estas singulares obras de cantaria seca, as únicas de grandes dimensões localizadas no baldio, são atribuídas à mão dos *mouros*, os primigénios habitantes destas terras, capazes de realizar proezas.

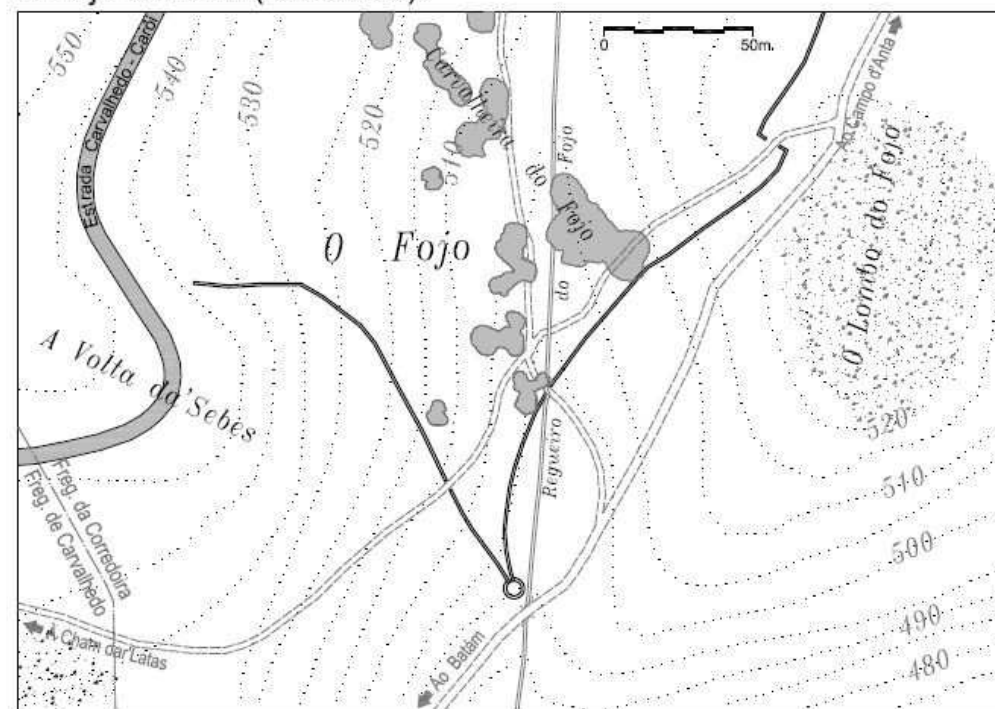
O Fojo da Anta (Corredoira) Situado na aba sudeste do monte Coirego (coord. 42.480765, -8.450423) a 520m de altitude, encaixado na depressão do *regueiro do Fojo*, que corre em direção norte-sul para desaguar no rio Almoforei, localizado a 330m e uns 60 de desnível. No centro das *sebes*, a um e outro lado do citado *regueiro*, medra uma velha e evocatória carvalheira cujo chão se acha atapetado de impressionantes moutas de musgo. Fora desta pequena massa arborada, a *sebe* oriental atravessa uma chã de bons pastos estivais (*vranheiras*), enquanto que o muro ocidental ascende por uma ladeira pedregosa povoada por matas de *fojo-arnal*.

A armadilha acha-se por inteiro nos termos da freguesia da Corredoira, mas a escassos 130m das respetivas estremas com as vizinhas paróquias de Carvalhede e Loureiro. Concretamente o poço encontra-se a só 120m da chamada *volta da Sebes*, uma pronunciada curva da estrada de Carvalhede à Corredoira e cuja obra —em 1924— supus a destruição de boa parte da sua *sebe* oeste, a mais ladeiranta, que desde aqui cai 50m até o poço. Polo nascente, contornando os muros do fojo, discorre também o velho caminho do *Barâm* (Loureiro) à Corredoira, o qual conflui ao pouco com a via que sobe da conhecida ponte Serrápio, sobre o antedito rio Almoforei Lérez. A aldeia mais próxima do fojo, situada à mesma altura sobre a outra margem do Almoforei, é a Cham (Loureiro), a só 750m em linha reta; mas atendendo aos usos do baldio é realmente a Anta (Corredoira), distante 1,5km do poço lobeiro, o povoado mais vinculado a ele e do qual toma o seu nome.

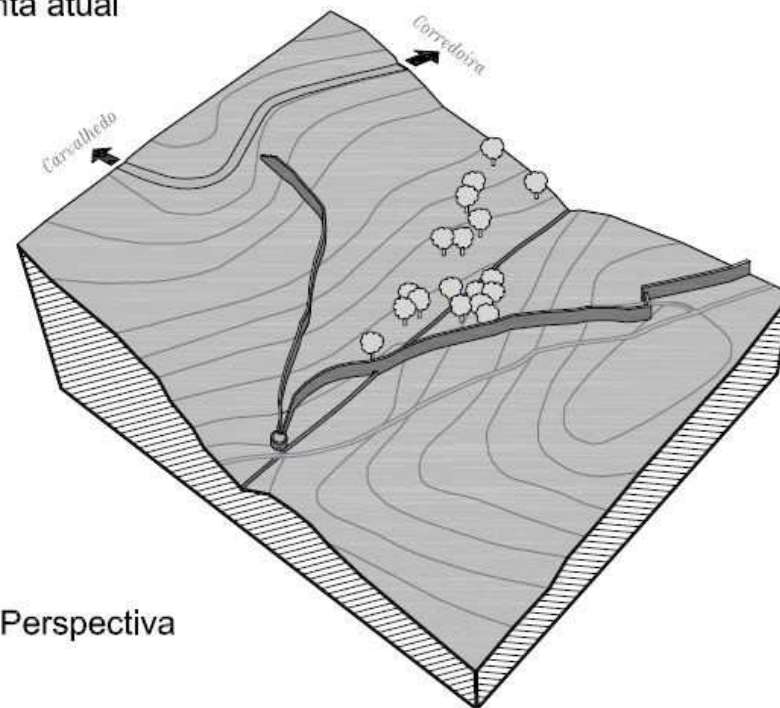
O seu grande poço, de 5m diâmetro interno, acha-se realmente ruinoso, com o interior praticamente colmatado pelas próprias pedras do muro perimetral de 1,25m de grossura. Na sua parede, norte, a de melhor cantaria, conserva um pequeno trecho de 1,90m de altura, ainda que a profundidade original deveu superar os 4m. Na parte exterior e mais baixa, justo sobre a margem da acéquia chamada a *presa do fojo*, é possível apreciar parte da portinhola através do qual se acedia ao interior do poço para retirar as peças abatidas. No que atinge aos muros convergentes, nos primeiros 60m estes apresentam ainda um aceitável estado de conservação, com algum trecho que conserva os 3m de altura originais com as suas *cápias* sobrepostas. Em geral a *sebe* oeste mantém alturas superiores aos 100cm ao longo de 150m, enquanto que a oeste o faz através de 250m, mas mantendo vestígios de menor envergadura durante pelo menos outros tantos. A existência dos lavrados murados do *Campo d’Sebes*, distanciados 1km ao norte do nosso fojo, oferece-nos uma ideia da possível longitude original desta parede mais oriental. É também neste muro onde é possível ainda observar um pequeno *portelo* e uma cancela de grandes dimensões acompanhando um curioso truncamento da muralha. Na zona mais afunilada do fojo observam-se ademais os restos pétreos de pelo menos três “esperas”, esconderijos abertos em direção ao poço nos quais se ocultavam pessoas para intimidar o lobo impedindo que este recuasse.

No ano 2000 a recém-criada associação “Cañón de Pau” inaugura a denominada rota do “Foxo do Lobo”, a primeira de pedestres assinalada dentro do concelho de Cobobade, e que ao longo de mais de vinte anos levou a inúmeras pessoas de todo o País a visitarem as ruínas da derradeira das nossas armadilhas lobeiras em uso.

O Fojo da Anta (Corredoira).



Planta atual



Perspectiva

en la peña granítica señala el lugar donde cayó sin vida Enrique das Corchetas, entusiasta corredor de lobos. (FRAGUAS, 1946: 131-134).

O Fojo das Vranheiras (Carvalhedeo) Sito na aba noroeste do promontório dos Três Cotos, (coord. 42.478379, -8.511619), a 415m de altitude, sobre a valeira conformada polo incipiente *regueiro* dar Vranheiras ou das Lamas d'Amariz, o qual corre a menos de 20m do seu poço, tudo no conforto setentrional do monte Castelo. Nas imediações da armadilha ficam ainda os restos de três históricas carvalheiras comunais: ao nascente a dos Carreiros e a do Rei, e ao sudeste, a das Sebes, este última sobre uma pequena chã antanho atravessada polo muro mais oriental do fojo. Bem perto também, as planícies –antanho aproveitadas para roças de tojo– dos Carreiros e a do Campo da Corrida, esta última conhecida por ser o local onde na década de 1980 se instalou a lixeira municipal.

O fojo acha-se no baldio da freguesia de Carvalhedeo, a menos de 50m da raia com a paróquia de Viascom, como assim o indica o potente marco que há uns anos colocaram ao pé do *regueiro* as respectivas Comunidades de Montes. A aldeia mais próxima é a de Paranhos, uns 1,2km ao nascente, e foram os seus vizinhos os que tradicionalmente aproveitaram este baldio com vistas ao lugar de Cuspedrinhos (S. Jorge). Uns 50m sobre o poço lobeiro discorre a *pista* florestal (atualmente estrada até a ex-lixreira) traçada na década de 1950 para contornar o monte Castelo. Paralelo a esta ainda se adivinha o antigo caminho da carvalheira das Sebes que atravessava o muro ocidental do fojo.

Nos finais do s.XX o estado deste fojo era precário, com a parte aérea do poço praticamente desaparecida e as *sebes* conservadas de maneira visível só nos últimos 100m, com alturas superiores aos 100cm em contados pontos do seu percurso. A maior parte dos muros foram destruídos para a construção da citada *pista* florestal e, posteriormente, quando na década de 1970 se regularizou com escavadeiras a *Cham da Carvalheira da Sebes* para a realização dum improvisado *circo* onde realizar a rapa das bestas do monte Castelo (atualmente trasladado a Cuspedrinhos). Mas no verão de 2009, por iniciativa da Comunidade de Montes de Carvalhedeo e aproveitando um subsídio da Junta da Galiza, reconstruiu-se de raiz o poço e uns 8m da zona mais afunilada das *sebes*. A obra foi feita por um par de canteiros –sob a supervisão de escultor pontevedrino Sergio Portela– aproveitando os antigos alicerces e as pedras espargidas pola zona. Esta atuação deu como resultado um poço de 3,80m de diâmetro interior, com paredes de *cachotes* e *rebos* de 85cm de espessura e uma altura exterior de 3m. Na sua cara norte deixou-se uma portinha de 70 x 145cm que comunica com o fundo do cerco situado ao mesmo nível que o exterior. Por sua vez, as *sebes* levantam 1,30m sobre a parte superior do poço e acabam num estreitamento –sem lintel– de 75cm de largo, desde o qual existe uma caída livre de 1,95m. O mesmo que acontece no fojo da Anta, uma das *sebes* –neste caso a mais ocidental– corre obliquamente à ladeira, adquirindo muita menos inclinação que o oriental, a qual mesmo se sobrepõe a algum penedo superficial.

Desconhecendo os critérios empregados nesta reconstrução quase total, o caso é que o fojo das Vranheiras, junto com o moinho do vento da Igreja (Carvalhedeo) –refeito polos mesmo promotores–, se converteram na atualidade num dos elementos patrimoniais mais visitados da Terra de Cotobade.

Alm2 - "En esta otra leyenda recogida en el barrio de Gesteira, habla de un túnel muy largo que va desde el Coto da Torre hasta el lugar de Pazos, a donde llevaban los moros los caballos a beber. Bajo este coto se cree existe el tesoro dejado por los moros. También se dice existe una fosa donde mataban los lobos para lo cual se reunían gentes de Pazos, Tenorio y Gesteira". Fichas arqueológicas do Museu de Ponte Veda.

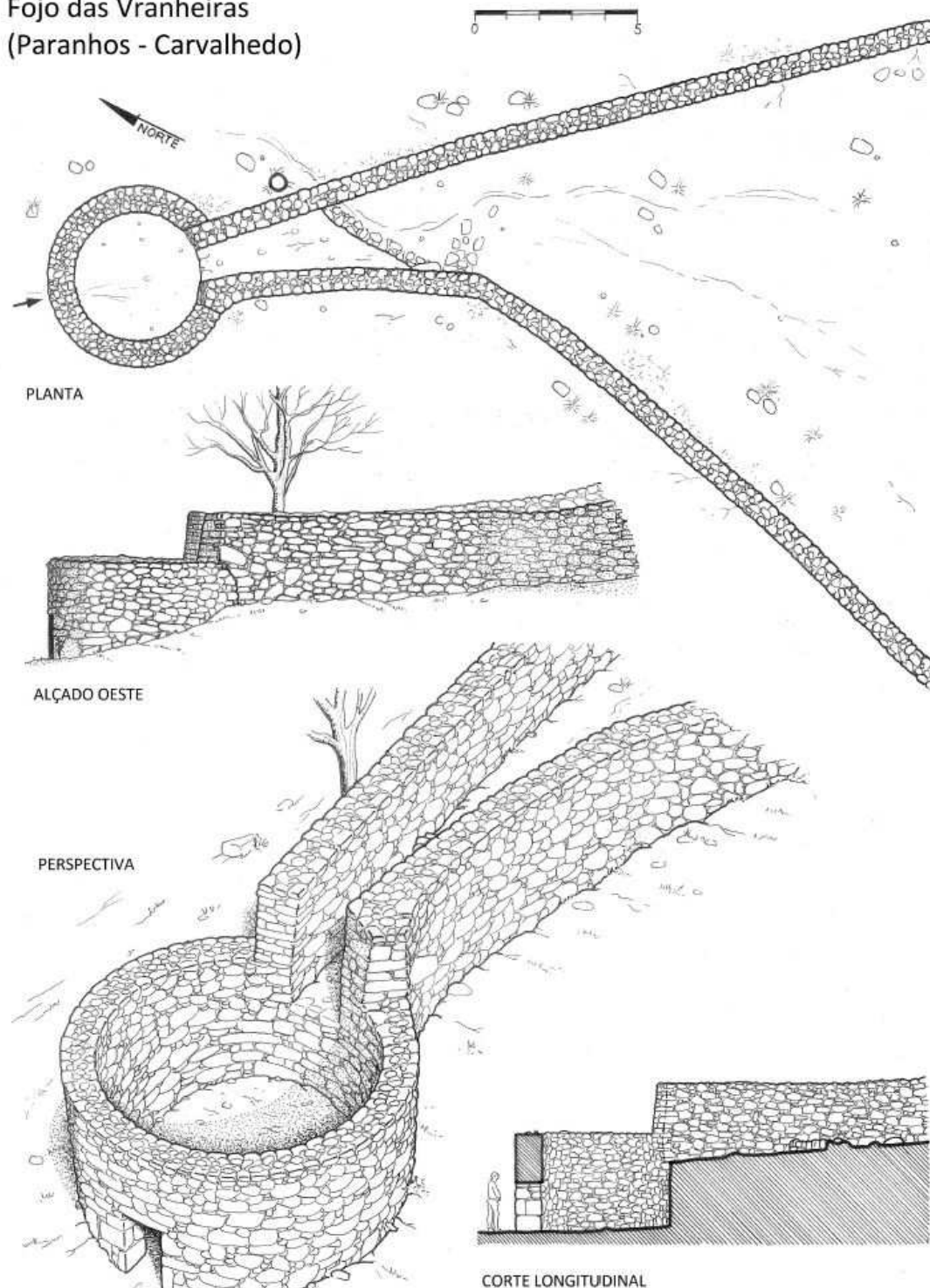
Carv2 - O Campo da Corrida – Monte de Carvalhedeo ao norte da lixeira municipal. Um pouco acima do Campo da Corrida há uma Carvalheira chamada Das Sebes, e justo ao nascente da lixeira municipal está o chamado Coto da Corrida.

Jor3 (H.75, 1999) O fojo do Castelo sendo eu rapaz inda tinha or' muros altos, inda que já caídos por moito 'sitos. O rapazes qu'andavamos co'a rolda ívamos p'ali brincar e fazia-nor'grácia botá-las-pedras ali dentro daquel burato tam grande.

Carv2 (H.76, 2002) O tal Campo da Corrida, está no nosso monte, um pouco mais pa diante do vasurero [lixreira municipal]. A gente dizia que podia ser de cando correram or' mórór d'Espanha, pero era porque por ali abaixo corriam o lobo p'o Fojo dar Vranheiras.

O Fojo da Coelhosa (Valongo) Encravado na ladeira oriental do monte Cabeiro (coord. 42.460821, -8.426832), a 620m de altitude, sobre a pequena depressão que conformam dous incipientes arroios que ali mesmo confluem conformando o chamado *regueiro* do Fojo, o qual se precipita torrencialmente num desnível de 200m até o vizinho leito do rio Barbeira. Trata-se duma pedregosa zona do baldio, com abundância de afloramentos rochosos rodeados por uma vegetação rasa de tojos e alguma *gesta* ou *piorna*. Nas margens dos

Fojo das Vranheiras (Paranhos - Carvalhedeo)



depósitos de conchas. Além do mais, desde 1985 foram desenterradas várias embarcações monóxilas (feitas num só tronco) do leito do rio Lima ao seu passo por Viana do Castelo, algumas das quais —segundo o teste do carbono14— têm mais de 2000 anos de antiguidade. Mas a verdadeira revolução não se produziu até a chegada dos romanos, com a irrupção de barcos de maior tonelagem e mais capacidade de manobra, os quais possibilitaram pela primeira vez a pesca com grandes redes em águas profundas.

Já na Idade Média, a pescaria marinha passou a ser uma das grandes atividades económicas, com o surgimento dos grêmios de mareantes e o controlo exaustivo dos prósperos portos pelos grandes senhores e a igreja. Nesta época surgiram as principais rotas de arearia, como as que cruzavam a Terra de Cotobade pelos altos do Seixo e o Paranho em direção ao Ribeiro. Através delas transportava-se o peixe e o polvo (salgado ou seco) para as terras do interior e trazia-se o prezado vinho da comarca de Ávia. Ainda que, como já se apontou, nas terras baixas de Cotobade, o consumo de pescado fresco —comprado nos mercados de Ponte Vedra ou trazido pelas *peixeiras* ambulantes de Marim— era relativamente comum fora da temporada invernal.

No s.XVI o grémio de mareantes de Ponte Vedra controlava as melhores pesqueiras das rias Baixas, desde Aguiño, ao norte, até Baiona, ao sul. A principal espécie era na altura a *sardinha*, capturada sobretudo com a arte dos *jeitos* e em menor medida com a dos *cercos*, a mais privilegiada pela Coroa e o poder arcebispo. Mas a decadência urbana de meados do s.XVIII suporia o abandono quase total desta produtiva arte. Aproveitando a conjuntura, nos finais da Idade Moderna começam a se estabelecer nas rias Baixas um considerável número de empresários catalães que, servindo-se da abundância da sardinha nas nossas águas, dariam começo a uma florescente atividade industrial. A generalização das conservas de pescado e a posterior chegada dos congelados permitiriam a exportação maciça dos nossos produtos do mar, os quais se converteriam na principal fonte de riqueza das vilas e cidades costeiras durante a primeira metade do s.XX.

Contudo, a sobreexploração destes recursos suporia uma considerável merma das pescarias ao longo das últimas décadas. Nalguns casos, como o das baleas nórdicas que migravam frente às costas de Fisterra, a sua agressiva pesca (Cangas, 1955-1983) levou a espécie mesmo às portas de extinção. A entrada da Espanha na União Europeia (1986) comportou finalmente severas limitações à pesca costeira e internacinal produzindo-se o desmantelando-se boa parte da frota.

Por sua vez, a pesca fluvial —centrada principalmente na *troita*— quase sempre se limitou ao autoconsumo local, não sendo a prezada *lamprea* que, capturada no trecho médio e baixo de rio Lérez, era às vezes comercializada fora da comarca. Do mesmo modo, a abundância dos nossos rios tocou a fim a partir da década de 1960 por causa do abuso da pesca desportiva e a crescente contaminação das águas continentais.

A pesca tradicional.

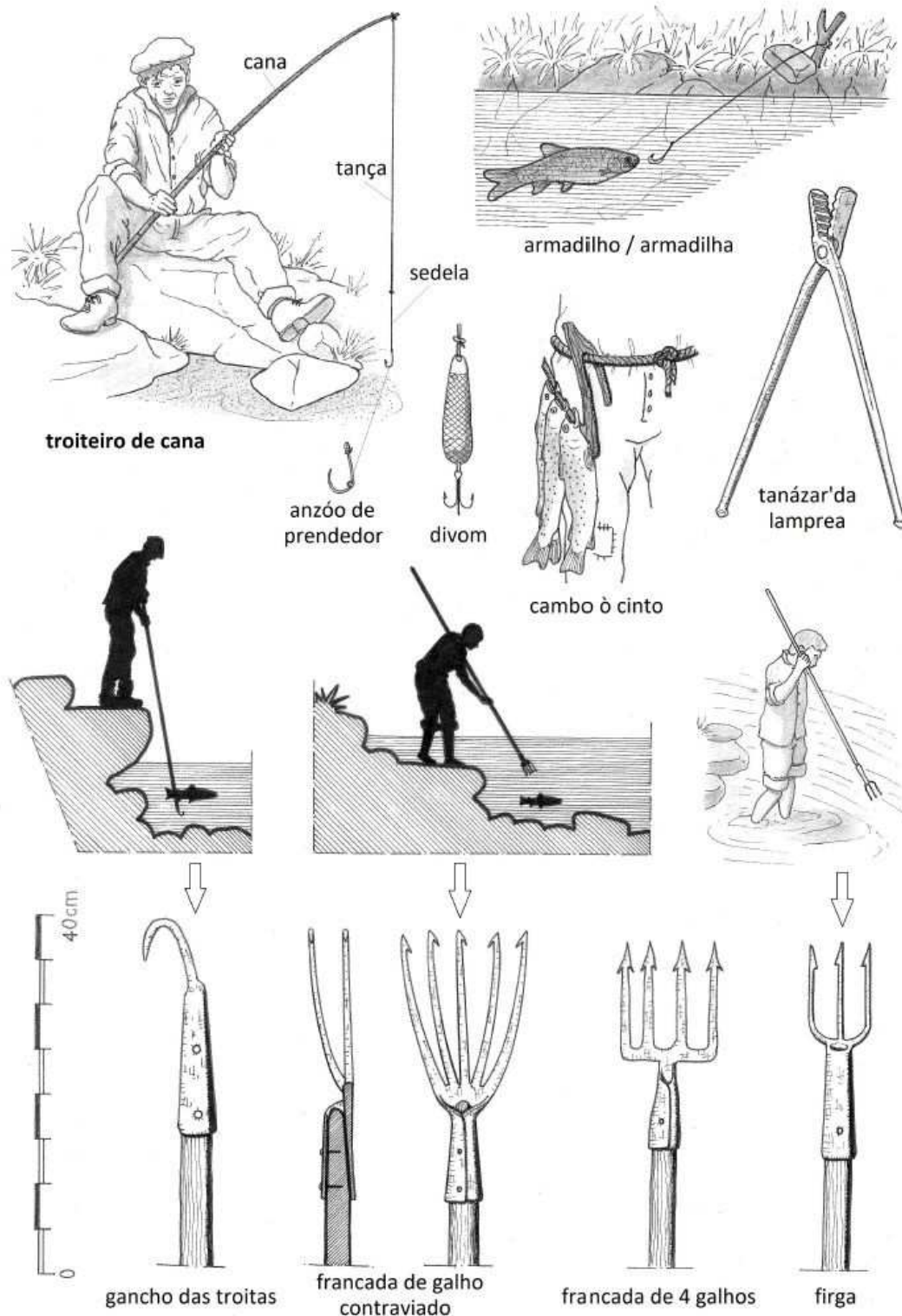
Trata-se do conjunto de técnicas ou atividades tradicionalmente empregadas por alguns membros da nossa comunidade rural para a captura de peixes de rio com destino ao auto-consumo e, mais excepcionalmente, à venda pelas tabernas locais. A sua prática representava um mero complemento à economia doméstica, pois em geral o peixe não era muito estimado como alimento em função da "pouca energia" que proporcionava. Na verdade só uma mancha de peixes marinhos eram relativamente apreciados (*sardinha*, *xorelo*, *pescada*, *bacalau*, etc) e a abundantíssima *troita* foi mais valorada e consumida a partir da generalização da pesca desportiva na década de 1960.

O mesmo que na caça tradicional, os seus principais praticantes eram os rapazes e um minguado número de adultos, geralmente das classes menos favorecidas. Os primeiros, empregando métodos muito rústicos (as mãos, canas de pau, *armadilhas*, etc.) entretinham-se pescando *troitas* nos rios e *regueiros* próximos das zonas em que apascentavam o gado ou nas recônditas ribeiras onde se ocultavam *fazendo gata*. Os segundos, valendo-se de artes mais elaboradas, a maioria delas passivas e ilegais, colocavam nassas, redes e anzóis ao escurecer para depois revisá-los de madrugada. As capturas eram a miúdo vendidas pelas tabernas da contorna que ofereciam as *troitas* ou as *anguilas* fritas aos seus clientes. Aliás, as espécies de rio —excluindo a *lamprea*— resultavam em geral pouco pagas e as os peixes eram a miúdo oferecidos como presente a *cregos* e *senhoritos* "pr'os ter de mam".

As principais artes tradicionais podem ser divididas em «passivas», as de tipo *armadilha*, ou «ativas», aquelas onde o pescador adquire um maior protagonismo. Entre as primeiras, temos: *cesto*, *nassas*, *trarmalho* e *armadilhas*; e entre as segundas: a pesca manual, *francada*, *firga*, *gancho*, *cana*, *ganapam*, *trallo venenos* e *explosivos*. Excluindo o *ganapam* (rede cônica) e os tridentes (*francada* e *firga*), destinados principalmente à *lamprea* e a *anguila*, o resto das artes eram todas elas empregadas na pesca da *troita* e as demais espécies fluviais muito menos comuns.

Agul (H.91, 2001) A anguila e a troita eram a riqueza deste rio Verdugo. Daquela era o revês que hoje, a gente das aldeias dava-lhe muita mais categoria o peixe do rio; do mar só o bacalau e o pulpo, porque total o peixe fresco namais se comia assí de páscoas a ramos, o dia qu'e s'iva à feira a Caldelas e se traíam umha sardinha ou uns xorelos p'assar(e). Mênter nom houvo neveras pouco peixe se comia.

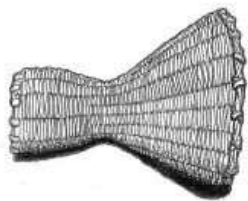
CANAS, ANZÓIS, FORCADOS, GANCHOS, ETC.



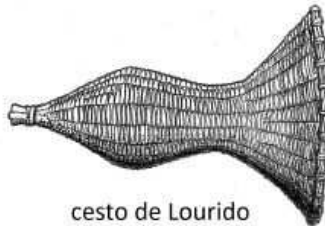
CESTOS, NASSAS E REDES



Pesca com cesto das troitas



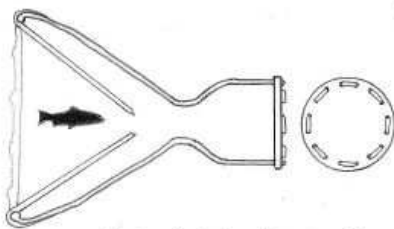
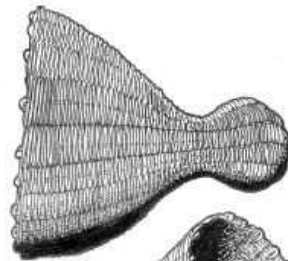
cesto de Frágoso (Jeve)



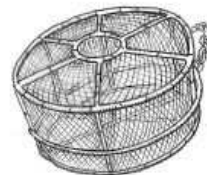
cesto de Lourido (Cerdedo)



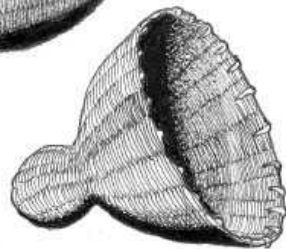
nassa de codesso (Parada de Tanoiro)



cesto de Cachafeiro (Forcarei)



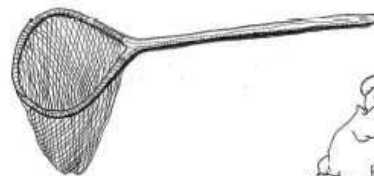
nassa de ferro e rede (Ponte Borela)



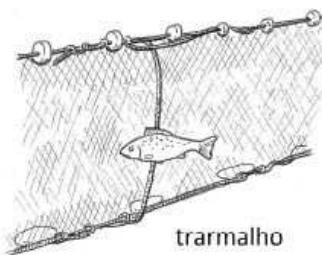
cesto de Travaço (Carvalhedeo)



cesto das anguías (Parada de Tanoiro)



ganapám



trarmalho



tralho

de três ou catro horas caíam unha ou dúas troitas; ou podía-s'entalar entre dúas pedras por onde corresse a água e escorrentá-las-troitas polo río arriba pa tratar de qu'algumha caísse.

Sac1 (H.83, 2000) No meu tempo já che digo que se pescava mais c'o cesto e co'a nassa; unha cana algo boa valia-vos moito carto de Diós. O cesto era máis bem p'a troita e a nassa p'a anguila. Quem armava umhas nassas caralhudas, de vimbio ou de codesso, era o pai de Dom Gose, o qu'era no meu tempo o cura da paróquia. A nassa era com 'um caixom alargado que tinha por dentro um embudo feito de varinhas qu'abrim a passá-lo-peixe ou c'o mirmo movimento da água.

Via3 (H.83, 2003) E á parte dor'cestos havia tamém ar'nassas, qu'essas eram pa deixar fondeadas num sitio tranquilo do río. Havia-as de codesso, umhas quadradas p'as troitase outras qu'eram estreitas e largas p'a anguila; essas sendo eu rapacinho traía-as um home do Ribeiro qu'era o que lhe carregava o vinho das tabernas, deixava-lhas ali á venda na taberna de Firvida. E despois tamém tenho topado algunha neste río -punha-as o Coxo da Fraga- qu'eram redondas, d'armaciom d'alambre e todas cubértar'de rede. Nessas nassas punham-lhe calquera cevo dentro -um escalo morto, anaco de pam- e a troita ou anguila dava-lhe voltas hasta topá-la porta, pero umha vez qu'entrava nom dava salido por aquela boca d'embudo. O malo dar'nassas -o mirmo qu'os armadilhos- era que chas podiam roubar(e), ou tamém a cabrona da londra, qu'essa hasta ar'derfacia c'or'dentes.

Cerdedo - Lourido (H.77, 2000) No meu tempo pescava-se um algo com cana -umhas caninhas cativas de todo, feitar d'umha vara de sabugueiro- pero máis bem era c'o cesto. Or'cestos por aqui faziam-se com varar'nóvar'de salgueiro; eram-ch'assi de largos [separa as mãos uns 100cm] c'o cu aguiado e umha boca redonda e aberta o mirmo embudo grandissimo. Punham-se na porta d'umha presa, entalavam-s'ali onde a presa colhe a água do río, bem aparados com torrons, e despois, como a troita tira sempre ágoas arriba, iva-se pola presa adiante escorrentando-as c'umha vara.

Forcarei - Gaxim (M.84, 2001) No meu tempo só se pescava troita e casi sempre c'o cesto. Or'cestos faziam-se de varar'de salgueiro; havia algum arteiro que or'fazia el na casa, porque duravam poucos anos, pero moitos apanhavam ar'varas e levavam-lhas o dia da feira ó cesteiro de Soutelo. Eu acordo us c'o cu plano, feitos d'umha távoa redonda, e outros c'o cu aguiado, acabado em punta, onde a aramaciom era feita d'umha pola gálhada de salgueiro, umha pola qu'abrisse em catro ou cinco ramos. Alguns tinham umhas asinhas pola beira e a outros punham-lh'um cordel p'os poder levar ó lombo.

A pesca com redes. Em geral foram pouco utilizadas por se tratarem realmente de redes marinhas que deviam ser adquiridas nas vilas costeiras. Entre as de pesca ativa temos: i) o *ganapám*, rede cônica montada sobre um aro com cabo empregada principalmente para capturar lampreas e salmones; ii) o *tralho*, rede quadrangular de malha fina e chumbos pola beira que era arremessada sobre os peixes. E para a pesca passiva estava ainda o *trarmalho*, rede longa e estreita que era tendida entre as margens de um regato.

Carol (H.67, 2001) Eu de moço por aqui pescava todo o ano, e sobretudo de noite, deixava o río redado e iva á manhã polas troitas. Era umha rede fina -regalara-ma um nosso tio que marchou p'o Brasil-, teria catro métor'de largo por um d'altura, e um pau a cada lado; no cordel de riba levava cortiças e no de baixo plomos. Eu deixava-a moito arriba do muinho Novo, ali estreitacia o río entre dour'vidos que davam moito jeito p'amarra-la-rede.

Jor2 (H.83, 2013) Pero polo tempo da freça havia tanta pesca [no Lodeiro], tanto salmom e tanta lamprea -peixes parvos, que nom escapam como a troita- qu'hasta havia quem'os pilhava c'um ganapám, desses que usam or'marinheiros pa recolhe-lo-pescado de dentro da'redes.

Sac1 (H.83, 2000) Nor'regueiros -como no de Dorma- c'o que mais se pescava era com redes, rêder'do marve), tendiam-se de beira a beira, entre dous abeneiros. Ar'redes já daquela andavam moi perseguidas, pero se imos por um reguetto qu'eu sei, inda hoje o topámor'redado.

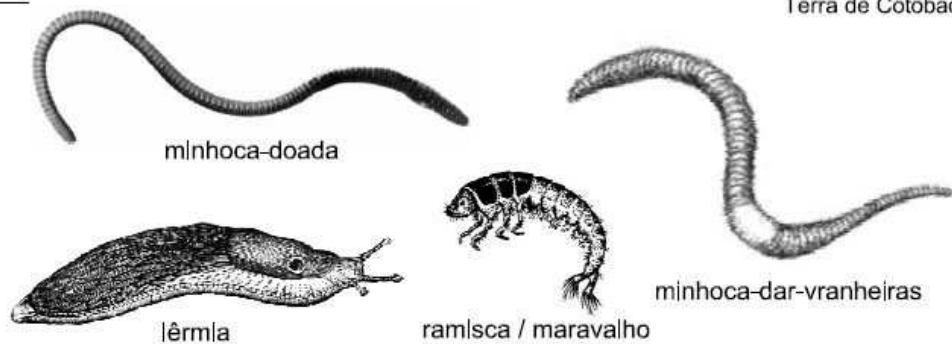
Tan2 (H.79, 2001) E os ilegales -daquela por aqui eram casi todos; quem tinha pa pagar polo premissio?- , esses ivam moito de noite e usavam maiormente armadilhas, nassas, redes ou a monda da noc. [?] P'oir'de redes estava o tralho: essa era máis bem pequena, que podia ir solta ou entre dous paus; e só valia pa pescar no vram, assi em sitio pouco fondo; tirava-se arrebolando por onde se mirava umha boa troita, já el caía c'o peso dos plomos. E despois tamém havia o trarmalho, pero o trarmalho pa quedar bem posto já requiría de dous homes, porqu'e umha rede moi larga que levanta um metro de alto e atava-se entre dous abeneiros; com esse redava-se moito no r'ios pequenos -como este de Tenório ou o da Rocha- e co'a mirmo havia qu'ir petando com paus todo polo río arriba pa corrê-la-pesca carea o trarmalho. Inda que c'o trarmalho tamém tenho visto pescar ó arrastre na presa dor'muinho'do Pego: colhia-no entm'um par de homes e levava-no todo ao largo da presa retizada entre dous paus.

Lêrez - Gándara (H.50, 2001) A gente de por aqui iva pescar moito á Junqueira [de Alva], mais que nada robaliças, mujos, anguilas e solhas. As solhas pescavam-se c'umha firga polos areales, assi durante a baixada da maré; às vezes hasta se pisavam sim querer. As anguilas pilhavam-se á mam. Pero antes de se fazê-lo-malecom - inda eu nom nacera- os pescadores da Moureira vinham á boca da Junqueira e ali faziam o que lhe chamavam umha entalhada: tendiam umha rede bem larga sobre paus espichados todos á linea e ó baixa-la-maré quedava todo o peixe ali enganchado.

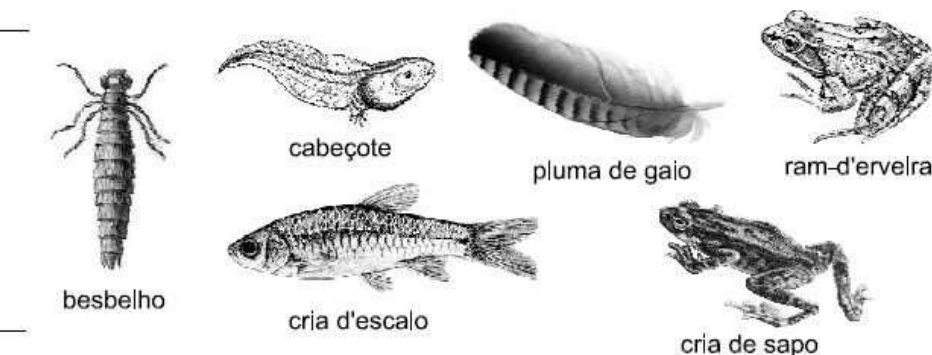
Caro. - Nuestros pasatiempos favoritos [o dos rapazes á guarda dos rebanhos no monte] consistian en cazar con ayuda de los perros, percar truchas en los regatos, y sobre todo, echar el lazo a algunha yegua al estilo Bufalo Bill. [...] Lo de las truchas era mucho más ocasional ya que el río Almofores discurría por medio de las agas y sólo

"ISCAS" E VENENOS PARA A PESCA FLUVIAL Terra de Cotobade

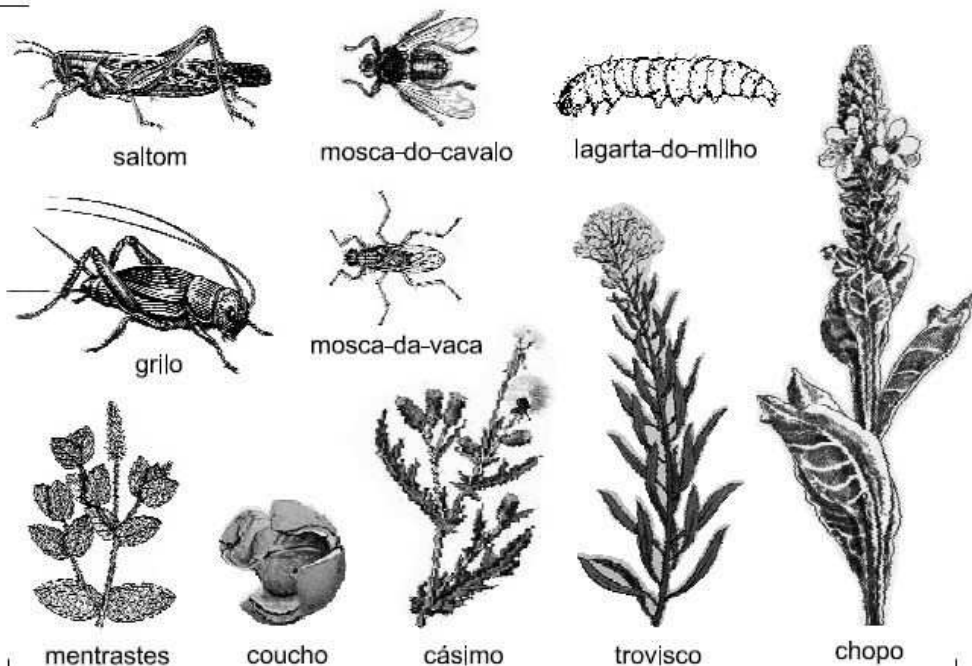
invernais



primaveris



estivais



venenos

unto; sabiam a Diôs! Em Viascom na minha moceda havia muito estudante, muito figueiroista, e no vram ivam todos pescar pã calçada do muinho de Fraiz –alã no rio Grande, abaixo de Parada–, porque tinha muita fondura e andavam ali as troitas velhas, e c'o que pilhavam ivam fazer troitadas ali pã carvalheiras de Port a Mirom. || A troita picava moi bem co'a lêmnia, e o escalo entrava milhor c'o saltom e c'o escarabago.

A pesca com venenos e explosivos. Os venenos naturais eram empregados durante a estiagem para fazer sair à superfície as troitas reclusas numa poça ao eliminarem o oxigênio da água. Em Cotobade usavam-se sobretudo o trovisco (*Daphne gnidium*), os couchos da noqueira (*Juglans regia*), os cásimos (*Senecio vulgaris*), e em muito menor medida também os mentrastes (*Mentha suaveolens*) e a labárcia (*Rumex* spp.). Estas substâncias vegetais dissipavam-se totalmente na corrente ao pouco de fazerem efeito, nada que ver com os venenos químicos (carburo, cloruro, leguia, coca ou cal) que causavam a mortandade generalizada num bom trecho do rio. Estes últimos foram pontualmente empregados durante o franquismo –sem demasiada dissimulação– por certos senhoritos abusando da sua inviolabilidade. Mais ocasionais e escandalosos resultaram os episódios de pesca com dinamita, praticada unicamente nalgum dos recônditos trechos do rio Lerez ao seu passo pelas freguesias de Sacos e Sam Jorge.

Agu2 (H.78, 2001) A parte da redes e das armadilhas, que se punham toda a noite, no vram pescava-se tamém c'o trovisco: umha erva de folhinhas longanichas que se dava polos pinheirais. Apanhava-s um saco dela e ó estar cheo iva-se maçar c'um pau po'riba dumha pedra do rio, e co'a mirma iva-se metendo o saco na água dumha poça e aquilo iva colhendo todo o color do soro do leite. Volvia-se maçar outro pouco e volta outra vez po' rio, hasta que já se miravam saltã-las-troitadas –as troitas, a'rans e hasta algumha colebra. Pero dali a nada já deixavam de saltar e miravam-se médio amortujadas pola tona da água e ivam-se colhendo à mam zim trabalho niguim(he). O malo do trovisco era que matava tamém a cria, pero polo menos era um veneno natural. –ô cabo d'umha hora já o rio o lavara–, nom como o cloruro, qu'esse por onde corria matava hasta o frego da ribeira.

Alm1 (M.84, 2013) E com veneno seica si, que tamém pescavam, eu nunca o vim pero contárom-mo. Dis-qu'enchiam umha botelha de pedrar' de carburo, botavam-lhe água, tapava-na e guindava-na d'erd' o alto da Ponte o poço qu'hai debaixo. O chegar ó fondo estoupava e saíam flotorando umha chea de troitas mortas.

Carol (H. 75, 1998) Por aqui com veneno só m'acordam os cásimos –umha erva de florzinhas amarelinhas que nasce ó pé das carreteras–, esse colhiam hasta encher médio saco deles e co'a mirma marchavam po' Poço Calvino, ou prò da Moura –tinha que ser polo miêr'd'agosto ou setiembre, que carrera um fio d'água– e ali cerravam o que podiam com pedras e lama e depois punham-s'a petar no saco com paus, metia-no e sacava-no do rio hasta que botava todo o veneno fora; e logo já só era esperar e ivam salindo as troitas pa'riba todas a boquear(ê). Ai carea Cerdado tamém envenenavam o rio co'a monda da noz, pero por aqui nom se davam or'nogales. E depois tamém tenho sentido –pero já por outro zítios– qu'usabam o carburo dos candiles, pero esso si que já me parede moi perigoso demais.

Carol (H.67, 2001) Aqui tamém se pescava à peneira; pescava-se ermagando cásimor num poço do rio –os cásimo som uma erva mala, algo arriviada, que se dá nar'veigas ó lh'apanhã-las-patacas–; o zume da erva vai envenenando a água e as troitas quedam apampanadas e ivam-se pilhando coma nada co'a ajuda dum crivom ou dumha peneira; por esso lhe chamavam 'pescar à peneira'.

Cor1 (H.83, 2001) Aqui na Corredoira o d'andar às troitas era mair' bem coisa de rapazes ou de mocinhos, que no vram andavam c'o cesto todo polas prêsar dor' muinhos adiante. E tamém m'acorda a envenenã-lo-rio co'a monda verde dar'nozes: ermagavam-se onde estivessem as águas empoçadas hasta tinhi-las de castanho e apareciam as troitas a boquear(ê). Pero por aqui nunca houve moitor'nogales e faziam-lo co'ar'folhas do chopo-blanco, co'aquêlar'folhinhas mais tiernas que botova polo olho.

Sac1 (H.83, 2000) E depois inda tamém havia quem pescava com cloruro, como Vitor Lis –o matachim de Cutiã(he)–, que vinha c'os amigos p'ai pã Volta da Calçada [rio Lerez] e cortavam catro ou cinco abeneiros, atravessava-nor' num estreito do rio e botavam o veneno na água empoçada. Tamém sei d'algum mais pobre que pescava no'reguetios envenenando as troitas com cal.

Sac3 (H.72, 2003) Umha vez vinha eu de Parada [de S. Isidro] de levar umha cabra ó castrom e um nadinha anter' de passar polo puente colgante [sobre o Lerez] sentim um estoupido com'um mundo –a cabra meteu um pincho que nim o demo. E que caralho era? Eram or'da Fábrica qu'andam a pescar troitas com dinamita no poço das Nespras. Chega-m'a pilhar em riba da ponte e inda se me bota a cabra ó rio. Aproveitárom qu'era a hora de jantar e nom pensárom que passaria gente. No vram organizavam ali na Fábrica imhar' boas troitadas. Aqui todo polo rio Grande, como é ribeira moi mala d'andar(ê), por ali iva muito furtivo, sobretudo um d'ai de Sam Sidro qu'esse era o demo do inferno, pescava hasta com leguia. Daquela por aqui nom havia guarda-rios e a guarda-civil tinha-che pouca gana de betxar ó rio.

Tan3 (H.85, 2002) Pero depois por este nosso rio tamém vêu Lis Quivém –um militar de Cutiã(he), um animalinho–, vinha por aqui pescar com dinamita e inda tamém algumha vez com coca –um veneno que nom deixava umha troita viva–, pero eram-che gente gorda, calquera lh'iva dizir nada.

Lerez - Outeiro (H.74, 2000) Antigamente pescavam-se c'o zume do trovisco: ermagavam-s'ar'folhas com mejo, pa que refervessem, e despôr' no vram botava-s'aquel veneno nas poças pequenas, pa pescar troitas, ou metta-se num saco dentro do lanho dumha anguila, ond'ela está sempre metida; tamém valia pa apampanã-la-anguila.



Nas tabernas c'o chanqueiro de vinho punham-ch'umha arenga ou um peixinho lançado em escaveche.



Em Sam Jorge iva-nas pescar co'a francada e faziam empanadas de lamprea pa comer pola festa do patrom.



O bacalau coze-se com asa-de-cântaro para ponher de cena o vint'e catro de Navida; e daquela inda tamém havia quen' o pinha nos enterros. Fonte: TVG - Carianos.



A torcaza, como toda-las-carne de caça, hai-na que deixar primeiro em vinho blanco ou em zume de limom: e boemô!, zanea mais qu'a perdiz.



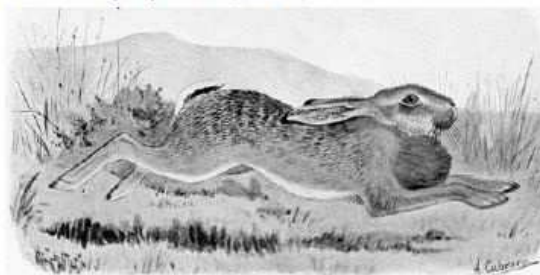
O paspalhaz criado na casa nom sabia o mirmo qu' o caçado, nom tinha a carne tam tierna.



O soado restaurante carvalhense Casa Inés especializou-se desde a década de 1990 na preparação de carnes de caça, nomeadamente o guisado de javali. Fonte: www.diariodepontevedra (25.09.2021).



Daquela os troiterios iva-nas ofrecer polas tabernas e polas casa'ricas; e as que nom davam vendido se cadra regalavam-lhas o cura ou o médico pòs ter de mam.



A lebre come o ovoiro do monte e por isso tem unha carne tam boa -já vai ela adubada. Contodo pa cozinhar tem que ser unha lebre nova, senom fai-se fuerte de caralho.

-Eu tenho ido algum ano ô Lodeiro a colher nar'güévar' do salmion pra ponher de cevo numha nassa que tinha; co'essa güeva entrava de monada o escalo.

-E tamém móitar'vezes -dando-se bem a pesca- tenho quedado sim minhocas e rebuscado pola beira do rio pa cobar com lêmia; tem que ser assi medianeira, tanto que cubra o anzuelo e pouco mais; essa já vai ela sola a pique, escusa plomos; o malo que temem é que morrem logo; e depois cando já empeçou a haver moito escalo neste rio, depois co'a lêmia já sólo ch'entrava o escalo, a troita moi pouco. Pero já che digo que cando estâm de picar botam-s'ô que sea; eu já nom é a primeira que m'empeçam a entrar seguido e ô quedar sim cevo tenho-lhe posto hasta candêar' de salgueiro e -boeno Maria boeno!- botavam-s'a eles coma lobas.

Fora dos peixes, o uso de cevos animais sô se constata na caça exterminadora de mamíferos daninhos.

-Aqui cando pagavam bem os pelejos tamém havia quem lhe deixava [de noite à marta e gardinha] um corvo ou umha paloma envenenada com esternina, pero nom caíam moito porque nom lhe gusta a carne morta.

-Depois [ao teixugo] tamém ultimamente já havia quem lhe deixava cevos envenenados com sênica.

No que diz respeito à alimentação humana constatamos a comestibilidade de até 79 dos nossos etnotáxones, quase 70% deles correspondentes a peixes, sobretudo marinhos. Contudo, cumpre lembrar que o consumo de pescados litorais era relativamente comum nas freguesias de Almofrei e Tanoiro -cujos vizinhos acudiam frequentemente à vila de Ponte Viedra para venderem pinhas, landras, lenha, etc.- e muito mais ocasional no resto das paróquias. Mesmo assim, de entre todas as espécies comercializadas nos mercados pontevedrinos e as trazidas pelas pescantinas ambulantes, sô sardinhas, xorelos, cavalas, rabaliças, piardas, rabadas, pescadas e lírios eram realmente comuns. À par destes pescados vendiam-se igualmente até 8 espécies de mariscos, sendo os mais populares o berbericho e a navalha.

-Os que traíam o peixe p'aquí p'Almofrei eram or'desta casa dor'Marisqueiros, andavam ô jornal pero viviam máir' de vendê-lo-peixe. No vram beixavam case todo-lor-dias ô Pueblo -ta-no comprar à Praça-, e no inverno iam sólo de cando em vez, pois c'o mal tempo n'ô havia. No inverno traíam mai'raia, cabeçotes... e cando nom se podia pescar vinham com birbiricho e navalha. Depois c'o bô tempo já era todo sardinha, xurelo, rabada inteira, sable, bacalau, anguiacho -parecidos a colebras-, espadins, bocareus, agulhas e assi. O peixe fresco vendia-se barato; nós no vram compravamor-lho a três e a catro vezes na semana. No inverno tamém traíam peixe salado, qu'era mais caro: sardinhas cabeçadas -ou escochadas- e xurelo seco. O peixe traía-no hasta Vila Nova num carrilho e ali já vendiam máir' de mitá da carga; depois hasta a Aldea carregava-no em cestas, à cabeça. Pero nos anos corenta -despóir'da Guerra- vinham tamém por aquí catro ou cinco pobres de Marim, vinham co'ar'cestas do peixe todo-lor-dias -cando nom eram umhas eram outras- i essas vinham-che rogando c'o el à porta.

-No meu tempo pouco peixe se comia, se a caso umha'sardinhas, umhas xoubas ou uns xorelinhos que se traíam o dia da feira de Caldelas e jantavam-se guisados com patacas pa forrá-lo-azeite.

-Por aquí vinha com el umha mulherinha de Molhavao, a coitada andava descalça e c'um burrinho velho que mal lhe podia co'a carga. A gente comprava-lh'umha rabada ou umha raia pa fazer em caldeirada, pero no vram o peixe nom chegava fresco, já vinha cheo de moscas e nom ofrecia fiança.

-A feira de Cuspedrinhos vinham várias camionêtar'de Marim cargadas com cêstar'de sardinhas, de xorelos, de cavalas... e aparcavam todas à beira da carretera -do lado dar'Teigar'Novas-. Já ultimamente levavam o peixe pa dentro da Praça [edifício principal erigido em 1951].

-Daquela ar'mulheres mais pòvres'de Tenório moitas eram peixeiras e marchavam de manhã cedo ô Pueblo pa comprá-lo-pescado; volvíam se cadra polas três ou catro da tarde e iva-no vendendo porta por porta. No vram o peixe chegava já médio mareado e botavam-lhe limom pa que passasse por fresco. E à parte destas tamém vinham algunhas pescantinar'de Marim, vinham c'um burro cargado, vinham c'o peixe e volvíam com dou'sácor'de milho que lho compravam ôs Paços, ôr'de Rei, ôr'de Troitinho... -ô'ricor'de Tenório.

Das oito espécies de peixes fluviais consumidos polo cotobadenses, sô a troita estava realmente presente na dieta de muitas famílias, a maior parte das vezes pescadas polas crianças ao longo da temporada estival. As boas troitas e as anguias vendiam-se a miúdo polas tabernas locais, ainda que nunca alcançavam o preço da gostosa lamprea do Lerez.

-A anguila inda cha pagavam milhor qu'a troita, porqu'as comprava o Pipeiro -um taberneiro de Caldelas-, que lhas punha guisadas à gente que vinha tomá-las-águas; e a que lhe sobrava vendia-lha a um peisano qu'ar'levava pa revender em Orén.

-Daquela os troiteiros iva-nas ofrecer polas tabernas e polas casa'ricas, e s'no'ar'davam vendido todas, se cadra regalavam-lhas ô cura ou ô médico pòs ter de mam(he).



A alegria é bonita que nim pintada. Inda se mira nas películas como o 'ricor' levavam naqueles tempos bós abrigos feitor da pele da alegria. Fonte: www.galicahoxe.com 04/2014. Ribeiras do Ulha.



O pelo do teixugo era mais a miúdo destinado à produção de brochas e pincéis na corunhesa fábrica de CIHA.



O caralho dor'gamelos tinha que os armar com noite e levantar-te cedo p'os ir mirar(e). F.: svoconservacio.blogspot.com



As revistas das primeiras décadas do s.XXX fomentavam a moda da pelaria. Mundo Nuevo 1909.



Havia algum pobre que lhe punha cepos à londra e vendiam as pieles, e a carne comia-na cozida com unto -dis-que sabe a carneiro.



A partir da instalação em 1937 da fábrica têxtil de Regojo, em Redondela, a demanda e os preços das peles locais aumentaram consideravelmente.



O xastre de Soutelo setca fazia abrigos de pelo de toupeira; fazia-lhos p'ar 'filhar' do boticário.



A pele que mais pagavam era a de marta; s' o bicho era grande inda che podiam dar por ela hasta quinientas pesetas.

domicílio, respeitando entre eles os respetivos territórios. Contudo, não faltaram indivíduos cobiçosos que, desprezando temporadas de cria e quotas razoáveis, acabaram em pouco tempo com a galinha dos ovos de ouro. Na década de 1960 a maioria das espécies de mustelídeos achavam-se localmente à beira da extinção. A lei cinegética de 1970 tornou ilegal a caça destes animais, o que interrompeu definitivamente o comércio das suas peles. Contudo, a sua recuperação viu-se limitada pelo aumento da poluição ambiental e o uso de armadilhas e venenos ilegais destinados ao raposo, a única das espécies que, graças ao seu oportunismo, experimentou crescimento.

Os animais peleiteiros tradicionalmente caçados —nomeadamente com *garamelo* (armadilha dentada)— eram, ordenados de maior a menor valor: *londra*, *gardunha*, *marta*, *gato-bravo*, *furom*, *alegria*, *raposo* e *teixugo*. Mas à parte de abundante *raposo*, os únicos relativamente comuns resultavam ser a *gardunha*, a *marta* e o *teixugo*; o pelo deste último destinado mais a miúdo à produção de pincéis e brochas (fábrica de CIHA, na Corunha). De modo marginal ou por *encarga* constatou-se também a venda de peles de *toupeira* a algum alfaiate urbano que elaborava com elas uns artesanais *abrigos*.

Já na década de 1980 instalou-se na Betarra (Campo Lameiro), uma granja para a cria de vison-americano com destino à pelaria industrial, na qual se produziu ao pouco uma solta naciça de exemplares por parte de um grupo ecologista. Estes vorazes animais acabariam por se converter numa verdadeira praga nas ribeiras do rio Lerez, dizimando as populações de aves e mamíferos autóctones.

- Daquela pagavam-se moito todas essas pieler'bonitas; hasta diu' centas pesetas che dava por elas o carnicheiro de Caldelas.
- Pero despois já falavam de que em Cerdedo havia um que pagava as pieler'de londra a diu' centas pesetas —que daquela, me cago em tal!—, porque disqu' é a melhor que hai pa fazer abrigos; e logo já empeçárom a caçá-la tamém com jaulas e foi a maneira de nom quedar umha.
- A alegria essa si qu' é bonita, bonita que nim pintada: c'os olhos grandes coma doas, e toda de lunares c'um rabo larguísimo, gaspeado, cheo d'anilh' negros. Inda se mira nas películas como o 'ricor' levavam naqueles tempos bós abrigos feitor'de piel da alegria.
- E tamém aí em Cerdedo havia um home que pagava as pieles bem e a gente levava-lhas ala já médio curtidas com sal.
- Eu dumha vez topei umha dentro da corte dar'vacas e quieria-na espichar c'umha espargedeira, pero pa nom estragá-la-piel botárom-lh'umha manta po'riba e afogamo-la numha tina. Aí!, inda che me dêram cinco pesos pola piel na feira de Fondós.
- Pero daquela [o de colocar garamelos nas imediações dos galinheiros] nom era tanto polo mal que faziam, porqu' ar'galinhar'de noite gardavam-se bem gardadas, era mais polo valor das pieles, que naqueles tempos eram moi bem pagas.
- Havia algum pobre que lhe punha cepos [à londra] e vendiam as pieles, e a carne comia-na cozida com unto —dis-que sabia a carneiro.
- As pieles [da londra] vendia-as p' Carvalhinho e a carne comia-se —guisada sabe melhor qu' o galo.
- Daquela um moço qu' era um pouco máir'velho qu' a mim fora-lhe pedir um garamelo or'da casa da Presa porque lh'entrara a marta no curral e matara-lhe umha chea de galinhas; e o pouco de lh'armar já lhe caeu a bicha, e nom sei quem lhe dixo que a levava vender à taberna da Pepina —na Cham de Tenório— e topei-no eu de volta e vinha contento com'um cuco, que lhe pagaram 400 pesetas polo caralho da piel da marta; e dixo-m'el: «Aí ó!, já vou correndo pa casa a desarreglá-la-porta do galinheiro».
- O outro dia deixava-lho [o raposo que caçara] à chavalada pa que fossem pedir algo polas portas, pero o pouco já mo tinham que devolver(e), porque lh' o levava a Pepe dar' Lagoas, que tenha moi boa mam pa despejá-los sim escaralhá-la-piel. Porqu' a piel do raposo era moi apreciada pa fazê-los-abrigor'da' senhoritas; nom hai pelo tam dondo nim que brilha tanto; sobretodo no inverno, que lhe medra i embastece moito; pero tamém porqu' está diário co' a léncoa a lustrar nel, nom hai becho máir'fahendoso.
- Eu pa nom meter um tiro [ao teixugo] hasta os tenho rematado c'umha lança, e com isso e mais com todo o meu traballinho me custava acabar com eles sim escaralhá-la-piel.
- Por aquí vinha um cornelheiro [comprador de cravagem], um tal Camilo de Presqueiras —era eu um mocoso—, e aquel home comprava tamém os pel'or'das toupeiras —tal como cho conto—; porque seica lh' ar' levava a um xastre de Soutelo que fazia abrigos de pelo de toupeira; fazia-lhos p'ar 'filhar' do boticário.
- Hasta o ano sassetta e sete inda che pagavam algo no aumtamiento por cada piel que lhe levaras; pagavam-che quinze pesos por umha de raposo e hasta vinte p'olar'de gardunha, pero moitos trampeiros nom liar' levavamos porque lhe cortavam a punta do rabo e já perdiam moito valor; cortavam-lho pa evitar que outro peisano lhe volveira pa cobrar pola miirma piel. Pagavam-che hasta polas crias, pero eu a cria nunca ar' matei —e mira que nivem oportunidades—, porqu' o matá-la-cria já s' acabava o negócio. As pieles pagara-nas moi bem naqueles anos desp'ór'da Guerra, pero ultimamente já vinha moita piel de fora e nom che davam nim mitá por elas; si che pagavam 2500 pesetas por um fardo de dez pieles, já podias meter um bó assubio. Eu as ultimas que vendim vendim-lhas o Caruncho, um tratante de Alva que ar' levava pa fábriga de Regogo, em Redondela, onde as curtiam com polvo d'alumbre pa fazer abrigos. Lerez - Outeiro (H.74, 2000).



Contra a torferina o remédio era-ch' o caldo de rato; pilhavam um rato-do-muinho, cozia-no e depois dava-se-lh' o rapaz aquela-t-ágoa.



Ar' mulheres que lhe salia a matriz pa fora queimavam-lhe por baixo umha pluma de perdiz e volvia-lh' o sitio.



A desaparecida lagoa de Antela no mapa de Domingo Fontán de 1834.

Neste nosso rio havia sanquiélas, pero as que valiam eram ar' de Ginzo, que ar' vendia um home na feira de Cuspedrinhos, traia-ar' num garrafom.



O melhor remédio contra a reuma é freta-lo-corpo com unto de cobra.



Pô sobrecolho (ubre azulado e duro) era bô passá-la-vaca po'riba dum formigueiro, passá-la sete vezes fazendo umha cruz. Fonte: Gustav Henningsen. Ordes 1965.



De por parte a londra tem umha grassa bárbara, qu' é caralhuda pra curar negras e leixenços.



A toupeira é bô matá-la co'a mam pra depois fregar com ela a barriga dum que tenha cólicos.



A chamada saqueta da invidia, a qual continha cornos de vaca-loura, alho e novisco, era pendurada dos cornos das vacas mais leiteiras. Fonte: Gustav Henningsen. Ordes 1965.

-Esses constinhos pardos [ooteca da Mantis] que se pegam ôs tojos som os peidor-de-raposo; esses caga-nos ar' marquesas, e ivam-s' apanhar pa lhe dar ar' vacas que tinham tós; davam-se-lhe no médio dumha verça.
-Os untos [da cobra] gardavam-s' em aguardiente ou num pote com açúcar e tamém se lhe davam de comer ar' vacas cando tinham tós.
-Ar' vacas com tós acorda-me de dar-lhe lêmias ou tamém semênter de cardém, todo no médio dumha verça.

7.4.2. USOS MEDICINAIS

No que atinge às práticas destinadas à cura de doenças humanas recolhemos o uso de 14 etnotáxones, um deles (as recorrentes cobras) com uso igualmente veterinário.

-Esse caruncho da madeira era os pólvor de talco qu' havia daquela -assi como cho conto!-, botavam-lho ar' nats ôr' meninhos cando encertavam polo cu e pôlar' virilhas.
-Se a mulher nom lh' apurava a dolor do parto, se nom afloxava como era devido, ivá-s' a um formigueiro a colher giévar de formiga, ferviam-se e dava-se-lhe de beber aquela-i-ágoa à parturienta.
-A grassa deles [ouriço-cachos] seica é macanuda pa dar fregas contra a reuma.
-Ar' mulheres que lhe salia a matriz pa fora queimavam-lhe por baixo pluma de perdiz e volvia-lh' o sitio.
-Pa torferina havia o romédio de bebê-la-ágoa de cozer umha ramíhe).
-A fiema de moita diziam qu' era boa pa secá-lar-fridas e tamém pa beixá-la-enflamaciom.

De entre estes animais sobressai o grupo dos considerados "malignos", por se tratar de espécies venenosas, peçonhentas, que botam o atra, pegam a rãvia, ou resultam especialmente repulsivas em função do seu aspeto ou costumes. De entre eles, mais uma vez, o principal protagonismo adquirem-no as cobras, as criaturas mais detestada e temidas -só depois do lobo. Esta antiquíssima associação entre a serpente e a recuperação da saúde parece obedecer à sua capacidade para ressurgirem da invernção e à de mudarem periodicamente a pele, o que levaria a que muitas culturas lhe atribuissem o poder de ressurreição dos mortos. Na Grécia clássica, Hades, Rei dos Infernos, foi-se queixar ao Olimpo polas ressurreições maciças levadas a cabo por Esculápio (deus da medicina) valendo-se de cobras, ao que Zeus reagiu dotando os ofícios unicamente do poder terapêutico.

-Pois mira que cousas havia antes, que cando sangrava moito umha frida ivam por telar d' aranha; por essas gordas qu' havia polas corte, e punha-lhas ali no corte pa que coagulava o sangue; i agora vaia por Diós, que pa que nom s' infere hasta nom se lhe pode chicar nim c' o algodom, eu nom sei logo!
-E pös cólicos de barriga tamém tenho oído qu' era bô o caldo de colebra, pös cólicos e mais pör dolores do parto. As colebras esfolava-nas e gardava-nas saladas o mirmo c' a carne da matança, e depois cando havia necessidá cozia-se umha e tomava-s' aquel caldo bem quente; dize-que sabia a galinha.
-Eu cada vez que topo umha colebra, piso-lh' o pescoço c' um pau e meto-a viva numha botelha d' aguardiente. Já tenho sete ou oito. E ô morrer afogada dentro da aguardiente bota o veneno todo pa fora e aquilo é macanudo pa curá-lor-leixenços.
-O melhor remédio contra a reuma e freta-lo-corpo com unto de cobra. Eu moitas que tenho pilhado no monte e tamém por aí abaixo polo Sobreirales. Já andava sempre c' umha boa vara e tam pronto me salia umha - bumba!- beixava-lh' um paulço que lhe partia o espínhaço; pero com esso sólo nom morriam, enroscavam-se num sarilho i escondiam a cabeça, porque pa que morram hai qu' lh' espichá-la cabeça bem espichada. Depois pa lhe trã-los-untos: tinha que ser bem em fresco, cortava-se-lh' a cabeça e a punta do rabo hasta o guesto [ânus] e a seguir espelejava-se. Os untor gardavam-s' em aguardiente ou num pote com açúcar. Ser eram mam de santo par' fridas e as infeçons da piel.
-A camisa [as cobras] muda-na sólo or' diar de moita calor(e) e deixa-na enganchada em calquera ramalho seco, e a gente apanha-a e garda-a dentro dumha saquetinha pa cando se tem tós, dis-que si, qu' é bárbara pa tós; pom-s' a ferver no leite e derrete, e hai que tomar esse leite assi bem quente.
-Contra a torferina o remédio era-che -ai, Guesuzinho bendito!-, era-ch' o caldo de rato; assi mirmo como cho conto; pilhavam um rato-do-muinho -qu' eram or' mair grandes e mantidos-, cozia-no e depois dava-se-lh' ô rapaz aquela-i-ágoa da cozedura, ia-se-lhe dando ôs poucos.
-A toupeira é bo matala coa man pra depois fregar com ela a barriga dum que teña cólicos. (Fraguas MPG).
-Prã gota dis-qu' era moi bô comer figado de raposo cozido.
-A piel do teixugo nom era da melhor paga, pero eu vendia tamém os untos, compravam-mos na farmácia de Puig, porqu' a grassa do teixugo era bárbara pa fazer fregas.
-E de por parte [a londra] tem umha grassa bárbara, qu' é caralhuda pra curar negras e leixenços.

No entanto, a espécie medicinal por excelência, a única também empregada polos velhos doutores praticantes da técnica humoral, era a *sangüela*. Apesar de existirem espécies de pequeno tamanho nas águas remansadas de muitos dos nossos rios e regueiros, a bondade das sanguessugas (*Hirudo medicinalis*) provenientes da desaparecida lagoa de Antela (Ginzo de Linia) eram bem conhecidas por toda a Galiza. Os vendedores limiões de *sangüelas* percorriam as feiras e aldeias da nossa comarca oferecendo os vernies que portavam no interior dum garrafom.

-Essas compravam-se pa saneá-lar-fridas malinas, as que nom davam curado e já cheiravam; falo-che de ánter de vi-la-ágoa osiguenada, o crómer e todo esso.

-Minha madrinha figera umha frida moi fea ô cair do palheiro e levava-na num burro onda o Gilom de Cutiâm(he); e o hominho foi-s'ô rio do Lodeiro buscar com umhas minhocas que lhe chamam sanigüelas, que dis-que chuchavam o sangue morto, limpava ar'fridas, pujo-lhas ali na perna e depois botou-lh'um emplasto de ervas. Daquela era-che todo assi, porqu' o médico havia que o pagar(e).

-Eram bárbaras pa pacê-lo-sangre enfermo. A finada de mama depois de cheas guindava-ar'na borralha da lareira pa que cuspissem o sangue.

-A defunta de minha tia Cloudina -que me criou(e)-, ia às presas de regar à procura de sanigüelas pa curá-la-pulmonia e pa comê-lo-sangre dar'fridas.

Fora dos usos propriamente medicinais, os animais silvestres participam ainda doutras práticas igualmente implicadas no bem-estar humano.

-Daquela os canteiros tinham sempre gardado no tabaqueiro um papelilho com bôrbor'de raposo -a'sedas que lhe nacem no fucinho-, empleava-nas pa sacá-lor-lixos e as pedrinhas que se lhe metiam nos olhos.

-Pra perdê-las-coxas [côcegas] de por vida hai que botar umha ram polo lombo abaixo.

7.5. FAUNA PREDITIVA E ANUNCIATIVA

O já referido instinto natural com que o Criador dotou os seres irracionais para sobreviverem converte-os em referentes de vida para o ser humano nas questões mais atávicas e irracionais, aquelas que têm a ver com os fenómenos naturais que escapam à compreensão do homem e, em consequência, à sua capacidade de intervenção. Por razão disto, aqueles comportamentos animais à partida estranhos ou inesperados, costumam ser vistos como sinais anunciativos de algo, pois as suas ações vitais são fruto dos designios divinos ou do diabo, quase nunca produto do acaso. Desta maneira, as criaturas "de Deus" dão em geral avisos favoráveis: prognosticam bom tempo, boas colheitas, fortuna, surpresas agradáveis, etc; enquanto que os bichos do averno costumam agourar mau tempo, mortes, azar, etc.

ANIMAIS PREDITIVOS E ANUNCIATIVOS = 47 (18,28%)		
CLIMA (27)	CHUVA	andurinha, ave-fria, cuco, lérmia, melro, paxaro-da-água, zambandija e zapateiro (8)
	CALOR	cantarilha, paxaro-cabra, sapo e vencilho (4)
	BOM TEMPO	andurinha, aranha, cuco e curuja (4)
	NEVE	ave-fria e saturninho (2)
	MUNDANÇA	corvo e pega (2)
	FRIO	formiga-rinha e papo-rívio (2)
	DIREÇÃO VENTO	corvo e gavião (2)
	PRIMAVERA	cuco e rula-do-paiz (2)
	TROVOADA	mosca e ram (2)
	MAL TEMPO	gueivota (1)
	NEVOEIRO	formiga-rívio (1)
	ALVORADA	viche-lo-crego (1)
MORTE (12)	ave, aranha, Ave da Morte, avelainha, bubela, corvo, curuja, moucho, noitebra, paxaro-cabra, pega e raposo	
SORTE (17)	BOA	andurinha, cuco, gilo-da-lareira, joaninha-de-diós, lagartixa, pimplin e voaninha (7)
	MÁ	abelhon, cantarilha, denozinha, formiga-d'alaz, gorriom, lavandeira, morcego e sapo (8)
	AMBAS	carriça e pega (2)
CARTA	carriça, joaninha-de-diós, popo-rívio e pimplin (4)	
BOA COLHEITA	bubela, cuco, lavandeira e pimplin (4)	
SURPRESA	lavandeira e papo-rívio (2)	
VÁRIOS	cuco = anos de vida ou de celibato; começo da sementeira das patacas de tarde. lagarto = número premiado da lotaria. neçpra = começo da vindima. papalhaz = sazom do centeio e o seu preço nesse ano. ram = presença de salmões no rio. rula = começo da sementeira do milho. roupeira = começo das aradas. vaca-loura = ano de falecimento. (8)	

Entre as 47 criaturas anunciativas, temos: 62% aves, 21% invertebrados, 9% anfíbios/répteis e 8% mamíferos. A absoluta preponderância das aves deve-se com certeza à sua maior visibilidade e diversidade comportamental (voos e cantos variáveis, migração, disparidade de habitats, etc.).

O clima resulta com certeza um dos principais condicionantes vitais de humanos e irracionais, pelo que perto de 60% dos prognósticos e indícios faunísticos se centram neste campo. Também é aqui onde as aves adquirem



Era-che matemático, vinham um bando grande dessas ave-frias e andavam um ou dör'dias por esse 'lavandior'de Coitas e or'Friás; machavam e ô pouco já caía umha nevada jeitosa.



O gavião prô lado que bate as alaz fixo, indica a direciom do aire.



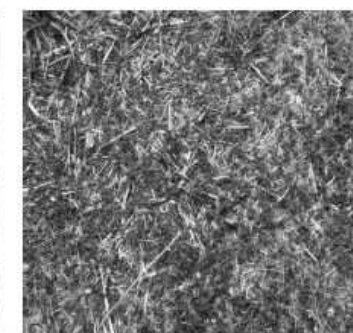
Si chegava o Sam Jorge e inda nom se sentira o cuco era senhal de que vinha mal ano.



Cando ar'mocas andam moi xotas é porque vem tronada.



O papo-rívio cando aparece venta umha surpresa, que pode ser boa ou mala.



Cando ar'fomiga-ríviás rebuliam moitto era senhal de qu'enfriava o tempo.



O paxaro-da-água é amigo do lavrador, dá-lh' o aviso de cando vem a chivía.



A noitebra assegum cantava, já se sabia s'iva morrer um home ou umha mulher.



Cando vem a bubela à terra, nom hai fame nela. Em Caroi a sua presença nas agram agourava uma boa colheita.



Bezelho empregado como isca na pesca da troita (rio Almofores). Fonte: Facebook - Xosé Iglesias Fernández.



As alegres borboletas recebem em Cotobade os nomes de: voaninhas, vainhas ou bolboretas.



Para congregarem as ovelhas e cabras da rolda os pastores tocavam a buguma, buzina ou buizio, a concha dum caracol marinho.



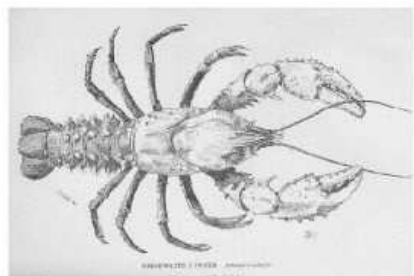
O potente e agudo som da cantarilha deixa-se ouvir nos dias mais quentes do verão.



A nojenta carroucha habita os recantos escuros de cozinhas e adegas.



A cadela-de-frade gosta de se introduzir dentro dos ouvidos.



O extinto canguerejo, que habitou as águas do rio Lérez, só fica na lembrança dos mais velhos da freguesia de S. Jorge de Sacos.



O pequeno zapateiro, malcheiroso inseto que se cria na verdura.

Reb2 (M.78, 2002) O tio Delmiro de Paranhos era um mundo manhoso pás còusar'dar'vacas; se umha comia o bicho-da-nacida íva-no chamar correndo: metia-lh'a mam pola boca hasta lhe fazer sangue e salva-cha. || Eu inda nom hai tanto que mirei um bicho desses a atravessar por um caminho qu'hai acolá onda a carretera —chamam-lhe dar'Fermosas—; ser é feo com'um demônio: negro como o azabache, com algo de riscas polo lombo e move-se que mirmo parece umha culebra.

Sac4 (H.82, 2002) Esse chamam-lhe bicho-da-empola porque fai empolá-lar-vacas, incha-lh'a barriga que nim prenhadas. Apareciam nos campos da erva e o rapazes ô topar um, cuspiá-mor-lhe.

Tan1 (M.58, 2002) A nacida pisá-la e nom morre; sólo morre botando-lhe cuspe: empeça a sangrar e queda tesa redonda.

Tan3 (M.82, 2002) É pequerrechinho de todo, talmente com'um escarabago pero negro de todo, negro como a carroucha [Blaps spp.] que che dixem antes.

Tan4 (M.68, 2004) O ergam esse —mi madrinha querida!— fazia inchá-lar-vacas coma sapos. Aqui or'de Lourenço botaram-lh'um feixe de verde á vaca e conoce-se que levava no médio um bicho desses e inchou-lhe tanto a barriga que no'a davam sacado pola porta da corte; corêrom a chamar polo vitirínario e nom sei que lhe dou pero salvou-lha.

Vial (M.69, 2003) Pero essa nacida quando mais atacava era no tempo dar'lavradas, cando se lh'empeçavam a carrejá-lor-féixer'd'erva verde pa lhe dar ár'vacas; era cando havia que ter coitado de que nom fosse ningunha no médio da erva segada.

Cerdedo - Revolta (H.80, 2000) Ar'vacas inchavam por empacho, por fiage ou porque comiam o bicho-da-nacida. Eu colhia e picava-lh'a vena de debaixo da léncoa, picava-lha diar'vezes hasta que lhe corress'o sangue, hasta fazer-lho circular(e); e se a vaca era moi brava era máir'facil picá-la debaixo do rabo. Despois botava-se-lhe na frida umha amassada de fermento, cebola e sal pa que lhe parasse de sangrar(e).

Cerdedo - Lourido (H.77, 2000) O ver qu'a vaca inchava muito havia que colher umha agulha de calcetar e picá-la debaixo da léncoa, e ô pouco já lhe beixava o inchaço.

Forcarei - Gaxim (M.84, 2001) É um escaravelho negro po'riba e rívio por baixo. Se a vaca o comia e emprinciava a sangrar pola boca, logo nom inchava, salvava-se; sangrava um pouquinhinho e nom lh'havia que fazer máir'nada.

Parada - Porta Várzea (M.87, 2000) O lixo é um escaravelhinho que sale nos prados sólo polo mên'de março. A vaca a pacer é raro que o envie, cheira-lhe; pero pode-o comer ô lhe botá-la-erva segada no prebebe, por esso na primavera hai qu'andar com mil olhos ô apanhá-la-erva.

Pedre (M.85, 2000) Aqui cando umha vaca comia o bicho-da-nacida vinha o senhor Isidro e sangrava-a por umha orelha hasta qu'empeçass'a desinchar(e).

FONTE DOCUMENTAL

Lou. - **Becho-da-ampola**: El temor que los paisanos tienen a este insecto es por el daño que ocasiona a los ganados. Cuando notan que lo comió algún animal, le dan una ??? fría y le hacen ingerir una poca cantidad de aceite, y como el animal incha, se le dan paseos al trote y grotaciones. (Fraguas MPG).

VOCABULÁRIO RELACIONADO

ampola /ô/ s.f. [Carv3, Sac1] O mesmo que nacida (doença do gado). VAR. **empola** /ô/ [Carol1, Sac4] Ex: Ar'vacas co'a ampola havia que as sangrar(e).

nacida s.f. 1. [Bor3, Reb1, Reb2, Vial1, Vial2] Doença que no gado (esp. o vacum) provoca inchaço e tumores na boca e garganta, geralmente acompanhados de excreções sanguinolentas. Ex: Da nacida mirmo podem morrer(e). Obs: Segundo a crença, o mal é causado pola ingestão do bicho-da-nacida e só efetuando-lhe uma sangria é possível salvar a vida do animal. A ciência atribui os sintomas ligeiros à rânula (tumor sublingual) ou ao meteorismo (acumulo de gases), e as patologias mais graves ao carbúnculo (antraz). Ver **ampola**.

Cadela-de-frade (Forficula auricularia) bicha-cadela.

Inseto muito popular, caracterizado pola sua pinça na parte posterior do abdome.

cadela-de-frade /ê/ f. = Geral em toda a Terra de Cotobade e as suas redondezas.

Alm1 (M.72, 2002) É com'umha formíga grande qu'umhas tanázar'no cu que che pode derfazê-lo-oído. Como se metem por calquera buraco é fácil que ch'entrem por umha orelha, sobretudo a um meninho pequeno.

Bor2 (M.79, 1999) A cadela-de-frade cria-se no canhoto da verga, por isso hai que ter muito tino cando s'anda a apanhá-la-verdura, podem-che saltar fácil p'a cabeça.

Carv2 (M.72, 2004) Nom lhe gusta a claridá; levantas umha pedra ou um cacharro das plantas e salem-che carro; e tamém algunha vez se mentem nas casas e andam polos cornêlhor'das cozinhas e dos quarto-de-banhos. A mim no'me gustan nada, levantom o cu como querendo travar(e), pero boeno!, seica nom fam mal nígum, nom sendo que ch'entrem por um ouvido.

Jor1 (M.69, 1998) Agora miram-se bem poucas, pero no meu tempo eram umha plaga, porque criavam na espiga do centeo e cando vinha a malhadora pra esta eira de Riba aquilo algum ano punha respeto; canto mái'ruim era o centeo, mais cadelar-de-frade traía. Rebuliam o mirmo qu'ar'formigas, corriam-che todo polas pernas, pólor'braços, polo pescoço; e c'o apuro da máquina inda nom se davam tornado da cara; aquilo picava-ch'o corpo inteiro —Nom quero que

Diós!— já não ponho ali o pé. Se te figar bem os tales cloques por dentro da flor tenhem um dibujo bem parecido ô da piel da colebra.

Agu5 (H.73, 2001) Eu cada vez que topo umha colebra, piso-lh'o pescoço c'um pau e meto-a viva numha botelha d'aguardiente. Já tenho sete ou oito. E ô morrer afogada dentro da aguardiente bota o veneno todo pa fora e aquilo é macanudo pa curá-lor-leitexões.

Agu5 (H.77, 2003) Onde mai'se miram é a atravessá-los-caminhos, e hai-nas pequeneiras, per'outras parecem adivales. Pero boeno!, as colebras escapam da gente que leva um pau, umha sachá ou mirno um fouchinho na mam; o pior é se te topan deitado na erva ou no monte, ei si que se podem botar a um(he).

Alm1 (M.72, 2002) A vibora é mair' da beira do rio e as cóbrar'mair' do monte e dar'veigas, de sítio'mai'secos.

Alm2 (M.71, 1999) O peligro das culebras é a primeirinha hora da manhã, que s'atravessam no médio dos caminhos a tomá-lo sol, i a essa hora inda estão apampanadas, nom escapam tam logo.

Bor1 (M.67, 2000) A camisa muda-na sólo or'diar de moita calor(e) e deixa-na enganchada em calquera ramalho seco, e a gente apanha-a e garda-a dentro dumha saquetinha pa cando se tem tós, dis-que si, qu'é bárbara pá tós; pom-s'a ferver no leite e derrete, e hai que tomar esse leite assi bem quente.

Bor2 (M.79, 1999) Pero ar' batalhas [dos mouros] devêrom de ser por todo o monte das Covas, porque hai muitos outeiros com pias, que tamém dizia mamá delaidá que foram fêitar pólor mouros e que por isso bebiam nelas as cobras.

Bor2 (M.76, 2014) As colebras isso por aqui som um ince, sobretudo por éssar'veigar' da beira do rio; e agora mda pior(e), que nim a erva lhe segam e volveu-s'um criadeiro delas; eu hasta me dá medo ir passear à ponte, porque já se me figura que a sinto assubiar por detrá'r dor' muros.

Carol (M.75, 2001) Estando nós umha vez ô tojo aí na beira do rio, no médio dumha pavea sentimos fungar(e): «E que será esso?»; e apareceu-nos umha bicha que metia medo. O senhor Inácio qu'estava onda nós castigou-na um pouco c'um pau i ela já emprendi pô rio, pero arrimou-lh'um dedo ô pé do aguilhom pa tratar d'arrancar-lho —dis-que traia boa suerte leva-lo canda um(he)—; pero como nom lho dava pilhado acabou por matá-la pa lhe quitá-los-untos.

Carol (H.80, 2005) As peçonhas e os aires onde mais se colhiam era no monte, a roçar no tojo ou a deitar-se po'riba dumha laje, i esso era todo polas colebras, qu'airejavam todo por onde passavam. O aire de colebra era o pior de tirar(e), havia que fazer fumaços de ruda, trovisco e nom sei que outra erva; havia que respirar aquel fume e reçar nove Padre-Nuestros e umha Ave-Maria.

Carol (M.85, 2001) Doutra vez a mamá picara-a um tojo, colheira umha peçonha moi grande e alá lhe pugera o rabo dumha colebra que trouxera um d'aquí do Brasil a mais outro licórnio mais, pero a cousa nom melhorava.

Caro2 (M.99, 2000) As cóbragar'nom nacen c'o veneno, de pequenar'nom têm peligro, va-no tomando de comer nessas pás-de-cóbraga que medram polas carvalheiras. Aquí a Cavadosa —por ser terra de ribeira— era sítio de moitíssima cóbraga; eu tenho mirado algunha tam longa com'umha corda dor'fexes; e atravessavam o rio a nado qu'aquelo arpejava a um; hasta engulindo umha noita mirei umha aí arriba do Poço Grande. || Pra que nom piquem a um é moi bó levar um raminho de ruda no bolso da camisa. Daquela a ruda hasta havia quem lha punha ar'vácár'dentro dumha saquetinha de lenço, assi colgada dum corno.

Caro3 (H.67, 2001) Cantava o finado de meu pai —que Dió-lo-descanse— que no tempo del'foram uns canteiros fazer pedra aquí no monte onde lhe chamam o Outeiro Redondo, e ô palanquear umha laja enterrada apareceu ali um ninho de mair' de trinta colebras, todas enroscadas umhas nas outras; pero como era inverno i estavam a durmir(e) volvérom tapá-lo-ninho co'a laja; e ô outro dia volvérom ô sítio c'umha pouca dinamita e botárom-lh'um tiro á pedra; e —me cago em tal!— dice qu'aquelo quedou todo estrado de cachiçar' de culebras. A dinamita seica lha conseguiu o cura —daquela era cara— e nom lha cobrava, porque dixu que loitar contra a obra d'El Demónio nom tinha preço.

Caro4 (M.73, 1998) Meu padrinho contava que dumha vez aí no baldio da Costa andavam a cachear as tobeiras e numha delas saíu-lhe á porta umha colebra larguissima c'um vulto no médio do corpo; um vulto que lhe rebultia seguido; e colhêrom eles e arreárom-lh'umha vareada, e a aquela bicha devolveu um gaçapo de cōelhinho todo cheinho de baba.

Caro5 (H.72, 1999) Daquela nom havia coches pa levá-la-gente correndo ô hospital e da mordedela malina dumha colebra podia-se morrer. A gente de todas estas aldeas subiam ô Seixo cando era pola festa da Santa Marinha, porque diziam que a quem oia a missa da Santa Marinha nom lhe picava umha colebra em todo esse ano.

Carv1 (M.83, 2014) Eu moitas tenho matado: c'umha galha, c'um chuço ou que tivera á mam(he); pisava-lh'o pescoço c'umha vara e co'a mirna tratava de lhe ergaravê-la-cabeça; e ar'mair'grandes arrepunham-se que nim Diós!; enroscavam-se no pau, abriam a boca e botava o aguilhom pa fora —caralhinho pa elas!—; aí, inda che tenho passado algunha cagana.

Carv2 (M.72, 2004) Esso é-che certo [o de as cobras mamarem das vacas] porqu'ô tenho eu visto mair'dumha vez: era sentir umha vaca a berrarie) —um berrar mainhinho que nom era o próprio dela— e ivas ali correndo e topavas umha bicha a subir-lhe por umha pata arriba. A vaca nom escapa porque lhe gusta mai-lo-mamar da colebra qu'ô do bezerro. Pero seica mal nom lho fazia, era sólo a perda do leite que lhe mamava.

Cor1 (H.83, 2001) As cobras boeno Maria boeno!, cada umha é de sua maneira, hai-nar' de todo-las-cólores: verdes, negras, pardas, plateadas e a maioria delas tenhem tamém gateado polo lombo. Som o bicho mair'duro qu'asiste; passa-lh'a roda dum coche po'riba e mair'nom morrem, e cando arde o monte enterram-se-che e nom se queimam. || O rapózer'no vram ivamos pilhar troitas aí abaixo á ponte da Anta —pilhavamo-las á mam(he)— e-i-eu dumha vez pensei qu'agarrara algunha debaixo da'raiz dum ameneiro e ô sacá-la pa fora era umha culebra —me cago em tal!—; o susto que papei(e); nom volvim metê-la-mam onde nom se mirara.

Jor1 (M.67, 1997) O Sam Jorge tamém é a avogoso contra as colebras, ô que vai á missa e mais á procissão do patrão(he) nesse ano nom lhe fam mal. || A quem lhe mordera umha colebra sendo eu umha rapazota fora á finada de



Os cogumelos recebem em Cotobade o ilustrativo nome de *pans-de-cobra*.



As serpentes gostam de mamar do ubre das vacas até as deixarem secas.



A Santa Marinha é avogosa contra as travadelas das cobras. Capela de Sta Marinha, no monte do Seixo (Caró). 2005.



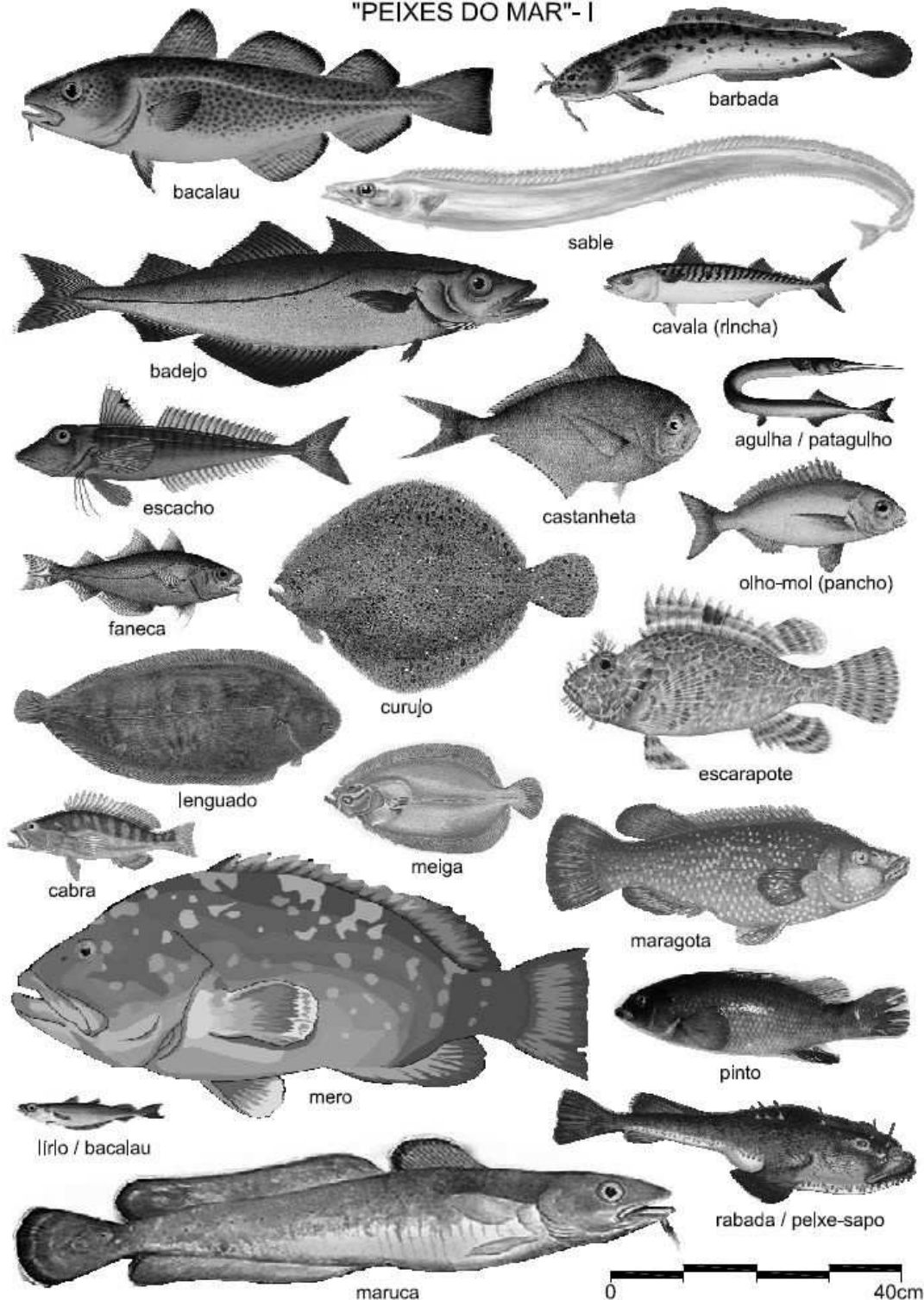
A aguardente de cobra, um dos remédios mais afamados da nossa medicina tradicional. Fonte: <https://leslecnuedaphodeles.files.wordpress>



A cobra é o símbolo cristão do pecado e a condenação. Fuste do cruzeiro do Civil, no caminho à Vila — Mourante (Ponte Vedra).

O vocábulo "serpe" sobrevive apenas na toponímia local. A fertilizante Pedra da Serpe, no castro da Penalva (Campo Lameiro).

"PEIXES DO MAR"- I



bacalau m. Peixe marinho (*Gadus morhua*) muito popular entre os cotobadenses, vendido seco e salgado em tendas e tabernas, e consumido em ocasiões especiais (como a noite de Natal e a quaresma) cozido com verdura e *patacas*; bacalhau. Ver *lirão*.

badejo /ê/ m. Peixe marinho (*Pollachius pollachius*) de tamanho grande, de carne mole e suave, geralmente cozinhado em caldeirada; juliana.

barbadá s.f. Peixe marinho serpentiniforme (*Gaidropsarus vulgaris*), munido de três barbelas no focinho, que se consumia mormente em guisado; laibeque.

bertorelha /ê/ f. Designação comum aos peixes marinhos *Phycis phycis* e *Phycis blennoides*, de tamanho médio, carne branca e mole, que se consome guisada com *patacas*; abrótea.

bocarêu m. Peixe marinho (*Engraulis encrasicolus*), de tamanho pequeno, que é geralmente guisado ou frito para potenciar o seu sabor e a firmeza da sua carne; biqueirão.

cabra f. Peixe marinho (*Serranus cabrilla*) de tamanho médio, com chamativo desenho riscado, preparado em caldeirada, mas pouco apreciado pelo espinhento da sua carne; garoupa. || **escacho** m. Desig. comum a vários peixes marinhos da família dos triglídeos (entre outros *Trigla lucerna*, *Trigla cuculus* e *Trigloporus lastoviza*), em geral pouco estimados pela sua abundância em espinhas; ruivo. • Nota: Crê-se que o *escacho* é a *cabra* na sua fase imatura. || **praiolo** /ô/ m. *Escacho* de tamanho especialmente grande.

castanheta /ê/ f. Peixe marinho (*Brama brama*) de tamanho mediano, com cabeça arredondada e pele dura, cozinhada geralmente em guiso; palombeta.

cavala f. Peixe marinho (*Scomber scombrus*) muito comum, de tamanho médio, apreciado para guisar ao longo da época estival: sarda. • Nota: Ocasionalmente pode receber este nome a espécie *Scomber colias*, diferenciada nalguns portos da ria de Ponte Vedra com o nome de «cavalom». || **rincha** s.f. *Cavala* (*Scomber scombrus*) pequena, consumida normalmente frita.

curujo m. Peixe marinho (*Scophthalmus rhombus*) de forma plana e ovalada, de pele mais escura e menor tamanho que o *rodaballo*, em geral pouco presente nos mercados locais; parracho. Ver *rodaválho*.

escarapote /ô/ f. Designação comum a vários peixes marinhos da família dos escorpenídeos (especialmente *Scorpaena porcus* e *S. scrofa*), de tamanho médio e aspeto desagradável, estimados para fazer em *caldeirada*; rocaz.

espadim m. Peixe marinho (*Clupea sprattus*) semelhante à sardinha, ainda que menos apreciado do que esta; espadilha. • Nota: Vendia-se também em conserva.

faneca /ê/ f. Peixe marinho (*Trisopterus luscus*) de tamanho pequeno, pouco estimado em função da sua natureza espinhenta; faneca.

“linguado” m. Peixe marinho (*Solea solea*) de tamanho médio, parecido ao *rapante*, e que se consome frito; linguado. Ver *azédia*.

lirão m. Peixe marinho (*Micromesistius poutassou*) de pequeno tamanho que é consumido frito; maria-mole. ||

bacalau m. Sinónimo menos frequente de *lirão*. • Nota: Usado geralmente no plural para o diferencia do *bacalan* (*Gadus morhua*).

lorcho /ô/ m. Designação comum a vários peixes da família dos blenídeos (entre outros *Blennius ocellaris*) muito conhecidos pela crista lumbar, mas em geral desprezados pela sua fealdade e abundância de espinhas; caboz.

maragota /ô/ f. Peixe marinho (*Labrus bergylta*) de tamanho grande, com pele verdosa cheia de pintas, cozinhado geralmente no forno e de sabor semelhante ao de bacalhau; bodião. Ver *pinto*.

maruca f. Peixe marinho (*Molva molva*) de tamanho grande, anguiforme, cuja carne branca é ideal para guisar; donzela.

meiga /ê/ f. Peixe marinho (*Lepidorhombus whiffiagonis*) muito parecido ao *rapante*, só que de maior tamanho; areeiro.

mero /ê/ f. Peixe marinho (*Serranus guaza*) de tamanho muito grande cuja carne branca era consumida em caldeirada; garoupa.

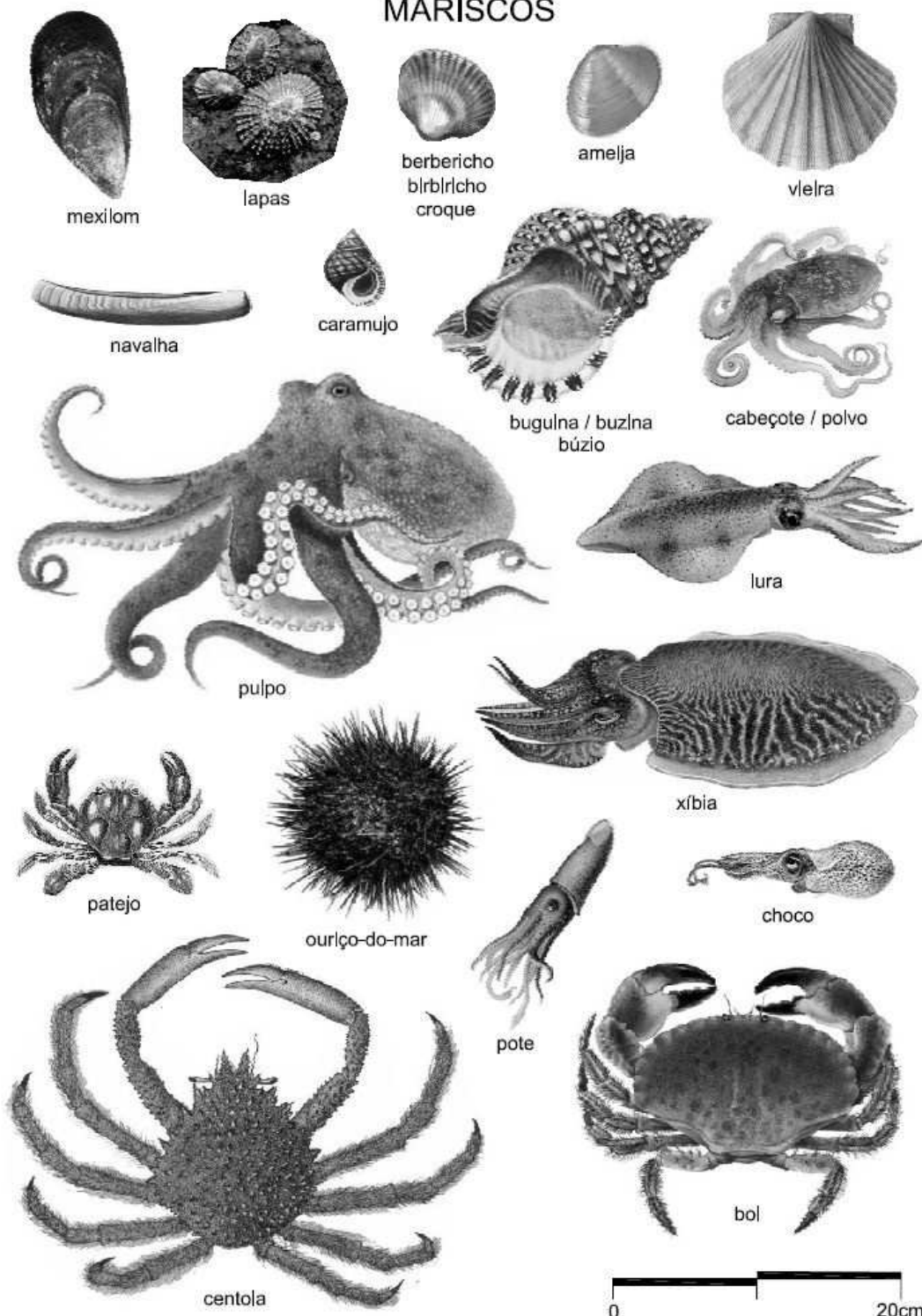
mujo m. Designação comum a vários peixes da ordem dos mugiliformes, muito comuns na foz do rio Lézere, mas poucos estimados por serem espinhentos e de carne pouco gostosa; especialmente a tainha-persa (*Liza ramana*).

olho-mol /ô-ô/ m. Peixe marinho (*Pegellus bogaraveo*) de tamanho grande, conhecido pelos seus olhos amarelos de grande tamanho, geralmente consumido em guisado ou no forno; besugo. • Nota: em finais do s.XX é mais comum o castelhanismo “besugo”. || **pancho** m. *Olho-mol* de tamanho pequeno.

pescada f. Peixe marinho (*Merluccius merluccius*) de tamanho grande, forma alongada e dentes de serra, que tradicionalmente se comia guisado. • Nota: em finais do s.XX é mais comum o castelhanismo “merluza”. || No verbo dos canteiros (*Viascom*) recebe ademais o nome de *xamarda*. || **carrioca** /ô/ f. *Pescada* na sua fase de imatura, geralmente frita com o *rabo* na boca.

peixe-pau /ê/ m. Peixe marinho (*Molva macrophthalma*) de tamanho grande, corpo anguiforme, pouco frequente nos mercados da ria de Ponte Vedra.

MARISCOS



por serem muito habituais nos praias visitadas ocasionalmente pelas gentes do interior. • Nota: Não se incluem espécies como a cigala, o camarom, o perceve, etc., as quais não eram em geral consumidas nem conhecidas pelos cotobadenses com anterioridade à década de 1960.

Buguína (denominação genérica moluscos gastrópodes marítimos) búzio

Designação comum a vários gastrópodes marinhos cuja grande concha é usada como buzina; especialmente os da espécie *Charonia lampas*.

buguína f. = Alm1, Bor2, Carv1, Lou1, Tan1, Tan3, Tan4, Via1, Via3 // Fragas (Gargalhons), Jeve (Fragoso), Lerez (Gândara), Mourente (Cons), S.I. Montes (Parada). // **buzina f.** = Agu2, Agu3, Agu5, Val1.

búzio m. = Carol, Caro2, Cor1, Jor4, Jor3, Sac3, Sac4. // Aziveiro (Forno), Baiste-Couso (Cortizo, 1998), Cerdedo (Lourido), Duas Igrejas (Quintelas), Forcarei (Gaxim), Parada (Porta Várzea).

Agu2 (H.78, 2001) *A buzina si ó si! Muito tenho soprado eu por ela; tocavamo-la o rapazes aqui onda o cruceiro pa junta-la-rola de toda a aldeia; tocava-se pôlar nove da manhã e já todo-lor-vezinhos abriam a porta da corte e as ovelhas e mai-las-cabras saliam ela'solas prò cruceiro. // Tamém se tocava pra escorventá-lo-lobo. Cando os cans empegavam a ladrar, cando ladravam raviados e nom se mirava peligro, era porque cheiravam o lobo; tiravamo-la-buzina da taleira e começavamos a tocar a canto nor'dava o peito. Eu d'umha vez cerca da Coêlhosa sentim tocar um búzio carea Loureiro e mirei como escapavam trêr lobos -corriam com'a chispas- prò rigueiro das Arcas. O ruído do búzio pra eles é como o trono os cans, que lhe vira o sentido.*

Agu3 (M.75, 2001) *Na vispora do máter d'entroido era quando passeavam or'lanceros [homens com faixa] todo por éster bárrios, ivam dous ou trêr d'a cavalo anunciando a carnavaleda; algum ano têm chegado hasta Loureiro; ivam parando cada pouco e tocavam a buzina; sentia-se brular por todo-lo-sitiis.*

Agu5 (H.75, 2001) *A buzina é um caracol do mar, ánter d'havê-la-strenas era o que tocavam or'marinheiror'dum barco a outro, porque tocando-o bem, colhendo muito aire e soplando com algo de força, esso sinte-se a mair'de cinco quilómetros. Mira!, tocava-no ai no Trevelho e mais em Sam Lorenzo pa junta-la-rola das ovelhas e sentia-se coma nada aqui no Peso. Pero tamém che dependia muito do tamanho da buzina, havia algunha pequena que sona mais com'umha corneta que como a sirena dum barco.*

Bor2 (M.79, 1999) *Por aqui havia quem tinha algum tam grande com'umha cabeça e depois tamén'os havia mais pequenos pò'rapazes; normalmente levava-s'ò monte numha saquetinha, pero nada que leváram um golpe já se furavam i entónce'já nom valiam pa tocar(e); nom duravam muito e havia que comprar outro.*

Cor1 (M.92, 2000) *Cando o milho estava no leite ia-se de noite pôlar veigas tocando o búzio pa escorventá-lo-retxugo; maiormente nar'veigas qu'estremavam c'o baldio. Eu inda gardo dour'buzios aqui neste quietom, gardo-or'de rucuerdo, pero eu já nom creio que toquem, ním eu tenho agora peito pròr'fazer sonar(e). O irem velhos perdem a color -quedam blancos- i esconcham muito.*

Jor3 (H.90, 2014) *O búzio si ó! Tinha-no toda-las-casas, porque se tocava pa dá-los-avisos: pa junta-la-rola, pa cando havia qu'ir limpar umha presa, cando ardia o monte ou umha casa -pa qu'a gente lh'acudira. O búzio era-ch'o telefano que tinhamor'daquela.*

Tan1 (M.75, 2002) *Ar'buguinas vendia-nas as pescantinar'de Marim que vinham por aqui c'o peixe -eu acordo-me d'umha que lhe chamavam Mucha d'Estrivela-, entravam-lhe nar'nássar'de pescar e davam-chas se cadra por três patacos. Algunhas inda vinham vivas e havia que lhe sacá-lo-bicho -inda nom ch'era fácil- e fazer-lh'o burato no bico da cuncha.*

Tan1 (H.85, 2002) *Na casa moitas havia, e algunhas eram bem bonitas, assi retorneadas e de muito colorido; andavam aqui zapateadas pola barra; traia-no-las um nosso tio -qu'era canteiro- cada vez que volvia no trem de trabalhar por ai adiante; parava em Vigo e colhia-as ali no puerto; dis-que lhe vinham na'redes or'marinheiros e andavam por ali arrasto.*

Tan4 (M.76, 2002) *As peixeiras que vinham c'o carrilho vender por aqui arriba já tocavam a buguína ai na Volta da Chavola -justo abaxo da Soldada- e já se sabia que chegavam quinze minutos antes; e como cada buguína tinha o seu tocar(e), já se sabia tamém quem era a peixeira que chegava.*

Via3 (M.77, 2002) *Antiguamente cando havia que chamar polo barqueiro do Fraga -que tinha a barca na Poça de Trasom- tocava-se-lh'a buguína.*

LOCUÇÃO RELACIONADA

Buguína de corno. [Tan1] O mesmo que corneta (como para avisos).

Outros mariscos

ameija /ê/ s.f. Designação comum para os moluscos bivalves da família dos venerídeos, de cuncha geralmente lisa e oval, que se consomem guisados ou em caldeirada; amêijoa.

berbericho s.m. 1. [Carol, Carv1, Jor1] Molusco bivalve (*Cerastoderma edule*) muito comum nos areais do fundo da ria de Ponte Vedra, especialmente apreciado como recheio para empanada; berbigão. VAR.

Azulenta (*Prunella modularis*) ferreirinha-comum.

Pássaro apenas conhecido pelos seus formosos ovos de cor azul-turquesa. • Nota: Só mencionado pelos informantes Evaristo Fraguas (Travaço) e Manuel Insuela (Trevelho).

azulenta /ê/ f. = Carv3.

azulinha f. = Agu2.

Agu2 (H.78, 2001) *Si, desso tenho ouvido qu'havia um paxaro que punha or'güevor'da color do manto da virgem d'Agua'santas -isto falava-no o'rapazes qu'andavam or'ninhos-, chamavam-lh'a azulinha, pero che nom sei mats.*

Carv3 (H.76, 2002) *A dor'güevinhos azules, assi azul de mar, pero moi pequerechinhos, essa era a azulenta. Um do meu tempo topava um ninho desses no médio dum codesso e como nom lho criamos levou-no-lo ensinar a mita do'rapazer'de Travaço. Pero se me perguntas como raio é o paxaro, eu nom che sei; pero tamém che digo que eram bem raros, à parte desse eu nom sei se miraria outro ninho na minha vida; pero si, da tal azulenta sentia-se falar(e).*

Bruiom (possivelmente *Bubo bubo*) bufo-real?

Ave de rapina menor do que o abutre, apenas citada pelo padre Frei Martin Sarmiento no seu "Catálogo de voces y frases de la lengua gallega (1746-1755c); edição de J. L. Pensado Tomé (Universidade de Salamanca - 1973).

bruioim m. = Alm. • Nota: Na cita original "Bruyon Almofrey, rapiña, menor que bultre".

Víncios (Gondomar) - Na página 156 do livro «As Covas de Vínchos» (Comunidade de Montes de Vínchos, 2005), menciona-se que na serra do Galinheiro existe um abrigo rochoso conhecido como a *Touba do Briom*, onde segundo os informantes locais se ocultava durante o dia o tal *briom*, uma ave: "como um galo bô", "era um paxaro dis-que precioso", "tinha os olhos mui grandes, como os dum boi". À vista destes indícios os autores do livro concluem que se tratava de um exemplar *Bubo bubo* que habitou este pedregoso monte e cujo derradeiro exemplar foi abatido no ano 1936.

Com certeza os nomes *bruioim/briom* fazem referência ao potente canto da ave, semelhante ao *bruiar* (mugir delongado) de um boi. Por esta mesma circunstância, nas freguesias cotobadenses de Tanoiro e Sam Jorge chamam *paxaro-boi* a coruja-do-mato (*Strix aluco*), uma rapace noturna bem semelhante ao bufo-real. Atualmente o *Bubo bubo* acha-se praticamente extinto na Galiza, enquanto que o *Strix aluco* -ave mais florestal- contava na década de 1990 com uma população estimada de 1.400 casais distribuídos por todo o território. Além do mais, o bufo-real tem especial gosto pelas escarpadas penedias à hora de procurar refúgio, as quais são especialmente abundantes na referida paróquia de Almofrei, onde o rio homónimo corre pelo fundo de um apertado canhão de natureza granítica.

Bubela (*Upupa epops*) poupa.

Popular ave migratória de grande crista e chamativa plumagem listrada que constrói fétidos ninhos.

bubela /ê/ f. = Geral em toda a Terra de Cotobade e as suas redondezas.

Agu3 (M.75, 2001) *Nom fam ninho de garabulhos como o resto dos paxaros, dis-qu'ô fam -dispensando!- de merda; pero eu mirei-nas como criavam dentro do buraco dum pino podre, um buraco que fora feito por um pito-rei -esses que fuvam na madeira, nom sabes?*

Bor1 (H.67, 2000) *Aqui hai o dito: «Bubela à porta, morte à porta»; pero ser dim que nom é bô senhal que nigung paxaro entre na casa ou que che venha petar à ventana; que som alminhas que venhem avisar d'algunha cousa, algunha morte ou assi.*

Bor2 (M.79, 1999) *Aqui nesta casa figerom ninho ar'bubelar'debaixo do telhado do nosso cuberto velho e aquele cheirava que fedia, tinham todo cagado por ali d'arredor, e s'ordenavas de t'arrimar ali inda cagavam mais -becho porco, caralho!- e logo deixamo-las estavie; já marchariam -dixo mamá. Pero ô outro ano ali as estavam outra vez - me cago nelas!- e nuvemos que colher a esqueira grande e c'umha lata derfazer-lh'ô ninho todo e tapar aquel güeco com erva curada.*

Carol (M.75, 1998) *Som-vor'bem vistas, som ô', inda mais a voar que cando estão pousadas, co'aquelas alar'grandes e rajadas, amitam a umha bolboreta.*

Caro2 (M.76, 2000) *O da bubela inda é malo d'entender(e): por um lado é o paxaro mair'bonito de todos, com essa coroa d'abanico, pero ô mirmo tempo é o bicho mais sũcio que hai, porque fai o ninho de merda; anda a ela nar'bostêirar'dar'vacas e hasta carreja os cagalhór'dos cãs; eu nom sei como ela fai p'andar sempre tam limpinha.*

Carv1 (H.72, 2003) *É um paxaro que nom sabe voar(e), voa ôs tombos.*

Cor1 (H.84, 2006) *A bubela vem canda o cuco; ô virem a bubela e mai-lo-cuco é tempo de sementeira. Pero acá pola Corredoira nom é paxaro qu'abunde moito; nim daquela nim agora. || Nom voa dreito, vai ôr'golpes.*

Jor4 (M.86, 2000) *Pousa numha póla i empeça a cantar "bububu, bububu!" assi váriar'vezes, despois cala e ô pouco volve, pero canta-vor'baixinho, nom é escadalosa como outros paxaros. A cantar baixam a cabeça, como se lhe vinhesse a rós.*



As andurinhas trazem boa sorte às casas onde anualmente constroem os seus ninhos. Desenho de um corredor no Poço Negro (Rebordo).



Ave-de-rapinha pousada na póla dum vidom das ribeiras do rio Almofrei (Carvalhedo). Ano 2009.



As andurinhas consideram-se "santas" por lhe terem tirado a Nosso Senhor a sua coroa de espinhos. Fonte: <https://mayade415.files.wordpress.com>



Os chamativos ovos azul-turquesa da azulenta era especialmente prezados pelos rapazes que andavam or'ninhos.



A ave, rainha dos céus, gosta de atalaia onde ficar bem à espreita. Desenho do cruzeiro do Adro (Corredoira).



As ave-frias deixavam-se ver em bandos polos campos só nos anos de grandes nevadas.



A bubela costuma construir o seu fedorento ninho nos alpendres e outras edificações humanas.



O provérbio adverte sobre o mal agoiro que pode ventar a formosa poupa: Bubela à porta, morte à porta. Casa no Canceiro (Rebordo).



En Almofrei conta-se o conto de como a carriça educa os filhos sobre os perigos da vida antes de eles saírem do ninho.



A borrecida chasca só chasquea na presença de pessoas.



A chasca, chasco ou charra atraçou a Cristo indicando-lhe aos judeus por onde ele fugia: Chás, chás, por aí bem vás!



A cotovia diferencia-se da laverca pela sua engraçada crista.



O medroso chichi, ótimo troiteiro e um dos pássaros mais coloridos do País.



A cotroula (fêmea do melro) representa para os informantes uma espécie independente.



Os bandos de estorninhos vêm-se no outono pousados pelos fios da luz. Grossa, Almofrei (2004).

Jor1 (H.72, 1999) *Nom som nêgror'de todo, polo peito tiram mais a avinhados. || A cantar incham muito o papo.*

Tan3 (M.82, 2002) *O ferreiro, esse é do monte, assi aborralhado e c'o rabicho teso. Esse pousa na punta dum tojo ou dumha gesta e ali canta e arranda o rabo seguido, nom pára muito quieto.*

Tan4 (M.68, 2004) *Or'ferreirinhos viam-se muito cando s'andava c'o gando polo monte. Cantavam assi de longe e ô t'arrimares um pouco já escapavam; pero cando faziam muito escândalo era porque lh'andava'cerca do ninho e tratavam de te enganhar(e).*

Sac1 (H.70, 2000) *Ferreirinhos'desses havia-or'daquela a montons no nosso monte da Pereirinha; ívamos polos carros de tojo e via-los andar polos pereiros a peteivar nos peros.*

Vall (H.73, 2001) *Esses negrinhor'do monte som os carvoeiros, porque som talmente como os carvoeiros: negros e c'o olho rívio.*

FONTE DOCUMENTAL

Lou. - Ferreiro: Abondoso nos montes. (Fraguas MPG).

Fura-folhas (*Phylloscopus collybita*) felosa-comum.

Pequeno pássaro de voo curto e esvoaçante, conhecido pela sua conduta irrequieta na procura de alimento entre as folhas das árvores. • Nota: Segundo Antonio Fraguas, em Loureiro o vocábulo *fura-folhas* é empregado como sinónimo de *maceiro* (*Parus spp.*).

fura-folhas /ô/ m. = Alm1, Bor2, Lou1-Fraguas MPG, Tan4 // Aziveiro (Cotinho), Pedre, Duas Igrejas (Quintelas).

pica-folhas /ô/ m. = Mourente (Cons).

Alm1 (M.72, 2002) *Eu acorda-m'a levá-lar-vacas a pacer na ferrã, e alá embaixo no Pradinho sentia-se piar e piar, um piar moi alto e seguido; e o'rapazes qu'andavam por ali diziam qu'era o cantar do fura-folhas, um paxaro que dis-qu'era amarelo, sólo m'acorda esso.*

Bor2 (M.76, 2014) *O fura-folhas é um dos paxarinhos mais pequerrechinhos, nom pára quieto a rebuscar por antr'a folha e move seguido a cabeça.*

Tan4 (M.68, 2004) *Esse si, tamén'o conoço, é pouca cousa, assi com'umha carriça, pardinho, pouco vistoso, pero nom se che deixa ver fácil, é um mundo rebulideiro, nom pára pousado, é o mirmo qu'umha abelha a trabalhar(e).*

VOCABULÁRIO RELACIONADO

fura-folhas /ô/ adj./s. Que ou aquele que é inquieto e engenhoso, especialmente quando criança. Ex: *Muito me dá que fazer este fura-folhas.*

Gaio (*Garrulus glandarius*) gaio-comum.

Ave corvidea de cor parda e negra com vistosas plumas azuis nos flancos das asas, bem conhecida pela sua voracidade.

gaio m. = Agu2, Agu3, Agu5, Alm1, Bor3, Caro1, Caro2, Carv1, Carv3, Cor1, Lou2, Reb1, Reb2, Sac4, Tan1, Tan3, Tan4, Vall // Baiste-Couso [Cortizo, 1998], Figueiroa (Vilar), Jeve (Fragoso), Lérez (Outeiro), Mourente (Cons), Parada (Porta Varzea), S.I. Montes (Parada). || **papagaio m.** = Cerdedo (Lourido).

pega /ê/ f. = Jor1, Jor3, Via2 // Duas Igrejas (Quintelas), Forcarei (Ponte), Fragas (Gargalhons). || **pega-marça** /ê/ f. = Sac2 // Pedre. || **pega-marçola** /ê-ô/ f. = Sac1. || **pega-marçenha** /ê-ê/ f. = Aziveiro (Cotinho)

Agu2 (H.78, 2001) *O gaio é o demo, el cachea onde sea, hasta debaixo da neve buscam eles que comer(e).*

Agu3 (M.73, 2001) *O gaio é raro vê-lo sólo, andam sempre dous ou catro juntos, por esso eram malos de tomar(e), som moi agudos e atrevidos, pero nim tanto como as pegas.*

Agu5 (H.77, 2003) *Or'gaioas agora aqui volverom-se piores qu'as pegas, já nom deixam nim vi-lo-milho nim a fruta a maduro; aqui vejo-os eu marchar co'as claudias e as peras inteirar'na boca; e se trata de lhe pôr umha rede inda te levam preso.*

Alm1 (M.72, 2002) *O gaio fai como a pega, fai o ninho todo de grabilhor'na cabeça dum carvalho e sólo se certa deles ô cai-la-folha. Pero despois é mais desconfiado qu'a pega, garda-se máir'da gente; o'rapazes queriam-lh'atinar c'os tira-pedras e nom havia maneira. || No inverno come landras e castanhas, pero no vram bota-se às hortas. Nós punhá-mor-lh'um pantelro na veiga de Martinho e outro na Curtinha.*

Carv1 (M.68, 1999) *O gaio é-che da raça da pega, berra o mirmo qu'a ela: «carra, carra!», tamém um mundo escandalosas. Se lh'andas por cerca do ninho já empeçam a barulhar e atesam as piimar'do cocote, todo pa chamá-la-atenciom, pa que nom lhe cêrter'do ninho.*

Caro2 (M.99, 2000) *Por aqui viam-se muito polo tempo dar'zreijas; a gente escorontava-os a berros pôlar'ventanas. Derde que morrêrom ar'zreijeiras já fôrom muito a menos.*

Caro3 (H.75, 1998) *Aqui hoirou uns anos que se deixou de ver(e), pero agora ultimamente já parece quere volver(e).*

- Da parte d'alá do rio assubiou-me umha merla; era a filha do meu sogro que estava colhendo erva. **Lou.** Cantiga (Lis-Coleção).
- Entre Paços e Borela, todo é caminho direito; Quem pudera sê-lo-merlo, qu'anhara no teu peito. **Bor3** Cantiga.
- Na banda d'alá do rio assubiava umha merla, a merla que assubiava estava segando na erva. **Alm1** Cantiga (Casal, 2014).
- O melro e mais a merla iam polo campo arriba, o melro como era pilho botou-lhe a pata por riba. **Cot.** Cantiga (Fraguas, 1985).
- Ô passar por Cuspedrinhos assubiou-m'umha merla, era a filha do meu sogro, queda colhendo na erva. **Jor1** Cantiga.
- O raio do melro macho, onde foi fazê-lo-ninho, antr'as pérnar da rapaza, naquel mirro buratinho. **Alm1** Cantiga (Casal, 2014).
- Sei do ninho dumha merla no canhoto dum repolo; dêrom as nenas com el, levârom canhoto e todo. **Cot.** Cantiga (Fraguas, 1985).
- Sei dum ninho dumha merla, outro dumha lavandeira, agora tenho três ninhos c'o ninho da costureira. **Cot.** Cantiga (Fraguas, 1985).
- Tenho um ninho dumha merla no alinho dumha gesta; se me dás c'o ninho moça, se me dás c'o ninho hai festa. **Cot.** Cantiga (Fraguas, 1985).
- O melro que foi ô formigueiro. Un dos veciños que ia lairse ô pé do formigueiro era un melro que un dia de neve non atopaba que comer e entoncos saeu unha formiga e dixolle: «Porque cando andabas polo verán "lero, lero!" non gardaches pro inverno?» **Lou1.** Fábula (Fraguas MPG).
- O raposo e a merla. Um raposo topou umha merla qu'estava no ninho, e dixo-lhe: «- Merla, cochomeira, cantos filhos tés á perna?» «- Tenho três». «- Pois bota-me um». «- Ai, nom boto nom, que meus filhos som!» «- Meu rabo fai-te machada e corta este carvalho, que com este carvalho, merla e filhos tenho na minha barriga!» E pujo-se a dar golpes c'o rabo contra o carvalho — o carvalho era delgadinho — e abaneava; a merla tivo medo e botou-lhe um; pero asi que o comeu, dixo-lhe: «- Merla, cochomeira, cantos filhos tés á perna?» «- Tenho dous». «- Pois bota-me um». «- Ai nom boto nom, que meus filhos som!» «- Meu rabo fai-te machada e corta este carvalho, que cando o cortas, merla e filhos tenho-os na minha barriga!» Entoncos empeçou-lhe a dar golpes outra vez c'o rabo contra o carvalho, e a merla botou-lhe outro; assi que o comeu dixo-lhe outra vez: «- Merla, cochomeira cantos filhos tés á perna?» «- Tenho um sólo». «- Pois bota-mo». «- Ai, nom boto nom, que meus filhos som!» e c'um solo bem me valgo». Colheu-no no peteiro i escapou com el; e o raposo quedou-se sim merla, que o carvalho nom foi capaz de o cortar; quedou sim merla e mais sim o filho. **Alm1** Conto (Casal 2015).

Melra (fêmea de *Turdus merula*) melra.

Fêmea e imaturos do melro-preto, caracterizados pela sua cor acastanhada que contrasta com a negra dos machos adultos. • Nota: Muitos informantes identificam-na como uma espécie per se.

melra /é/ f = Agu2, Agu3, Caro1, Sac1, Vall1. // Baíste-Couso (7 lugares), Jeve (Fragoso), Parada (Porta Várzea), Pedre. // **merla** /é/ f = Jor1 // Cerdedo (Lourido), Lérez (Outeiro).

cotroula /ô/ f = Carv1, Carv3.

melro-fris /é/ m = Alm1.

melro-cacho /é/ m = S.I. Montes (Parada).

Alm1 (m.72, 2002) Melros hai-chor de duas cores: está o negro, de peteiro amarelo, e o que lhe chamam melro-fris, de color acastanhado.

Agu3 (H.70, 2000) E de por parte tamém é o único paxaro que se difreñiam o macho da fêmea: o melro é negro como o carvom, e a merla tira mais a pèzia, com algo de pintinhas polo peito.

Carv1 (H.72, 2002) A cotroula é talmente como o melro pero mais clarinha, no inverno andavam moito juntos, em bandos de a catro e a cinco.

Carv3 (H.76, 2002) O toró é da raça do melro, e despois inda está a que lhe chamam cotroula, qu'é umha cousa intermédia entre or'dous; qu'eu hasta nom sei si será um cruze de melro e mair'de tordo.

Jor1 (H.74, 2001) Hai merlo e hai merla, um negro e outro pardo; miram-s'andar moito juntos, normalmente dous ou três machos arredor dumha fêmea.

Vall (H.73, 2001) O melro — o que canta qu'é glória oi-lo — é o macho, o negro; a fêmea — a merla — essa sólo assubia; gusta-lhe cantar á manhã e tamém á noitinha, justo ánter'de se deitar no ninho.

FRASEOLOGIA RELACIONADA

Com umha cotroula. [Carv1] Muito gorda/o.

Melro-troiteiro (*Cinclus cinclus*) melro-d'água.

Passaro muito semelhante ao melro (*Turdus merula*), de peito branco, que habita os trechos torrenciais dos nossos rios, onde pesca pequenos peixes por imersão.

melro-troiteiro /é-ê/ m = Agu5, Caro2 // Baíste-Couso (7 lugares), Lérez (Outeiro), Parada (Porta Várzea). // **merlo-troiteiro** /é-ê/ m = Aziveiro (Cotinho), Cerdedo (Lourido), Forcarei (Ponte).



A lavandeira, com os seus chistosos movimentos vêe-se a muito caminhando pelos telhados.



As buliçosas maceirinhas recebem o nome por frequentarem as maceiras e outras árvores fruteiras.



É boa sementeira cando anda a lavandeira.



Lavandeira amarela pousada num fio da luz. Poço Negro (Rebordelo). 2021. Fonte: J. Nascimento Mayans.



A laverca é conhecida pelo seu canto longo e harmonioso que executa pousada nos altos.



O gaió é o mais lambom dos nossos pássaros, voraz engolidor de landras no tempo do outono.



Em Travaço diferenciam a laverca-pequena que se assemelha mais a um pardal.



Este habitante dos nossos cursos fluviais recebe em Cotobade os nomes de: melro-noiteiro, melro-de-pedra, melro-do-rio, melra-arrieta, melriam e melrieiro.



Um acentuado dimorfismo sexual leva à gente a considerarem pardales e gorriões espécies diferentes. Fonte: <https://avistandopajaros/files/wordpress.com>

era qu'andavam os patos por ali cerca. Pero já che digo, criar eu aqui no nosso rio, nunca or'vim criar(e), é paxaro qu'anda mais pola beira do mar(e).

Lêrez - Outeiro (H.74, 2000) Daquela no inverno vinham por centos alá pâr 'junqueiras [de Alva e do Covo] e armavam tal barulho que se sentiam aqui no Convento [mosteiro de Lêrez]. Metiam-s'ô abrigo da junqueira e ali comiam a raiz das espadanãs; ponhiam o cu a chupe pa poder revolver c'ô peteiro o lodo do fondo. || Pero despois ô obrarem a escuela naval de Marim empacârom a vi-los-capitâns e mai-los-armirantes, vinham ôr'domingos numha lancha; e claro, os patos espantavam-se c'ô ruído do motor e disparavam-lhe sim dor. Matavam tantos que nom davam apanhado nim mitá deles; os que caíam polo médio da junqueira já nim caso lhe faziam; e essa foi a maneira d'acabar com eles. || O macho do pato-real é bonito como el sólo: co'a cabeça color verde –um verde avinhado– e umha corbata blanca; a fêmeia nom, a fêmeia é toda ela parda. Pero seica é a fêmeia que tem melhor sabor; eu comeria-o um par de vezes em guiso –invitara-um 'um pescador dar Bascongadas que vinha moito polo Lêrez– e a verdá, no'me chistou moito, fijo-se-me fuerte demais.

Paxaro-da-água (Picus viridis) peto-verde.

Ave de vistosa plumagem verde amarelenta, conhecida polo seu canto que, segundo a crença, agoira chuva.

paxaro-da-água m. = Alm1, Carv1, Cor1, Jor1, Jor3, Lou2, Sac2, Sac3 // Figueiroa (Vilar), Jeve (Fragoso). ||

paxaro-da-água m. = Aziveiro (Cotinho). • Nota: É frequente a pronúncia «paxaro-da-ágoa».

paxaro-da-chuvia m. = Agu2, Agu3, Bor2, Caro1, Jor4, Lou1, Tan1, Tan2 // Duas Igrejas (Quintelas), Fragas (Gargalhons), Pedre.

peto-real m. /ê-ê = Via2 // Forcarei (Ponte), Parada (Porta Várzea), Lêrez (Outeiro). || **peto-rei-real** m. /ê-ê = Reb1. || **pito-rei-rúvio** /ê m. = Carv3. || **peto-rei** m. /ê-ê = Mourente (Cons).

peto-verdudado /ê m. = Alm1. || **peto-averdugado** m. /ê = S.I. Montes (Parada).

peto-rinchom /ê m. = Lou1 [Fraguas MPG]. || **peto-rincho** m. /ê = Cerdedo (Lourido).

cavalinho-do-roque /ô m. = Cor1.

Agu2 (H.78, 2001) Eu é um paxaro que sempre me gustou moito, tamém bonito. || Agora pouco se vê, antes eu mirava-o moito porque vinha beber aqui á Fonte do Campo, vinha sempre á mirma hora, quando ivávor'de tarde pã veiga. || El nom fai mal ninguém(he), é amigo do lavrador, dá-lh'o aviso de quando bem a chivía.

Alm1 (M.72, 2002) Petos hai-nos de dua'raças: um averdudado e outro que é o peto-dourado, mais pequeno e que nom canta como o grande, pero or'dou'som petos, porque tanto um como o outro som de petar na madeira.

Caro2 (M.99, 2000) Esse verdinho, assi do verde dum limom(he), esse tinha o burato feito num carvalho médio podre qu'havia aí nar'veigar'dos Cavados; e or'donos ordenárom de botar a abaixo o carvalho –pa lenha– e ô cair sacárom pa fora cinco paxarinhos'do burato; e que cousa, rebiravam o pescoço e botavam fora a língua o mirminho que se fossem cobregas; e colhêrom e deixárom-lhos comer ôs cans.

Cor1 (H.84, 2006) Canta máir'bem na primavera, cando o tempo nom é firme, a gente di que é como um cavalo a rinchar(e), por esso lhe chamam tamém o cavalinho-de-roque; pero a mim parece-me mais como assi um home a rir(e), ou como um cancinho a ladrar(e); canta um pouco, cala, e volve cantar(e).

Cor1 (M.92, 2000) Á parte do peto-peto, tnda hai outro que tamém fura nos árvoles, chamam-lh'o paxaro-da-água, tamém moi rechamente, assi verdinho. Esse pousa no touço dum carvalho e anda todo arredor del, se te mira por um lado, colhe el e pom-se do outro. || Ar'vezer'batxa assi ô cham um pouquichinho, pero –trás!– já volve pô touço; nom tem patas como os outros paxaros, sólo tem uns ganchinhos'de nada.

Lou1 (H.74, 1998) O paxaro-da-chivía esse tampouco che fai ninho, sólo um burato num vidom velho, dèsses qu'havia antes á beira do Rio. || Polo tempo em que cantavam a'rulas era cando tamém se sentia trabalhar o paxaro-da-chivía; aquilo era como umha menalhetra: «tatatatá!»; pero umha vez que tinha o burato feito já lhe valia pã vida, nom é como os outros paxaros que tenhem que fazê-lo-ninho todo-los-anos.

Reb1 (H.74, 2003) Chamam-lhe peto-rei-real, porque é tamém de petar nos paus; pero é máir'grande e mais escandaloso c'ô peto-rei; cando canta sinte-se moi longe: «chuu, chuu, chuu!»; dis-que ventava a chivía, eu nom sei.

Tan1 (H.85, 2002) Si ô, visto nom era moi visto, pero no tempo de lhe levar o esterco ar'veigas e máir'no tempo dar'lavradas sentia-se moito: assi como o chiar dum merlo, pero moito mais alto, e já diziam qu'havia qu'apura-lo-choio, qu'o outro dia chovia.

Via1 (H.80, 2002) Esses inda se vêm algunha vez por acaso, pero moito menos que antes; esses fôrom a menos dèsse que desaparecêrom ar'formiga-rivias –as que faziam moreons de garabulhos, conoces?–; pois aqui antes dèsses formigueiros havia moitos –algun levantava máir'dum metro d'altura– e o paxaro esse pousava ali e fazia umha festa a comer nar'formigas. Pilhava-as co'a língua, umha língua máir'grande qu'a dumha colebra; era umha cousa dina de mirar(e). Pero eu tamén'o tenho visto andar por onde hai frutales; dumha vez vezara um nar'nóssar'maceiras e vinha toda-las-tardes a elas, vinha á hora da siesta, cando sabia qu'estavamos a dormir(e).

FONTE DOCUMENTAL

Lou. - Peto rinchón: Cando rincha moito venta chuva. Moi abundante. (Fraguas MPG).

VOCABULÁRIO E FRASEOLOGIA RELACIONADO

rinchom, na adj. [Carv1] Que rincha (relincha); especialmente dito do equideo que o faz em excesso. Ex: Havia um paxaro rinchom qu'era o que ventava a chivía.



Entre as aves que agouam morte o moucho é a mais popular. Cruz do campo-santo de Sacos.



Na Cavadosa (Caró) chamam nabinheiro ao pardilho, por causa do seu bem conhecido degoro polas sementes da couve.



O benquerido papo-rívio é um paxarinho que gosta de espreitar os labregos nos seus quefazeres.



A presença observante do papo-rívio pressagia alguma surpresa. O Valinho (Borela), 2005.



Durante a seitura do centeo ficavam ao descoberto muitos ninhos de paspalhás.



O paxaro-da-água ou peto-averdudado, cujo sonoro canto agoira chuva.



O paxaro-cabra é uma misteriosa ave que emite o seu arrepiante canto crepuscular desde as mais cerradas espessuras.



O pedreiro, de bonito rabo encarnado, gosta de aninhar nas construções humanas. Fonte: Ana Casal Moreira (Almofores), 2020.



O estimado pimpim ou chinchim, de onomatopaico nome.

hasta polo monte; e cachea que te cachea hasta que trávos Caramuzinhos fôrom topá-lo-braco a mai-la-perna dreita da rapaziña; e foi a aquilo o que lle dêrom sepultura.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS

Caro. - O meu avó contaba que para ir cortexar á miña avoa tiña que andar bastante e polo camiño tiña atopado moitos lobos. Os mozos tiñan unha carabina dun cano pero cando vian o lobo non eran quen de disparar co medo. Entón a única defensa era un fachuco de palla ardendo porque o lobo tiñalle medo ao lume. (Fortes, 2008: 218-219).

Caro. - El lobo era otro asunto. Más serio. Todos los chiquillos del barrio recordábamos el ataque de una manada de lobos a la aldea, porque había matado a casi todos los perros y habían intentado entrar en varios corrales. Fue la última noche de una larga nevada que sepultó los caminos y sembró los campos de agujas de hielo. Además estaba el caso de Manuel de Abelina, el Habanero, al que una manada de lobos había acompañado, amenazante, desde el Porto hasta cerca de su casa en una noche cerrada. Aunque sólo uno de los animales se dejaba ver, Manuel no dejó de observar entre las matas varios pares de ojos brillantes como ascuas. Redujo el paso. Cada trecho iba oyendo más cerca las pisadas y, de vez en cuando, el sonido rasgado de una mata. Sabía que se echaba a correr, la manada se abalanzaría sobre él a degüello. Así que aguantó el paso con el alma en vilo. Veinte metros más, cincuenta, cien..., el corazón desbocado, los músculos agarrotados. Cerca del lugar los perros comenzaron a alborotar enfurecidos y los lobos, poco a poco, fueron alejándose. Llegó a casa vivo, pero cuando su mujer lo vio aparecer por la puerta, se llevó las manos a la boca ahogando un grito de horror. A su marido en apenas unas horas se le había puesto todo el pelo encastado y blanco como el mineral de cuarzo. // Los lobos, además, eran la principal amenaza del rebaño al que nosotros debíamos proteger con la ayuda de los perros. Los días de niebla eran los peores porque los sonidos se expandían y había que adivinar las distancias a tientas. La osadía de los lobos era pura y drástica, sobre todo en invierno, y si encontraban una vaca o una yegua sola, la atacaban a descuartizar. Si las yeguas estaban en grupo la cosa cambiaba. // En otra ocasión, Aquilino y yo, fuimos testigos del ataque de un grupo de lobos a una *grea* de una veintena de yeguas, con su garañón. Nosotros estábamos en lo alto del Outeiro da Vella u contemplamos la escena lejana como si estuviéramos viendo una película. Lo primero que hicieron las yeguas, nada más intuir la presencia de los lobos, fue ponerse en círculos, con las ancas para fuera, dejando a las crías a salvo dentro del perímetro de seguridad, mientras el garañón trotaba alrededor del corro relinchando con fuerza. Ante semejante estrategia defensiva y el miedo que inspiraba el garañón, a los lobos no les quedó más remedio que desistir. El mundo animal me enseñó mas que un manual de filosofía. (Fortes, 2019: 25-26).

Caro. - Las gentes eran con el lugar [fala da aldeia de Medelo]. Salvo las cuatro familias con carro y yugada, el resto era un caos de marginalidad, pobreza y griterío, con un tropel de niños harapientos y descalzos que faltaban habitualmente a la escuela y apenas sabían leer. En compensación tenían otras habilidades. Eran montaraces, atrevidos y correosos en la pelea. Uno de los adolescentes, Abel *do Campo da Folla*, había alcanzado fama comarcal, no sólo por haber cogido un zorro a la carrera en la pradería de las Patronas, que ya es correr, sino por haber apresado un lobo adulto vivo en el Seixo y traerlo del bozal a la taberna. Al parecer, Abel venía de llevar las vacas cuando sus perros comenzaron a agitarse con los rastros frescos del lobo. Eran perros de cierta envergadura, bien adiestrados, y Abel no cesaba de azuzarlos, lo que multiplicaba su valor. No pararon hasta dar con el animal, obligándolo a refugiarse en un *tobo* del monte, un agujero estrecho y no muy profundo en barranco próximo al *Outeiro do Vencello*. Abel, con ayuda del *sacho*, logró llegar hasta él y golpearle fuertemente en los cuartos traseros. Finalmente, cuando creyó que estaba medio vencido y sin aire, lo agarró por la cola y comenzó a tirar de él con fuerza, sujetándolo entre las piernas a medida que lo iba sacando del agujero, hasta que logró asirlo por el cuello. En ese momento le puso un fuerte bozal y una cadena, lo arrastró fuera, y se presentó con el lobo vivo y caminando por su pié, aunque cojeando, rodeado de niños, en el campo de la Chaira. Fue un momento de gloria para el barrio. (Fortes, 2019: 75-76)

Lou. - Agora fai moito que non ven os lobos por eiqui. Denantes chegaban ás portas e rabuñaban pola noite na sebe do curral. Moitas veces aparecían mulleres esvaidas co medo ó lobo. Tiñan vieiros fixos polos que camiñaban coas ovelas mortas ou en percura do rabaño. Para poder ollarse ceibes de somellante inimigo organizaban corridas e construían foxos pra tatalos. O foxo era unha cerrada grande con outos muros e algunhas porteiras. Nunha esquina había unha casopa construída nun grande denibel do terreo, todo pola beira do muro facíase un camiño que levaba a ista casopa. As corridas organizábanse obrigando o concello a ir das parroquias veciñas, de cada casa una persoa. Escorrentavan o lobo percurando que se metera nas sebes despois tornábase nas cancelas e outros iano escorrentando pró foxo. O lobo ía á beira do muro e non ollaba o burato porque ficaba atapado con ramallada. No intre de meterse no calexón berrábanlle detrás os do Batán [aldeia de Loureiro] que ficaban escondidos á beira da sebe e o lobo pinchaba pola ramallada caíndo no foxo onde o mataban, sacándoo por unha portuña que tiña arrente da terra. As corridas remataron porque unha vegada soltouse un tiro dunha escopea matando ó dono. // Os lobos desinzáronse con venenos que lle puxeron en animais mortos. // O lobo segue á xente inda que sexa unha legua de camiño, sempre á beira dun agás nos lugares que hai casas, entoncias dá a volta polas carballeiras saíndo de novo pasando as derradeiras casas. Se olla que non tes medo, vai afastando; en troques, sendo persoa de temperamento medoso achegase a él. Pra conseguir que marche bótase un cordel arrasto e o lobo pensa que é pra botarlle a el ó pescozo e foxe. Tamén se fai ensinándolle unha arma branca ou de fogo, pero sempre que se lle dispare é mester apuntar ben; senon lle atingue o tiro, oubea polos demais e xúntanse tres ou catro e mátanos. // Noutros tempos o lobo tivo o seu trabuco, a xente dáballe o derradeiro monillo da meda. // Si o lobo sorprende a unha persoa, producindo o chamado susto, a persoa queda sin falas. Contan moitos sucesos de lobos e tamén indican moitos medios de poñerlle medo. Sin lugar a dúbidas o millor medio de asustalos é o lume, por iso un fachuco ou un tizón é un grande compañeiro pola noite pra defenderse dos lobos. (Fraguas MPG).



Peças abatidas numa corrida do lobo no monte do Seixo. Cerdado 1968. Fonte: Viridil Viteiz.



A Sr.ª Ramona do Frade (Loureiro), contando-nos os estragos do lobo no seu rebanho de ovelhas que pastia nas ribeiras do Almofei. 2002.



A *Pieira dos lobos*, mítica sentinela de feras cuja estória foi recollida na freguesia de Borela polo noso illustre etnógrafo, D. Antonio Fraguas.



Lobato tiroteado ilegalmente nas Terras de Cotobade em fevereiro de 2018. Fonte: www.adeaga.gal



Imagem de uma "banda" organizada em Cotobade no ano 2017. Fonte: www.pontevedraviva.org



A Sr.ª Valisneria, taberneira do Igrejário (Loureiro), contou-nos em 1998 a estória do carteiro Leandro, surpreendido por um fato de lobos no antigo caminho da Vila que atravessa o monte da Pena Cadeira.



Roberto Louzán mostrando os estragos causados polo lobo no seu rebanho de cabras do monte Castelo (Viascom). Ano 2017. Fonte: www.diariodepontevedra.es

La joven y el lobo

Quando se dirigió al Monte de Caspedreños (San Jorge de Sacos) en busca del ganado de sus padres, que allí apacentaba, la joven de 17 años Amelia Barreiro López, encontróse con un lobo, que le hizo frente intentando arrojarle sobre ella. Esta, con gran serenidad y arrojo, esgrimien- do una guadana que lleva- ba para cortar un poco to- jo, se defendió bravamen- te, logrando herir al feroz animal, persiguiéndole después, hasta conseguir darle muerte.

A volta do lobo nos anos da pós-Guerra refletiu-se na imprensa. Artigo de "El Compostelano" (18.11.1942).



O destemido *lubicam*, à diferença do lobo, não foge da presença humana. A Cavadosa (Caroi).



O ouríço-cacho é encerrado nas cortes e adegas para caçar os ratos. Fonte: Ana Casal Moreira (Almufrei). Ano 2020.



Os cans acabam por tuminar sobre os ouríço-cachos depois de terem brincado demoradamente com eles.



O raposo recebe também os alegóricos nomes de *piña-galinhas* e *abade*.



Os morcegos introduzem-se pelas frestas dos *canastros* para comerm o grão do milho. A Fonte Nova (Almofrei).



Morcego aprenado na paróquia de Loureiro. Fonte: Manuel Anxo Méndez Facebook Cotobade (Pontevedra).



As *raçalirias*, pequenos ratos fofinhos vistos no mês de Santiago durante as regadas da erva.



Os rapazes eram os encarregados de percorrerem as aldeias arrecadando o *aguinaldo* correspondente pola morte dum raposo.

Com'um morcego. Inquieta/o, nervosa/o, especialmente dito de criança. Ex: *De rapaza era com'um morcego, nom parava um minuto.*

Parecer (alguém) **um morcego.** [Lou1-Fraguas MPG] Diz-se de quem tropeça muito.

LITERATURA ORAL

-Morcego, mocegom, baixa à terra lambom. Caro1. Fórmula. Repete-se enquanto se tenta intercetar o seu voo com um ramalho.

-Por aí meta o morcego o bico, a pega o pico, o boi o galho, o burgo o vergalho, e o meu carallo. Alm1 Rima (Casal 2014). Diz quem larga uma ventosidade.

Ouríço-cacho (*Erinaceus europaeus*) ouríço-cacheiro.

Manífero da ordem dos insetíboros, com o dorso coberto de espinhos, que a miúdo é introduzido nas construções humanas para as desratizar.

ouríço-cacho /óð/ m. = Geral na Terra de Cotobade // Aziveiro (Cotinho), Baiste-Couso (7 lugares), Duas Igrejas (Quintelas), Cerdedo (Lourido), Figueiroa (Vilar), Forcarei (Ponte), Fragas (Gargalhons), Jeve (Fragoso), Mourente (Cons), Parada (Porta Várzea), Pedre, || **euriço-cacho** /ès/ m. = Lêrez (Outeiro).

porco-espinho /ó/ m. = Agu3, Alm1, Jor1, Sac2 // Figueiroa (Vilar), Parada (Porta Várzea), Pedre. • Nota: Sinónimo pouco freq. de *ouríço-cacho*.

Agu3 (M. 77, 2005) *O ouríço-cacho é o único bicho que, sendo bravo, el nom escapa ó ver um peligro, porque nom dá corrido moito; el o que fai é umha pelota e deixa-se quedar ali co'a cara e mai-los-pés encartador'dentro do corpo; bota assi o tempo que faga falta hasta que já lhe parece que pode marchar tranquilo.*

Agu5 (H. 77, 2003) *A mim fam-se-me paveros, têm carinha de bós, pero ser som-che porcos: cheiram ó burralhallo e comem o primeiro que topam; eu dumha vez encontrei um qu'estava a comer num conexo morto, que nom se parava ali c'o fedor(e).*

Alm1 (M. 80, 2010) *Aqui pola nosso ressidio inda aparece algum –e mira qu'está cerrado de muro todo à volta. Antes encerravam-se dentro da bodega pa que pilharam ratos; pero cagavam por ali e alguns escarvavam buratos, e já ultimamente máir'bem se soltavam pola cortinha ou na veiga das patacas.*

Boz2 (M. 79, 1999) *Os ouríço-cacho'som o melhor juguete que lhe pôder'dar a um cam, derfrutam mais que c'os cõenlhos; nada que topam um –claro, o bicho fai bola– já empeçam a querer aboca-lo, pero nada, picam o fucinho; e venha a dar-lhe voltas co'as patas –vira p'acá, vira palá–, brincam co'êler'milhor que c'umha pelota; e se cadra cansam-se e deitam-s'um pouco pero nom lhe tiram o olho; pero o ouríço nom ténhar'medo que desengrunhe, sólo abre se passa moito tempo ou se lhe mejam po'riba; pero nim assi lhe dam botado o dente, porqu'a parte dos picotos tamém che têm boas unhas e bór'dentes.*

Carol (H. 75, 1998) *O rapazes gustava-nos enredar co'eles, e esso que cheiravam qu'apetrenavam; cheiram tanto que os cás logo lhe topam o rasto, pero tamém logo o aborrecem e deixam de segui-lo. || A grassa deles seica é macanuda pa dar fregas contra a reuma.*

Carv1 (M. 76, 1999) *Aqui na carretera que vai a Paranhos ó vi-lo-bô tempo aquilo é um escalço, nom hai semana que nom apareçam dous ou três ouríço-cachos emagados polos coches; e algum vê-se que som crias, pero óutor'som-vor'grandes coma balons de fibol; moito devem de criar êsser'bichos, si nom tinha qu'ir'boa a raça deles.*

Carv1 (H. 85, 2014) *O ouríço-cacho diziam qu'era o que lhe pegava os carrachos ós cans, por esso era melhor apartarlhos cando se botavam a um.*

Jor1 (M. 68, 1999) *Andavam moito polas pouleiras, andavam de noite e à manhá apareciam umha chea de carreirinhos'd'erva deitada, sobre todo por alá abaixo pola Costariça, qu'eram prados com maceiras e pereiras.*

Jor3 (H. 76, 2000) *O raposo cando topa um –esto contou-mo a mim quen'o mirou–, pô fazer desemoscar vira-o com moito tino, vira-o de pança pa riba e co'a mirma empeça a mejar-lhe; e claro, o animalinho pa nom morrer afogado abre o ouríço e aí é cando o raposo o aboca pola barriga.*

Lou2 (H. 85, 1998) *Nom se matavam, nom ó –nim antes nim agora–, porqu'o ouríço-cacho caça moito'ratos, tanto ou melhor c'um gato; espeta-os nesses picotos que tem(he), que clavam como agulhas. A gente cando topava um, por de lado da casa, metia-o numha corte pa que lhe desingava de ratos.*

Reb1 (M. 71, 2002) *Esso si mo contam eu n'ó creio, pero mirei-no eu com estes olhos; foi ai numha veiga nossa que che chamam a Costa de Baixo; pois fim á tardinha segar um feixe d'erva pa lhe dar á'vacas e ó chegar ali vejo um ouríço-cacho ó pé dumha maceira de tabardilhas e deitava-se de costas po'riba dar'maçans qu'estavam no cham para espetá-lar'nos picos que tem polo lombo; e despois contei-lho a moita gente e no'mo criam, pero um de Paços dixome que si que tinham esse cosnumbre de carregá-la-fruta ó lombo.*

Tan4 (M. 68, 2004) *Aqui topavam-se moitos a nadar pola nossa presa –caíam nela e naigum sitio nom lh'era facil salir pa fora. Si um cam empeçava a ladar c'o cabeça agachada na presa, já era porque topava um desses porco-espinhos.*

Vall (H. 87, 1998) *Derde que vinhêrom os coches esse nom queda um; aqui todo-los anos se miram atropelhados polas carreteras; andam de noite e ó atravessarem quedam cegados pólor'focos.*

Via2 (H. 74, 2001) *Eu indo no coche de noite tenho visto cruzar umha nai c'umha chea de filhos arrár'dela –todos assi em ringleira–, umha cousa dina de ver(e). || O rapáz'er'daquela se topavavamos um porco-espinho já faziamos umha festa, passavamo-lo dia a enredar co'el; se cadra punhamo-lo dentro dum culeiro e deixavamo-lo um par de dias hasta*

Rebl (M.83, 2003) *Essa Casa –boeno, o que queda dela– está-che no qu'era o caminho velho pa Famelga, ali pa riba da Redonda [antiga Casa do Povo]; eu já nom acordo a vivir ali niguém(he). Daquela contavam ar'velhas, contavam umha chea de cousas, e o rapazes tinhamor' medo de passar por ali; pero ô mirmo tempo raveavamos por saber s'aquele todo era certo. Se cadra umha contava algo e outra já lh'inventava outro tanto, e metá das cousas eram todo lérias pa tirar por nós –daquela eramos inorontinhos' de todo. [?] Pôir' falavam si, falavam de qu'ali dentro daquelas paredes que s'escoitava como gente a falar(e), e qu'eram as alminhar'dar'velhas qu'ali viviram; seica si, que lhe tinham moito carinho a aquel lugar e por isso apareciam ali á noite a rezá-lo-rosário; morreram com aquel pesar de deixar aquilo todo abandonado; foi a primeira casa da paróquia que quedou sim gente. Pero despois tamém que.... que nom era gente, qu'ali o que se via era um bicho grande ou umha peste negra, umha cousa do demo, que se metia ali a durmir(e). Nós estávamos aqui na casa e nada que se sentira um berro, um chio, ou calquera ruído raro, já diziam qu'era da fiera essa qu'acuvilhava na casa da Portela. Cando iamos pra Cachada eu já me queria vir com dia pa casa, já lhe papeava a passar por ali. Dumiha vez meteu-se dentro um pavoro e botou-s'a gemer(e) –aquele parecia qu'estavam a matar num rapazinho– e nór'demo-la-volta no caminho e tiramos pô Sam Blas a canto nór'davam as pernas. || Umha vezinha nossa era a que via todo isso, era moi boa mulher(e) –Dió-la-descanse!–, pero ela via todo, via a'senhas todas, via as companhas e o demo do inferno.*

A Bichocha (ofídio gigante que habita as águas do rio do Seixo).

Enigmática cobra de costumes aquáticos que guarda do tesouro oculto no poço Sangüento, uma das principais funduras do rio do Seixo, situada 1,3 km a jusante da aldeia da Cavadosa (Caró).

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

Cerdedo - *A serpe Bichoca. Espécime da criptofauna de Cerdedo.* Non posuímos unha descrición polo mítido do réptil acuático coñecido vulgarmente pola Bichoca. Apenas, nestes últimos anos, unha ducia de informantes souberon ou quixeron achegarlle luz ao enigma. || Dos que deron razón, tres afirman tela visto "cos seus propios ollos", os máis din (ou din que din) que non é conto e que ten a conca do Léz en por súa. Os que certifican o seu avistamento non son troiteiros –o que é unha garantía. Todas tres testemuñas coinciden en que as súas extraordinarias dimensións elevarían o animal á categoría de monstro. || Xuntos todos os datos, deducimos que a esquiua Bichoca é un ofidio de hábitat fluvial, aínda que de costumes anfíbios. Os informantes non se avenían á hora de determinar se existiu (ou existe) un só exemplar –daquela, perdurábel–, ou unha manda deles. || Os que dan por bo o censo de varios espécimes argüen a evidencia do costeiro (capricho erosivo?), visíbel baixo as augas do pozo da Torre, na fondeira de Arén (detalle que corroboramos), vestixio fósil, seica, dunha Bichoca extinta. Estes reforzan a súa tese explicando que as marmitas de xigante talladas no leito rochoso do piago son obra do cobreguear da serpe, causante ademais do temíbel redomuiño (ou ola). || A Bichoca foi, que se saiba, enxergada en tres relanzos do curso fluvial: o pozo Sangoento, no río do Seixo, o pozo dos Angueiros, no Léz, e o citado pozo da Torre, no río do Castro. || Sorprendidos na tona da auga, estes exemplares de imprecisa cor verde escura acadaban na súa sección intermedia un diámetro semellante "ao do eixo do carro". Apreciouse que, de cabo a rabo, o lombo da criatura se adobia cunha crista vermella, como de galiña, máis prominente na cabeza. Algún mitólogo observaría nesta característica unha afinidade xenética cos basiliscos. || Din que, como as baleas, así que atinxe a superficie, fúnga, expulsando polas ventas unha sonora bafareira. O seu ollar é penetrante e hipnótico, como así o asevera esta adiviña: "Unha señora deitada nun prado, vestida de pano labrado, nin era pano, nin era seda, e o que a ve pasmado queda". || Insistindo no tamaño, as testemuñas non ben saben estimar a lonxitude da serpe (cecais, uns 10 m.), xa que nunca se ollou toda ao cumprido fóra do seu elemento. Porén, sospéitase que, de cando en cando, o leviatán se estrica á raxeira nas leiras ribeiras ou se enrola nos ameneiros, obrando a muda da camisa. Sábese dun arteiro que, cos retallos da pelica, amañou un fol para a mestura. No cotexo con outros bestiarios mitolóxicos, son rechamantes as similitudes co ser nomeado carbunco. Xoán X. Teixeira Rei ("Serres galegos das augas", 2002) achega unha descrición: "Son uns animais fabulosos que aparecen de cando en vez aboiaando entre as augas das cidades ou puzos asolagados (...) Estes carbuncos semellan, pois, vencellados ás serpes das augas doces, ou aos galos serpes europeos que posúen unha ollada extraordinaria, coruscante e de lume. Algúns botan luz ou lume polas pedras que posúen nalgunha parte da súa cabeza onde reside o poder senlleiro do animal". || A Bichoca é, basilamente, piscívora, manténdose a base de troitas, anguias ou salmóns (suponse que non estoxará ras, lontras e auganeiros), mais, nalgunha anada ruin, adoece pola fame, puido xaora acometer no gando, aproveitando o seu desprevido abeberar. Hai mesmo quen lle apón a non esclarecida desaparición dalgún paisano, emboscado pola becha, cando a bota da auga ou a quenda do muiño. || Postos a fixar a súa taxonomía, coidamos acaída a científica denominación de *Eumectes lerezensis*, xa pola crer emparentada coas anacondas (*Eumectes murinus*), coloso endémico dos matos ecuatoriais, xa por reinar na bacía do Léz. Contan que un veciño de Abelaíndo, bo nadador e mozo destemido, bateu no fondo do pozo Sangoento co niño do réptil, aquelado con xógaras e coñios. O mergullador tomou á superficie cun dos ovos (dato que confirmaría a remuda da especie). O amarelento endego presentaba unhas dimensións semellantes á posta do avestruz. Xa na casa, fixo con el unha tortilla. O xantar provocoulle tal anoxo que, ao pouco, pereceu de inanición, pois o estómag non lle toleraba compango ningún. Na aldeia da Cavadosa recollín que no dito pozo Sangoento, a Bichoca vela un lampexante tesouro, composto pola ferraxe dun carro do país mais un arado e unha grade (todo de áureo metal). Nunha fatídica manobra, a parella de bois que empurraba a carga brandeou de mans, emborcou e, a tombos, precipitouse polo cavorco de Costoa abaixo. Dende aquelas, a riqueza fica sepultada na sima do goio. || En Meilide, até hai pouco, tiñase por costume facerlles fumazos ás bichocas. Medida precautoria de amplo espectro, posto que neutraliza a influencia de toda sorte de cóbregas. O aldeán, no soarego da primavera, dispuña nalgunha



O paxaro-da-morte nom ch' é moucho nim curuja, é um bicho grande e redondo -com' um pote da lareira- e tem cabeça d'ovelha.



O prolífico emógrafo cerdedense Carlos Solla recolheu na Cavadosa as estórias da Bichoca, uma gigantesca serpente aquática que guarda do tesouro oculto no poço Sangüento.



Nas arruinar' da casa da Portela via-s' um bicho grande ou umha peste negra, umha cousa do demo que se metia ali a durmir(e).



O noso folclorista Antonio Fraguas define os soados *biobardos* como formosos passeros de doces cantos que despertam a cobiça nas criáncias mais inocentes.



Nessa poça da Feixa havia um peixe qu' era tam grande como a cabeçalha dum carro, por isso lhe pugérom o Cabeçalhas.



Antonio Fraguas fala-nos também da misteriosa Raposa de Morraço, uma alma em pena convertida en animal que quando ouvea bota lume pola boca,



O Cocom era com' um bicho que comia o rapazes que nom eram bós.



Havia cázor' de gente que se conformavam em lobos, eram homes ós que lhe botavam umha mala fada -um meigallo, logo!

pifatoria s.f. Viveiro para criação de trutas e outros peixes fluviais. Ex: *Cando foi das óbrar'da pifatoria levaram-nos umha veiga moi boa que lhe chamavam a Cerdeirinha.*
posta /ô/ s.f. Pedaco de peixe, esp. cada uma das porções em que o bacalhau salgado é retalhado para o cozer. Ex: *As póstar'moi grãnder'nom dam cozido.* Ver *toro*.
torar v. Cortar ou partir em *toros* (cilindros), esp. troncos e peixes grandes. Ex: *A pescada já a comprei torada.*
torelho /ê/ s.m. [Jor1] Pequeno *toro* (rodela de peixe). Ex: *Bota-m'esse torelho de cavala.*
toro /ô/ s.m. Rodela de peixe pronta para ser cozinhada ou consumida. Ex: *A pescada pica-ma em rôror'gordos qu'ê pa cozer(e).* Ver *posta*, *torelho* e *torar*.
zancada, do adj. [Jor2, Tan3] Diz-se do peixe exausto que se deixa arrastar pela corrente do rio, esp. o salmão e a lampreia após a desova. Ex: *O salmom zancado já nom valia pa comer(e).*

LÉXICO E LOCUÇÕES RELATIVOS ÀS AVES

agoiro /ô/ s.m. Presságio de acontecimento sinistro e/ou funesto; agouro. Ex: *O moucho diziam qu'era o paxaro dos agoiros.* LOC. *Ave do agoiro.* [Jor1] Sinónimo pouco freq. de *'ave da morte'* (rapace noturna de canto arrepiante).
almiscre s.m. [Cor1] Substância de penetrante odor, exalada por uma glândula que possuem os machos de alguns mamíferos; almiscar. Ex: *A alegária dis-que tinha almiscre.*
aninhada, do adj. Introduzida no ninho. Ex: *A paloma bota moito tempo aninhada.*
aninhar v. Fazer *ninho*; nidificar. Ex: *As andurinhas aninham todo-los-ânor'na trabe do nozso cuberto.* Ver *desaninhar* e *ninho*.
apatunhar v. [Alm1, Carv1, Jor1, Lou2] Encolherem as pernas os animais bipedes, baixando o corpo a terra. Ex: *As perdizes tam pronto como ventam o cam, apatunham.*..
apear v. Sinónimo menos freq. de *pousar* (deter o vôo descendo sobre qualquer superfície). Ex: *Se os pàrvor'voassem, esse nom apeava mais.*
apeteirada, do adj. Ver *peteirada*.
arroivada, do adj. [Alm1, Reb1] Variante menos freq. de *arruviada* (avermelhada). Ex: *A chasca é arroivada polo peito.*
arruviada, do adj. De cor tirante ao vermelho. Ex: *O do cu arruviado é o pito-rei.* Ver *arroivada*, *azrejada*, *loira* e *rivíta*.
aspaventar v. [Carv3] Sinónimo de *escorrentar* (enxotar), esp. quando se faz abanando os braços; espaventar. Ex: *Tinhamos qu'ir aspaventá-lor-bândor'de perdizes que pousavam nar'vêigar'do centeo.*
assubiar v. Emitir som agudo; assobiar. Ex: *O rei-senhor assubia que mete medo.*
averdojada, do adj. Ver *averdojada*.
averdojada, do adj. [Agu1, Reb1] Que é de uma cor tendente ao verde. VAR. *averdujada* [Alm1, Carv3]; *averdogada* [Caro1]. Ex: *Pero havia outro peto de color averdojada.*
averdujada, do adj. Ver *averdojada*.
avinhada, do adj. Tirante à cor do vinho tinto; roxa/o. Ex: *O pato-do-rio é avinhado pola cabeça.*
axocar v. Ver *axotar*.
axotar v. [Cor1, Jor1, Sac1, Tan3] Sinónimo de *escorrentar* (enxotar), esp. usado para as aves. VAR. *avocar* [Tan.-Rivas 1988]. Ex: *Nom se dam axotado ar'moscas.* Ver *aspaventar*.
bailar v. Sustentar-se imóvel no ar agitando as asas. Ex: *A ave-de-rapinha tamém por vezes bailava no aire.* Ver *penetrar*.
bicada s.f. Alimento que a ave carrega no bico. Ex: *Já estão or'gorrions a criar(e), que se miram andar co'a bicada.*
cagarruta s.f. Excremento próprio de ave, de tamanho pequeno e consistência líquida. Ex: *A paloma é um bicho moi porco, deixa todo cheo de cagarrutas.* Ver *cgallheta*.
cantadela /ê/ s.f. Sinónimo menos freq. de *cantar* (canto). Ex: *A cantadela do merlo venta chivíva.*
cantar s.m. Canto. Ex: *O reissenhor o único que tem bonito é o cantar(e).* Ver *cantadela*.
cantadeira, ra /ê/ adj. Que gosta ou tem o costume de cantar. Ex: *O xilgaro dis-qu'ê o paxaro mais cantadeiro.*
carraca s.f. [Caro1] O mesmo que *tarabela* (aparelho para enxotar aves). Ex: *No mêr'd'agosto já se lha pom a carraca ô milho.*
chocar v. Incubar os ovos. Ex: *Fum-lh'ensenhá-lo-ninho de pipim i estava ali a nai a chocar(e).*
coroa /ô/ s.f.[Caro2] Penacho no alto de cabeça de algumas aves. Ex: *A bubela tem umha coroa bonita.* Ver *crista*.
crista s.f. Excrecência carnosa ou penacho de plumas, no alto da cabeça de certas aves. Ex: *Algimhar' maceitrinhas têm algo de crista.* Ver *coroa* e *encristada*.
desaninhada, do adj. Diz-se do passarinho ou ovo, caído ou posto fora do ninho. Ex: *Topamos um merlinho desaninhado.*
desaninhar v. Abandonar o *ninho*, esp. as aves. Ex: *As andurinha'já desaninham nos primêivor'do mêr'de Sam Juám.*
encarnada, do adj. Sinónimo menos freq. de *rivíta* (vermelha). Ex: *Chama-se papo-rívio porque tem o peito encarnado.*
encristada, do adj. 1. Que exhibe *crista*. Ex: *A laverca tamém é algo encristada.* 2. [Sac3-Meixueiro] Presumida, esp. quando denota arrogância. Ex: *Nom se pode ser mais encristada; Vê-lo aí o vai todo encristado.*
escaravelhar v. Escarvar, furar ou remexer com a ajuda do bico. Ex: *O melro anda a escaravelhar à precura de minhocas.*
espantalho s.m. 1. Boneco ou qualquer outro chamariz colocado nas plantios para repelir as aves daninhas. Ex: *A roupa velha eu gardo-a toda pa espantalhoz.* Ver *tarabela*. 2. Pessoa de pouca vontade ou disposição, esp. aquela que não faz mais que estorvar. Ex: *Fuge daí, espantalho! Ver etoa, estopor e parmom.* 3. Pessoa mal vestida, esp. aquela que não combina bem a roupa. Ex: *O espantalho da Rosa sempre tem que destacar no médio da gente.*
espenujada, do adj. [Tan3] Aplica-se à ave que não tem ou perdeu parte das suas penas; desemplumado. Ex: *Topamos um paxarinho espenujado que caíra do ninho.* Ver *esplumar* e *penuje*.

esplumar v. Arrancar as penas das aves, esp. quando se faz a seco. Ex: *O raposo matou-nos umha galinha e esplumou-nos óutrar'duas.* Obs: Quando se faz com ajuda de água quente diz-se mais *pelar*. Ver *espenujada*.
galhada, do adj. Bifurcada em forma de 'U' ou 'V'. Ex: *A andurinha tem o rabo galhado.*
ninhada s.f. Conjunto dos ovos ou passarinhos jacentes num ninho. Ex: *Topamos antr'a'silvas umhá ninhada de catro merlinhos.*
ninho s.m. Estrutura feita pelas aves para a incubação e criação dos filhotes. Ex: *O carriço é o único paxaro que fai o ninho redondo.* Ver *aninhar*, *desaninhar* e *ninhada*. LOC. *O tempo dor'ninhos.* Nomeadamente os meses de abril e maio. Ex: *Polo tempo dor'ninhos era cando mãir'gata se fazia.* FRAS. *Andar/ir ôr'ninhos.* Afanar-se (esp. crianças) na procura de ovos ou crias de pássaro. // *Fazê-lo-ninho* (alguém). Metaforicamente, formar família. // *O cai-la-folha vem-s'or'ninhos.* Diz-se para indicar que os segredos nunca são eternos. // *Pô-los-ovos em ninho alheo.* [Lou.-Vidal 1998] Ter um homem filhos naturais de mulher casada. // *O milhor ninho fai-se na pior póla.* [Cor1] Diz-se para revelar a utilidade de algo/alguém, à partida mau. // *Ser* (uma forma de vida) *um bô ninho*. Ser muito vantajosa. Ex: *O trabalho do untamiento era-ch'um bô ninho.*
"palada" s.f. [Carv3] Agitação intermitente das asas que confere ao voo de algumas aves uma trajetória ondulante. Ex: *Os pito-rêir'voam às paladas.*
papo s.m. 1. Bolsa membranosa do pescoço das aves; bucho. Ex: *A cantilonga garda as tróitar'no papo.* RAS. *Cantar-lhe no papo* (um benefício a alguém). Antecipar-se a ele com entusiasmo. Ex: *Já lhe cantava a moto no papo e na última hora os pais acordárom.* 2. Peito das aves. Ex: *A chasca tem o papo encarnado.*
pardear v. [Jor1] Voar vagarosamente; pairar. Ex: *Cando se via pardeá-lo-gavilâm havia qu'ir gardá-los-pitos.*
paspalhear v. [Sac3-Meixueiro] Emitir canto trissilábico o *paspalhás* macho e outras aves. Ex: *Sentiamos paspalhear no médio do milho i era umha bubela.*
paxara s.f. Sinónimo jocoso de *cona* (vulva). Ex: *Que vata ranha-la-paxara.* Obs: É menos freq. a variante *paxaro*.
paxarada s.f. O conjunto dos *paxaros* (pássaros). Ex: *Agora a paxarada nom deixa umha treíja.*
paxarinho s.m. Filhote de pássaro selvagem, esp. quando jacente no ninho. Ex: *A carriça cria sempre seis paxarinhos.* Ver *pichom* e *pito*.
paxaro s.m. 1. Pássaro e ave. Ex: *O espantalho fai-che-lha fresca ôs paxaros;* *A ave é um paxaro grande que se nom bota ôs pitos como o gavilâm.* LOC. *Milho dos paxaros.* O sementado nas primeiras araduras do mês de abril. // *Paxaro da morte.* Sinónimo menos freq. de *'ave da morte'* (rapace noturna de canto arrepiante). // *Paxaro sim ninho.* Pessoa sem família. Ex: *Um home solteiro ô lhe morrerem os pais é um paxaro sim ninho.* 2. Ver *paxara*.
pedrés, sa adj. Que é sarapintado de pequenas manchas claras e escuras. Ex: *O paspalhás é tirando a pedrés.*
pega, go /ê/ adj. Que apresenta na sua superfície mescla de cores branca e negra. Ex: *As espiga'resteveiras podiam ser negras ou pegas.* Obs: Para os animais é mais usado *pinta o.* Ver *pedrés* e *rajada*.
pejar v. [Alm2, Bor2, Carv1] Cortar a ponta das asas de uma ave para impedir que voe. Ex: *O corvo pejou-no pra que lhe nom escapara.*
peneirar v. Sinónimo menos freq. de *bailar* (sustentar-se as aves no ar agitando as aves num ponto fixo). Ex: *O lagarteiro conoce-se bem porque peneira no aire.*
penuge s.f. Primeira plumagem das aves, conformada por penas curtas e dondas; penugem. Ex: *Os paxarinhos cando estão co'a penuge é cando pegam a tinha.* Ver *espenujada*.
peteirada s.f. Ação ou efeito de *petear* (debicar). Ex: *O corvo meteu-lh'umha boa peteirada na mam.* Obs: É menos freq. a variante *piteirada*. Ver *petear*.
peteirada, do adj. [Lou1] Que foi em parte comido ou picado por uma ave; bicada/o. VAR. *apeteirada* [Jor1]. Ex: *Estám as peras todas peteiradar'dor'melos.*
petear v. Apanhar comida ou ferir com o bico (as aves); debicar. Ex: *Anda um bando de ferreirinhos a petear polo limoetro.* Obs: É menos freq. a variante *piteirar*.
petear v. Dar repetidas *peteiradas* (bicadas). Ex: *O peto é um paxaro moi bonito que peteírea no couce dos carvalhos.*
peteiruda, do adj. Que tem o *peteiro* (bico) grande. Ex: *A pega-marça é menos peteiruda qu'a rabilonga.*
piadela /ê/ s.f. Ato ou efeito de *piar* (dar pios). Ex: *Sentiamos umha piadela pero nom houvo maneira de certar c'o ninho.*
pichom s.m. Cria da pomba e outras aves e pássaros de tamanho grande. Ex: *O raposo levava um pichom de pega na boca.* Ver *paxarinho* e *pito*.
piocar v. [Sac3-Meixueiro] Mendigar ou solicitar persistentemente cousas dos demais. Ex: *Para já de piocar(e)!*
piteirada s.f. Ver *peteirada*.
piteiro /ê/ s.m. Ver *peteiro*.
pito s.m. Sinónimo pouco freq. de *paxarinho* ou *pichom* (cria de ave selvagem). Ex: *Topamos um ninho de gavilâm com catro pitor'dentro.*
pousadoiro /ô/ s.m. Atalaia frequentada por uma ave, esp. as de rapina. Ex: *Escoito toda-lar-noites um moucho que tem o pousadoiro neste pau da luz.*
pousar v. Deter o vôo descendo sobre qualquer superfície, esp. as aves. Ex: *Or'meus enxâmio' sempre pousam na póla do paxegueiro.* Ver *apear*.
rechouchear v. Trinar persistentemente. Ex: *O melro sólo rechoucha cando venta chivíva.*
rulear v. Emitirem o seu canto as aves columbiformes (pomba, pombo-torcaz e rola). Ex: *Rulea umha torcaza no fio da luz.*
voo /ô/ s.m. Ação ou efeito de voar. Ex: *A andurinha é o paxaro que tem o voo mãir'bonito de todos.*

LÉXICO E LOCUÇÕES CONCERNENTES AOS MAMÍFEROS

ANEXO II - TOPONÍMIA COTOBADENSE ALUSIVA À SUA FAUNA SILVESTRE:

A presente coleta é assaz cumprida no que atinge às áreas do território mais humanizadas (povoados, campos de cultura e todo o tipo terras privadas), mas resulta parca em zootopónimos localizados nos vastos baldios (montes comunais), zonas com maior presença deste tipo de nomes vinculados à fauna selvagem.

Os usos indicados correspondem com os da década de 1950.

FAUNA SILVESTRE

Invertebrados

- O *Cigaral* (Via1) *Costaneiras folgadas* ao sul da *Quintâm*, na orla esquerda do *Rio da Rocha*.
- O *Cigaral* (Tan1) Ilha de carvalhos ao SE. de *Lêrez*, entre os agros das *Choças* e do *Coto do Mouçom*.
- A *Formigueira* (Tan1) Parcela arvorada justo ao nascente do *bairro da Costa*.
- A *Formigueira* (Tan3) Pequenos agros ao poente da *Casa Telhada*, entre os do *Cano* e a *Vassada*.
- O *Grilo* (Agu5) *Pouleira* ladeirante ao SO. de *Carrigãs*, sobre a margem esquerda do *Regueiro do Cabeirinho*.
- A *Moscosa* (Bor3) Pobres agros e algum matagal ao NO. da *Rega*, na marg. esq. do rio *Almofrei*.
- A *Moscoxa* (Agu5) Uma velha vivenda isolada, a mais ao sul do lugar do *Peso* e sob a estrada a *Seixido*.
- O *Mosqueiro* (Cor2) Aradas e algum arvoredado ao SO. do *Meixueiro*, já perto do *Rgº dos Pombinhos*.
- Os *Mosqueiros* (Via2) Zona do baldio a SE. de *Cabanelas*, justo na raia com o monte de *Paranhos*.
- A *Casa de Mosquera* (Carv1) A vivenda mais oriental do *bairro de Paços*.
- O *Coto da Fonte Mosquera* (Caro1) Outeiro no baldio N. de *Medelo*, justo na estrema com *Cerdedo*.
- Os *Côtor Mosqueiros* (Carv2) Cerro no baldio SO. de *Paranhos*, ao O. da antiga lixeira municipal.
- A *Fonte Moscosa* (Bor2) Arvoredos, tojais e *gesteiras* a S. da *Granha*, sob o baldio do *Campo dos Toros*.
- A *Fonte Moscosa* (Jor2) Chousa de prado ao NE. da *Atalaia*, já no baldio de *Cutiâm*.
- A *Laja Moscosa* (Presqueiras) Afloramento rochoso nos altos do *Monte do Seixo*, ao L. da *Cavadosa* e dentro do cerrado conhecido como o *Pastizal*. Na *Cima da Vila* (Caro3) é chamada a *Laja Mosqueira*.
- O *Regueiro da Fonte Moscosa* (Jor2) Torrente ao N. da *Atalaia*, no lindeiro baldio dos vizinhos de *Cutiâm*.
- A *Poa dar Nespras* (Sac3) Fundura do rio *Lêrez* justo a montante da *Fábrica da Luz de Dorna*.
- A *Piolha* (Jor2) Núcleo de duas casas, as mais ocidentais do *bairro do Casal*.
- A *Fonte dos Piolhos* (Carv2) Outeiro do *bairro do Souto*, justo ao N. do *Cruzeiro do Estradinho*.
- A *Ramiscas* (Caro3) Baldio a N. da capela da *Srª Martinha do Seixo*, na orla esq. do *Rgº da Casa da Neve*.

Moluscos

- A *Fonte dor Berbirichos* (Caro1) Manancial ao sul da Laja, ao pé do caminho que se dirige à *Corredoira*.
- A *Casa dor Marisqueiros* (Alm1) Uma das vivendas mais baixas do *bairro* do Outeiro Redondo.

Peixes

- A *Casa de Troitinho* (Reb1) Uma das vivendas mais setentrionais do *bairro* do *Quinteiro de Riba*.
- O *Rego da Troita* (Tan1) Modesto tributário do rio *Lêrez* que corre ao S. do casario de *Covas*.

Répteis e anfíbios

- A *Costa da Cobra* (Alm1) Pedregoso baldio que estrema com o comunal da freguesia de *Borela*.
- A *Fonte da Cobra* (Sac3) Parcela de monte a N. do *Cádavo*, no baldio da *Avelera* e atravessada pela N-541.
- O "*Culebreiro*" (Jor4) Diminutas e ladeirantes *folgadas* a poente do *Casal*, já bem perto do *Rio dos Calvos*.
- A *Lagarta* (Jor1) Lavradinha ao N. da *Longa de Baixo*, entre a estrada Po-231 e os amplos agros do *Val*.
- A *Lagartas* (Bor1) Hortas muradas ao sul do *bairro da Senra* e sobre a ribeira direita do *Rio Pequeno*.
- A *Lagarteira* (Jor1) Estreitas lavradas entre os atuais centros de ensino primário e secundário de *Tamoiro*.
- O *Lagarto* (Via2) Parcelas de monte raso e arvorado a SE. do *Redondo*, adentrando-se no baldio do *Castelo*.
- A *Fonte do Lagarto* (Tan3) Manancial a SE. do *Quinteiro d'Arriba* e ao pé do antigo caminho a *Tamoiro*.
- A *Fonte da Rans* (Lou1) Nascente do *Rgº da Candeira*, justo na raia entre os baldios de *Insuela* e *Fameiga*.
- A *Rigueira da Rans* (Reb1) Regato intermitente no baldio SO. da freguesia.
- A *Fonte do Sapo* (Caro2) Olheiro do lugar da *Cavadosa*; sem localizar.
- A *Cova da Serpe* (Carv1) Depressão no baldio a NE. da *Cuqueira*, entre o *Coto dos Calvos* e da *Rabadeira*.

Aves

- A *Pena d'Aiga* (Caro2) Rochedo no alto dum cerro do baldio NE. da *Cavadosa*, anexo ao *Outeiro dar Lagoas*.
- A *Cham d'Andurinha* (Agu3) Planície nos altos do monte da *Pé da Mui* ao poente do *bairro da Pena*.
- A *Cham da Andurinha* (Cor1) No baldio a NE. do *Casal*; campina onde abrolha o *Regueiro dos Portinhos*.
- As *Corvas* (Pedre) Zona do baldio na ladeira norte do *Outeiro do Raposo*, perto da estrema com a *Corredoira*.
- O *Campo das Corvas* (Via1) Baldio do monte *Castelo* ao SE. de *Malho*, sobre a atual estrada ao *Redondo*.
- O *Coto das Curvaceiras* (Caro4) Cerro ao nascente do lugar de *Fráguas*, sobre a marg. dir. do rio *Barbeira*.
- O *Coto do Corvo* (Lou1) Outeiro anexo ao *coto da Pena Cadeira*, no baldio do lugar de *Insuela*.
- A *Fonte dos Corvos* (Caro1) Nascente da *Regueira dor Vidalos*, torrente que corre ao NE. de *Medelo*.
- O *Ninho do Corvo* (Caro1) Parcelas de monte ao NO. de *Medelo*, lindeiras com o baldio do *Coto do Roque*.
- O *Ninho do Corvo* (Sac3) Arvoredos e pobres agros ao NE. de *Dorna*, sobre as empinadas ribeiras do *Lêrez*.
- O *Outeiro da Corva* (Reb3) Montículo no baldio localizado ao NO. do casario do *Gandarom*.

- O *Outeiro do Corvo* (Tan3) Rochedo pendurado da ingreme ladeira NO. do *Coto das Rodelas*.
- O *Rigueiro dos Corvos* (Agu3) Afluente do *Rego de Chedas*, arroio entre os *bairros* do *Baraçal* e a *Covinha*.
- A *Laje do Cuco* (Jor1) Rocha com petrófilos no baldio localizado ao NE. do *bairro de Cernadelo*.
- O *Outeiro do Cuco* (Alm2) Parcelas de pinheiros e penedos a SO. do *bairro das Cachopeiras*, sobre Po-233.
- O *Outeiro do Cuco* (Caro3) Penhasco no baldio a S. das *Bouças*, sobre o cerrado das *veigas da Carvalheira*.
- O *Outeiro do Cuco* (Via1) Promontório rochoso ao poente de *Malho*, justo na raia com o baldio de *Parada*.
- O *Outeiro dor Gaios* (Reb1) Penedo no baldio ao nascente do *bairro do Agro*, bem perto da divisa com *Borela*.
- A *Casa dor do Gaio* (Caro1) Nome pejorativo de umas das vivendas do *bairro da Anta de Baixo*.
- Os *Curujás* (Sac3) Arvoredos e pobres aradas a S. da *Vranha*, na ladeira do *Coto Carvalhede* e sobre a N-541.
- A *Crujeira* (Tan1) Cunha de agros e arvoredos ao NE. de *Lêrez*, entre os campos de lavoura da *Lama* e o *Sobreiro*.
- A *Curujeira* (Val2) Lavradio murado justo ao S. do *bairro do Castinheiro* e por baixo do *Curro do Santo*.
- O *Outeiro da Garça* (Tan1) Penhasco isolado na marg. esq. do rio *Lêrez*, justo abaixo do actual *Istituto*.
- A *Gavianceiras* (Tan5) Agros justo ao poente do *bairro dos Palheiros* e sob a mole rochosa do *Solinho*.
- A *Regueira dor Melros* (Via1) Tributário do *Rio da Rocha* que corre pela divisa entre *Viascom* e *Tamoiro*.
- O *Moucho* (Carv1) Uma casa forte, a mas elevada do lugar da *Ilêsia*.
- A *Pedra do Moucho* (Jor3) Penedia ao NO. dos *Baraças*, no baldio do *Coto de Gondoriz*; boa pedra.
- A *Pena do Moucho* (Caro4) Rochedo no baldio ao poente de *Fáguas de Riba*; aos seus pés corre o *Regueiro do Moucho*, nome que recebe o trecho inicial do *Regueiro do Cham do Cabeiro*.
- O *Coto dos Paxareiros* (Carv2) Outeiro sem localizar no baldio do lugar de *Paranhos*.
- As *Paxareiras* (Tan1) Lavradores e pinhais ao S. do *Souto*, na ladeira leste do *Coto de Trá-lar-Mós*.
- A *Paxarinha Ric* (Tan1) Abrigados campos de cultura a nascente do *Castro*, na orla do *Rgº da Cachada*.
- A *Fonte das Perdizes* (Caro3) Olheiro nos altos do *Monte do Seixo*, nascentes do *Rgº do Areal*.
- A *Fonte das Perdizes* (Val2) Manancial no alto do *bairro da Carreira de Riba*.
- As *Perdizes* (Agu4) Leiras ao SO. do *Casal*, na orla esquerda do *Rigueiro do Casal*.
- A *Taberna de Perdiz* (Agu1) Tenda e baiúca justo à frente da *Alameda d'Água Santas*.
- O *Outeiro das Perdizes* (Caro3) Cerro ao leste da *Cima da Vila*, entre *dois regueiros*.
- O *Outeiro Perdigom* (Cor1) Penedo no baldio ao N. do *bairro do Casal*.
- Regueiro do Perdigom* (Cor.) Baldio consignado na Catastro de Ensenada.
- Su-a-Casa da Perdigona* (Caro3) Antigo pardieiro isolado ao sul do núcleo das *Bouças*.
- A *Rula* (Cor1) Pequenos prados ao nascente da *Anta de Riba*, na ribeira esquerda do *Regueiro do Val*.
- O *Coto da Rula* (Lou1) Cerro ao NO. do lugar do *Frade*, que se ergue às costas do cemitério paroquial.
- O *Coto da Rula* (Sac4) Outeiro no baldio ao SO. do lugar da *Civado* e ao pé da *Carvalheira de Lois*.

Mamíferos

- A *Coelhreira* (Val2) Pobres agros justo a NO. das *Roçadas*, sobre as lavradas da *Carvalheirinha*.
- A *Coelhrosa* (Val3) Isolado *bairro* de 7 viendas nas empinadas ribeiras do *Barbeira*; abandonado em 1925.
- A *Conlhosinha* (Tan5) Topónimo sem localizar nos arredores da *Rascaderia*.
- A *Coelhrosinha* (Caro4) *Veiguinhas* de carvalhos ao NO. dos *Belendes*, na marg. dir. do *R. Barbeira*.
- A *Fieras* (Tan4) Topónimo pejorativo aplicado ao *bairro* das *Chans*, o mais alto do lugar de *Vila Nova*.
- A *Fônter do Gato* (Tan2) Veigas arvoradas ao NO. do *Quinteiro d'Abaixo*, sobre os agros da *Castinheira*.
- O *Muinho do Gato Fero* (Reb1) Azenha ao nascente do *Sabugueiro*, na orla esquerda do rio *Almofrei*.
- A *Pena do Gato* (Caro4) Mole granítica sobre o *bairro da Pena*, no baldio da ribeira direita do rio *Barbeira*.
- O *Rego do Gato-Bravo* (Caro2) Torrente no baldio ao NE. da *Cavadosa*, o qual aflui no *Rego do Castro*.
- O *Souto do Gato* (Jor2) Carvalheiras e folgadas ao O. de *Mirom*, na empinada orla dir. do *Rgº do Batâm*.
- A *Lebres* (Bor2) Agras chãs ao S. do lugar da *Granha*, na margem direita do *Rio Pequeno*.
- O *Cano dor Leons* (Alm2) Pinhal murado a NO. das *Cachopeiras*, na abrigosa baleira ao pé do *Outeiro da Velha*.
- A *Lobas* (Agu5) A casa mais setentrional do lugar do *Peso*, situada na marg. esq. da estrada às *Choças*.
- A *Lobagueira* (Tan4) Agros e algum arvoredado ao SE. das *Chans*, justo na raia com *Almofrei*.
- A *Casa da Loba* (Reb1) Restos de paredes nas *veigas das Patelas*; já bem perto da estrema com *Loureiro*.
- A *Cova do Lobo* (Caro5) Pequena depressão no comunal ao SO. da *Bouça do Home*.
- A *Forca da Loba* (Cor1) Pobres aradas a NE. do *Casal de Baixo*, contíguos ao baldio das *Zacoteiras*.
- O *Coto dor Lobos* (Bor1) O mais abrupto dos outeiros que se ergue no baldio sul de *Borela*.
- O *Loboreiro* (Jor2) Aradas sobre uma chã a NO. do *Barral*, entre as do *Agro* e as dos *Carvalhinhos*.
- O *Ninho do Lobo* (Várzia) Zona do baldio nos altos do *Seixo*, não longe da divisa com *Caroí*.
- O *Outeiro do Lobo* (Fragas) Pequeno cerro ao NO. de *Cutiâm*, sobre a marg. esq. do rio *Lêrez*.
- O *Outeiro dor Lobos* (Bor1) ou *Coto dor Lobos*, o maior dos cerros do baldio sul da paróquia de *Borela*.
- A *Passage do Lobo* (Caro2) Chã no baldio ao NE. da *Cavadosa*, justo ao N. do *Castro Grande*.
- O *Outeiro Morcego* (Jor4) *Coto* no baldio NE. de *Fentâms*; abundante em petróglifos.
- A *Costa da Osa* (Tan3) Ladeirantes *folgadas* das ribeiras do *Lêrez*, ao SO. da *Casa Telhada*.
- A *Raposa* (Bor2) Aradas e alguns robles a SE. da *Granha*, entre o *Rio Pequeno* e o *Rgº da Escorregada*.
- A *Raposa* (Tan4) Pinhais e algum agro a nascente das *Poças*, na marg. S. da antiga vrea a *Carvalhede*.
- A *Raposeira* (Jor1) Empinadas *folgadinhas* com carvalhos a L. da *Longa de Baixo* e sobre a Po-231.

<i>pita-cega</i>	desig. comum gerídeos	inseto	285
<i>poie</i>	<i>Tadarodes sagittatus</i>	molusco	337
<i>potra</i>	<i>Ceutorhynchus pleurostigma</i>	inseto (larva)	285
<i>pulga</i>	desig. comum sifonápteros	inseto	286
<i>pulpo</i>	<i>Ocotpus vulgaris</i>	pulpo	337
<i>rabada</i>	<i>Lophius piscatorius</i>	peixe	329
<i>rabaliça</i>	<i>Dicentarchus labrax</i>	peixe	329
<i>raçalíria</i>	desig. comum sorídeos	mamífero	435
<i>raia</i>	desig. comum rajiformes	peixe	329
<i>ram</i>	desig. comum ranídeos	anfíbio	309
<i>ram-pequena</i>	<i>Rana iberica</i>	anfíbio	311
<i>ram-verde</i>	<i>Pelophylax perezi</i>	anfíbio	311
<i>ramisca</i>	desig. comum larvas tricóptero	inseto (larva)	286
<i>ranhote</i>	<i>Seylliorhinus stellaris</i>	peixe	329
<i>rapante</i>	<i>Lepidiorhombus bosci</i>	peixe	329
<i>raposa-de-morraço</i>	criptofauna	mamífero	455
<i>raposo</i>	<i>Vulpes vulpes</i>	mamífero	435
<i>rato</i>	desig. comum pequenos murídeos	mamífero	441
<i>rato-do-monte</i>	desig. comum pequenos murídeos silvestres	mamífero	444
<i>rato-rabilongo</i>	<i>Eliomys quercinus</i>	mamífero	444
<i>reissenhor</i>	<i>Luscinia megarhynchos</i>	ave	391
<i>reo</i>	<i>Salmo trutta trutta</i>	peixe	321
<i>riscadora</i>	<i>Emberiza cia</i>	ave	391
<i>rodavalho</i>	<i>Scophthalmus maximus</i>	peixe	329
<i>nula-de-fora</i>	<i>Streptopelia decaocto</i>	ave	392
<i>nula-do-pais</i>	<i>Streptopelia turtur</i>	ave	392
<i>sabandija</i>	<i>Salamandra salamandra</i>	anfíbio	312
<i>sable</i>	<i>Lepidopus caudatus</i>	peixe	329
<i>salmom</i>	<i>Salmo salar</i>	peixe	321
<i>saltom</i>	desig. comum caelíferos	inseto	287
<i>sam-martinho</i>	<i>Zeus faber</i>	peixe	329
<i>sanigüela</i>	desig. comum hirudíneos	verme	287
<i>sapo</i>	desig. comum anuros pele rugosa	anfíbio	313
<i>sapo-cuncho</i>	<i>Emys orbicularis</i>	réptil	316
<i>sardinha / xouba</i> (2 tamanhos)	<i>Sardina pilchardus</i>	peixe	329
<i>sarne</i>	desig. comum ácaros sarcoptídeos	arácnido	289
<i>saurininho</i>	desig. comum esturnídeos	ave	393
<i>solha</i>	<i>Platichthys flesus</i>	peixe	329
<i>suvelinha</i>	<i>Certhia brachydactyla</i>	ave	394
<i>tavám</i>	desig. comum tabanídeos	inseto	290
<i>teixugo</i>	<i>Meles meles</i>	mamífero	445
<i>torcaça</i>	<i>Columba palumbus</i>	ave	394
<i>tordo</i>	desig. comum turdídeos	ave	396
<i>toupeira</i>	<i>Talpa occidentalis</i>	mamífero	446
<i>trilha</i>	desig. comum larvas tinédeos	inseto (larva)	290
<i>troita</i>	<i>Salmo trutta trutta fario</i>	peixe	323
<i>troita-bical</i>	<i>Salmo trutta fario</i> (macho velho)	peixe	326
<i>troita-sapa</i>	<i>Salmo trutta fario</i> (fêmeia velha)	peixe	326
<i>vaca-loura / boi-louro</i> (fêmeia / macho)	<i>Lucanus cervus</i>	inseto	291
<i>varroa</i>	<i>Jacobsoni oudemans</i>	arácnido	292
<i>vencelho</i>	<i>Apus apus</i>	ave	397
<i>verderolo</i>	<i>Chloris chloris</i>	ave	398
<i>vérrago</i>	desig. comum hipodermias	inseto (larva)	292
<i>víbora</i>	<i>Vipera seoanei seoanei</i>	réptil	316
<i>viche-lo-crego</i>	<i>Oriolus oriolus</i>	ave	398
<i>vietra</i>	<i>Pecten maximus</i>	molusco	337
<i>visom</i>	<i>Neovison vison</i>	mamífero	449
<i>voaninha</i>	desig. comum lepidópteros diurnos	inseto	293
<i>xíbia</i>	<i>Sepia officinalis</i>	molusco	337
<i>xilgaro</i>	<i>Carduelis carduelis</i>	ave	399
<i>xirim</i>	<i>Serinus serinus</i>	ave	400
<i>xorelo / chicharro / chincho / manoelinho</i> (4 tamanhos)	<i>Trachurus trachurus</i>	peixe	329
<i>zapateiro</i>	desig. comum heterópteros	inseto	
<i>zarronco</i>	criptofauna	inseto	478

ÍNDICE DA OBRA

PAG.

ANTELÓQUIO	007
I – A TERRA DE COTOBADE	009
1.1 - O meio físico	009
1.2 - O contexto histórico e socioeconómico do s. XX	010
1.3 - A paisagem tradicional e os seus usos	012
1.4 - A riqueza faunística	020
II – A METODOLOGIA	021
2.1 - Coleta bibliográfica	021
2.2 - Elaboração dos inquéritos	021
2.3 - Os informantes	022
2.4 - As entrevistas	024
2.5 - Identificação dos etnotaxones	025
III – AS DENOMINAÇÕES	026
3.1 - Nomeados e não nomeados	028
3.2 - Profusão dos nomes e variantes	028
3.3 - Número de nomes e variantes por animal	028
3.4 - Considerações de género	032
3.5 - Apreciações etáreas e outras	033
3.6 - A distribuição diatópica	033
3.7 - Os homónimos	035
3.8 - Origem dos nomes	035
3.9 - Semelhanças com o padrão português	039
3.10 - A castelhanização	039
3.11 - Nomes em verbo	040
3.12 - Outro vocabulário relacionado	041
3.13 - Locuções e fraseologia associada	041
IV – ETNOTAXONOMIA	043
4.1 - Etnotaxonomia anatómico-morfológica	045
4.2 - Outras etnotaxonomias	049
V – OS SABERES TRADICIONAIS	050
5.1 - A ciência popular e a ocidental	051
5.2 - Conhecimentos anatómico-mofológicos	055
5.2.1 Topografia corporal	055
5.2.2 Secreções e fluidos	057
5.2.3 Tamanho	060
5.2.4 Morfologia	061
5.2.5 Cores e desenhos	062
5.2.6 Formosura e fealdade	064
5.2.7 Doenças da fauna	066
5.3 - Conhecimentos competenciais e comportamentais	067
5.3.1 Os sentidos	067
5.3.2 Mobilidade	067
5.3.3 Sons	071
5.3.4 Inteligência	075
5.3.5 Idade	077
5.3.6 Toxicidade	078
5.3.7 Higiene	086
5.3.8 Temperamento	087
5.4 - Conhecimentos biológicos	089
5.4.1 Evolução e transformações	089
5.4.2 Habitat	091
5.4.3 Covis e ninhos	094
5.4.4 Atividade diurna	097

5.4.5	Estacionalidade.....	099
5.4.6	Alimentação.....	101
5.4.7	Controlo de espécies daninhas.....	109
5.4.8	Reprodução.....	118
5.4.9	Gregarismo.....	123
5.5	A perda dos conhecimentos.....	125
VI	O SIMBOLISMO CULTURAL.....	132
6.1	Classificação genérica.....	132
6.2	Animais sagrados e malditos.....	136
6.3	Elementos faunísticos extrapoláveis aos humanos.....	141
6.4	Qualidades humanas atribuídas aos animais.....	144
6.5	A criptofauna.....	147
6.6	O vínculo de género.....	148
6.7	Implicações amoroso-sexuais.....	150
6.8	O vínculo afetivo.....	151
6.9	O efeito evocativo.....	152
6.10	A domesticação.....	152
6.11	A fauna na nossa literatura oral.....	154
6.12	Zootoponímia.....	156
6.13	A fauna na iconografia local.....	158
VII	USOS DA FAUNA.....	161
7.1	As atividades extrativas.....	161
7.1.1	Atitudes conservacionistas.....	161
7.1.2	Atividades extrativas próprias das crianças.....	163
7.1.3	A caça.....	165
7.1.4	A pesca.....	194
7.2	Usos alimentares.....	211
7.3	Uso como vestimenta.....	218
7.4	Usos curativos.....	221
7.5	Fauna preditiva e anunciativa.....	225
7.6	Usos sociais e outros.....	230
7.6.1	Lúdicos-recreativos.....	230
7.6.2	Uso estético.....	235
7.6.3	Uso comercial-medicinal.....	235
7.6.4	Usos mágicos e rituais.....	235
7.6.5	Outras serventias.....	237
VIII	A NOSSA RECOLHA (etnotextos).....	239
8.1	Bichinhos (invertebrados não marinhos).....	239
8.2	Cobras, lagartos e sabandijas (répteis e anfíbios).....	294
8.3	Peixes.....	317
8.4	Mariscos (invertebrados marinhos).....	334
8.5	Paxaros (aves).....	338
8.6	Animales (mamíferos).....	400
8.7	Criptofauna (animais umbráticos).....	450
ANEXO I	Vocabulário local relacionado com os animais silvestre.....	456
ANEXO II	Toponímia cotobadense alusiva à sua fauna selvagem.....	465
ANEXO III	Lista de informantes.....	468
ANEXO IV	Bibliografia e fontes documentais.....	470
ÍNDICE DE NOMES VULGARES.....		472
ÍNDICE DA OBRA.....		476

